

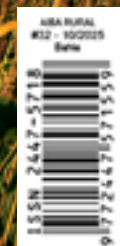
# aiba

33  
ANO XII  
1º SEMESTRE DE 2026

# RURAL

A revista do agronegócio da Bahia

**Cerrado baiano:**  
uma das fronteiras  
agrícolas mais  
dinâmicas  
do mundo



# PRODEAGRO

Programa para o Desenvolvimento da Agropecuária



O PRODEAGRO É UM FUNDO GERIDO PELA AIBA  
COM PARTICIPAÇÃO DO GOVERNO DA BAHIA,  
ABAPA E FUNDAÇÃO BAHIA.



NASCENTES  
DO OESTE

O programa financia projetos que impulsionam o desenvolvimento socioeconômico e ambiental, fortalece a infraestrutura e geram impactos diretos no agronegócio e na vida do produtor rural.



# Expediente

## aiba <sup>33</sup> ANO XII 1º SEMESTRE DE 2026 RURAL

A revista do agronegócio da Bahia

### A REVISTA DO AGRONEGÓCIO DA BAHIA

A *Aiba Rural* é uma publicação semestral da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba)

### COORDENAÇÃO

Lizane Ferreira – Diretora Executiva

### EDIÇÃO

Iuri Fardin e Romar Rudolfo Beling – Editora Gazeta

### PRODUÇÃO DE TEXTO

Iuri Fardin, Bruna Lovato e Romar Rudolfo Beling – Editora Gazeta

### REVISÃO

Maurício Martins – Gerente de Comunicação e Marketing  
Ana Lúcia Souza – Assessora de Imprensa Aiba - SRTE/BA 3938  
Izabel Lemos – Analista de Comunicação

### FOTOS

Banco de imagens da Aiba, Léo César, Júnior Ferrari e arquivo da Editora Gazeta. Foto de capa: Júnior Ferrari

### DIAGRAMAÇÃO

Márcio Oliveira Machado  
para Editora Gazeta Santa Cruz LTDA.

### TIRAGEM-IMPRESSÃO

2.500 exemplares - Impresso na Gráfica Irmãos Ribeiro - Barreiras - BA

### COMERCIAL

Veridiane Carvalho – Gerente Administrativa/Financeira  
Isabella Santos

### CONSELHO EDITORIAL E CIENTÍFICO

Dr. Adilson Alves Costa  
Dr. Adriano David Monteiro de Barros  
Dr. José Domingos Santos da Silva  
Dr. Jorge da Silva Júnior

### EQUIPE TÉCNICA:

Aloísio Júnior - Gerente de Agronegócios  
Alan Malinski - Gerente da Bahia Farm Show  
Eneas Porto – Gerente de Sustentabilidade  
Luiz Stahlke – Gerente de Infraestrutura  
Sunny Aaron – Gerente do Instituto Aiba



### ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA (AIBA)

Avenida Ahylon Macêdo, 919, Morada Nobre, Barreiras (BA),  
CEP 47810-035 / (77) 3613-8000

### DIRETORIA AIBA - BIÊNIO 2025/2026

PRESIDENTE: Moisés Almeida Schmidt

1º VICE-PRESIDENTE: Luiz Carlos Bergamaschi

2º VICE-PRESIDENTE: Willian Seiji Mizote

DIRETOR ADMINISTRATIVO: André Schwaab - SLC Agrícola

VICE-DIRETOR ADMINISTRATIVO: Valter Gatto

DIRETORA FINANCEIRA: Cristina Gross

VICE-DIRETOR FINANCEIRO: Marcelo Sader

### CONSELHO FISCAL – TITULARES

Ivanir Schallenberger Pradella  
João Carlos Jacobsen Rodrigues Filho  
Anna Maria Zancanaro Zanella

### CONSELHO FISCAL SUPLENTE

Caracol Agropecuária Ltda  
Patricia Kyoko Portolese Morinaga  
Rafael Martelli D'Agostini

### CONSELHO TÉCNICO

Orestes Mandelli  
Luiz Bergamaschi  
Rafael Zacarias  
Raimundo Santos  
Fernando Andrade  
José Cláudio Oliveira  
Rodrigo Missio

### CONSELHO CONSULTIVO

Humberto Santa Cruz Filho  
João Carlos Jacobsen Rodrigues  
Walter Yukio Horita  
Julio Cezar Busato  
Celestino Zanella  
Odacil Ranzi



É permitida a reprodução de informações desta revista, desde que citada a fonte.  
Reproduction of any part of this magazine is allowed, provided the source is cited.

## 500 NOVOS MERCADOS. UM SÓ DESTINO: O AGRO BRASILEIRO LÁ FORA.

Desde 2023, o Brasil abriu mais de 500 mercados externos para produtos nacionais em mais de **80 países, nos cinco continentes**. Para o agronegócio brasileiro, isso significa uma coisa só: mais espaço para vender, em mais lugares, com mais respaldo.

**O Brasil é líder global na exportação de soja, café, carne bovina, celulose, frango, etanol e algodão.** Essa liderança não é destino — é resultado de quem produz com competitividade e chega primeiro onde a demanda cresce.

Da fazenda à indústria, do pequeno produtor à grande trading: se você exporta — ou quer exportar —, há 500 portas a mais abertas para o seu produto.

**A ApexBrasil está com você em cada uma delas.**



apexBrasil

MINISTÉRIO DO  
DESENVOLVIMENTO,  
INDÚSTRIA, COMÉRCIO  
E SERVIÇOS

GOVERNO DO  
BRASIL  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



EDITORA GAZETA

EDITORA GAZETA SANTA CRUZ LTDA.

CNPJ 04.439.157/0001-79  
Rua Ramiro Barcelos, 1.224,  
CEP: 96.810-900, Santa Cruz do Sul/RS  
Telefone: 0 55 (xx) 51 3715 7940  
Fax: 0 55 (xx) 51 3715 7944  
redacao@editoragazeta.com.br  
comercial@editoragazeta.com.br  
www.editoragazeta.com.br

# Sumário

**08** – Editorial

**10** – Entrevista Exclusiva

ROBERTO RODRIGUES – Professor Emérito da Fundação Getúlio Vargas – Agro

**12** – Apresentação

**18** – Editoria especial

**26** – Bahia Farm Show

**38** – Tecnologia e sustentabilidade

**44** – Infraestrutura e segurança

**54** – Sucessão Rural

**58** – Liderança feminina

**62** – Atuação estratégica

**66** – Atuação social

**70** – Números do Cerrado

**74** – Artigos



@bancodordeste



O Banco que é do Nordeste,  
também é o banco  
do agronegócio  
e patrocinador da  
Bahia Farm Show 2026.





# Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia Bahia Farm Show — Edição Especial 2025

O CERRADO BAIANO E OS 20 ANOS DE UMA FEIRA QUE TRANSFORMOU O AGRONEGÓCIO NACIONAL



**H**á vinte anos, o Oeste da Bahia era visto por muitos como uma promessa distante. Solos ácidos, infraestrutura precária, distâncias imensas dos grandes centros consumidores e uma incerteza quase permanente sobre o potencial produtivo da região formavam o cenário que os pioneiros do Cerrado baiano decidiram, com coragem e visão estratégica, enfrentar. Hoje, contemplamos o resultado dessa decisão — e ele é extraordinário.

O Oeste da Bahia consolidou-se como um dos maiores polos produtores de grãos, fibras e proteína animal do Brasil. A região é hoje referência mundial em produtividade, tecnologia agrícola e expansão sustentável — e parte fundamental dessa trajetória está inscrita na história da Bahia Farm Show. Nascida em 2004 como uma iniciativa de união regional, a feira cresceu junto com o Cerrado: de um ponto de encontro local a um complexo expositivo de 40 hectares que dita o ritmo do agronegócio nacional. Em 2025, com 162.370 visitantes, 434 expositores e mais de 1.125 marcas presentes, a Bahia Farm Show celebra duas décadas de existência como uma das maiores vitrines do agro brasileiro.

## UMA TRANSFORMAÇÃO CONSTRUÍDA POR PESSOAS

A trajetória do Cerrado baiano não é obra do acaso. Ela foi construída por famílias que chegaram à região dispostas a investir em um território ainda inexplorado, por pesquisadores que transformaram solos considerados inférteis em áreas de alta produtividade, por jovens que hoje herdam esse legado com a responsabilidade de levá-lo adiante. Esta edição especial da revista Aiba Rural é, antes de tudo, uma homenagem a essas pessoas.

Nas páginas que seguem, você encontrará matérias que narram diferentes dimensões dessa história. A evolução da Bahia Farm Show, que passou de regional a potência nacional. O papel estruturante da infraestrutura viária, com mais de 500 quilômetros de estradas pavimentadas e 12 pontes construídas a partir da cooperação entre produtores, Aiba e poder público. Os desafios e as soluções energéticas que serão determinantes para o próximo ciclo de crescimento da

região. A revolução silenciosa das energias renováveis dentro das propriedades. O processo de sucessão rural, que garante à nova geração as ferramentas para assumir um agronegócio mais complexo, tecnológico e competitivo. E a atuação institucional que transforma demandas do campo em políticas públicas concretas.

## DESAFIOS À ALTURA DO POTENCIAL

Seria ingênuo comemorar duas décadas sem reconhecer que o caminho à frente exige tanto quanto o percorrido até aqui. A limitação da infraestrutura energética, com uma demanda reprimida estimada entre 2,1 e 2,9 gigawatts para os próximos dez anos, é um dos principais gargalos que precisam ser enfrentados com urgência. Sem energia confiável e capilarizada, a expansão da agricultura irrigada encontra seu teto. Projetos de agroindustrialização ficam represados. Investimentos se desmobilizam.

Da mesma forma, a infraestrutura rodoviária — embora tenha avançado de forma expressiva — ainda carece de investimentos estruturantes, especialmente na modernização da BR-242, na conclusão de trechos críticos da BR-135 e na integração com modais ferroviários como a Fiol e a Ferrovia Norte-Sul. A logística do Oeste baiano é, em grande medida, a logística da segurança alimentar brasileira — e ela merece tratamento estratégico à altura de sua importância.

A sustentabilidade, por sua vez, deixou de ser pauta opcional para tornar-se condição de acesso aos mercados internacionais. Regulamentações globais sobre desmatamento, exigências de rastreabilidade e padrões socioambientais cada vez mais rígidos demandam que o produtor brasileiro esteja permanentemente à frente. O Cerrado baiano já deu passos importantes nessa direção — e a Aiba continuará atuando para que as boas práticas da região sejam reconhecidas e valorizadas onde quer que nossa produção chegue.

## O PAPEL DA AIBA NESTE NOVO CICLO

A Aiba não é apenas um observador dessa história — é parte constitutiva dela. Ao longo de duas décadas, a associação

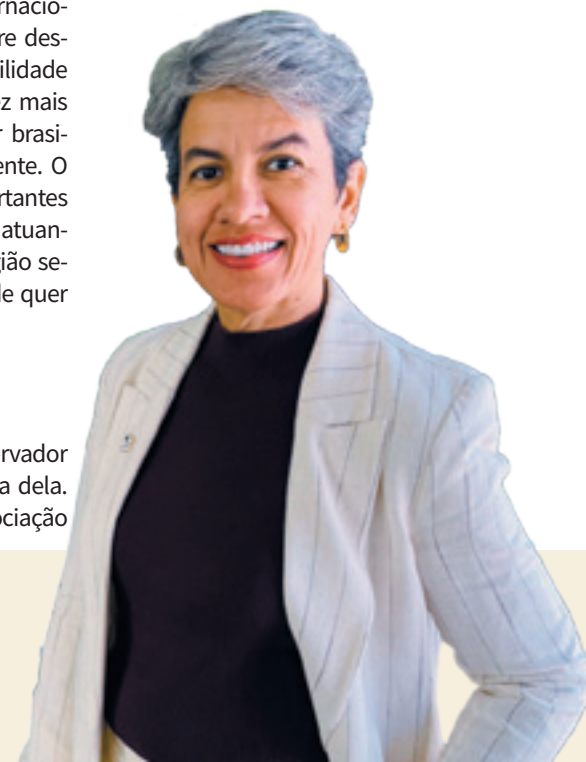
organizou demandas, fortaleceu a governança setorial, ampliou o diálogo com governos estadual e federal, participou de conselhos regulatórios, viabilizou infraestrutura e levou a voz dos produtores do Cerrado baiano aos centros de decisão do país. Essa atuação será ainda mais necessária no próximo ciclo.

Um agronegócio mais sofisticado, mais tecnológico e mais inserido no mercado global exige uma representação institucional à altura dessa complexidade. Isso significa atuar com base em dados técnicos sólidos, construir parcerias estratégicas com instituições de pesquisa e financiamento, antecipar debates regulatórios que impactam o campo e garantir que as pautas do Cerrado baiano sejam tratadas como prioridade nacional — porque, de fato, o são.

## BOA LEITURA E BONS NEGÓCIOS

Esta edição especial é um convite à reflexão e ao orgulho. Orgulho de tudo que foi construído. Reflexão sobre o que ainda precisa ser feito. Que as matérias aqui reunidas sirvam não apenas como registro de uma trajetória extraordinária, mas como mapa para o próximo capítulo de um território que continua se afirmando como referência global em produtividade, inovação e capacidade de transformação.

O Cerrado baiano não chegou até aqui por acaso. E não chegará ao futuro sem planejamento, articulação e compromisso. Estamos juntos nesse caminho.



### LIZANE FERREIRA

Diretora Executiva  
Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba)  
Instituto Aiba

ROBERTO RODRIGUES

Professor Emérito da Fundação Getúlio Vargas – Agro

“ Não vivemos uma nova ordem econômica. Vivemos uma desordem econômica.”



EX-MINISTRO DA AGRICULTURA, PRODUTOR RURAL E REFERÊNCIA PARA GERAÇÕES DE PESQUISADORES E ESPECIALISTAS DO AGRO NO BRASIL, O ENGENHEIRO AGRÔNOMO **ROBERTO RODRIGUES** AVALIA O CENÁRIO ATUAL E DESCORTINA UM OLHAR PARA O FUTURO DO SETOR

**Revista Aiba Rural – Como o senhor vê o momento do agronegócio brasileiro nestes primeiros meses de 2026, em meio a um cenário internacional de turbulências, conflitos, e mesmo após guerra de tarifas? É um momento promissor ou segue de muita inquietação?**

**Roberto Rodrigues** – Bom, eu acho que nós vivemos um momento extremamente delicado para o agro brasileiro, com problemas de toda ordem. Diria até que é uma crise muito profunda. Eu já estou com idade suficiente para ter vivido outras crises, mas nenhuma nessa proporção, porque nessa aqui tem os nossos problemas internos: Custo Brasil, juros insuportáveis, tributação pesada... Os insumos subiram, e os preços da produção caíram. É um cenário péssimo, péssimo. Se somam guerra, insumos mais caros, ainda o combustível...

Então, é um cenário muito ruim, difícil, geopoliticamente complexo. Não é uma nova ordem econômica, é uma nova desordem econômica: nada é claro, ninguém sabe o que vai ser segunda-feira que vem. E a isso se soma uma polarização política. A eleição complica todo esse processo, com um viés só de busca da vitória eleitoral. Há um endividamento muito grande no País: no Rio Grande do

Sul isso está mais problemático, porque teve a catástrofe da enchente recente, e isso não está resolvido ainda, mas agora isso se estendeu para outras regiões do país, que também tiveram problemas de clima, menos chuva, excesso de chuva, a produtividade foi baixa em geral, e com isso a renda ficou muito pequena, ou negativa. O endividamento cresceu muito e o cenário não é positivo. Vai melhorar no ano que vem? Nada diz que vai melhorar.

**O que o senhor entende que seja medida mais urgente, em contexto assim?**

Há uma necessidade de uma ação política ampla, de Estado, de governo, que permita uma solução desse problema todo. E aí, lá no Congresso, tem um dos dois que buscam uma espécie de securitização das dívidas do produtor rural, mas não há entendimento com o governo. Por isso, há uma incerteza enorme, interna. E as circunstâncias externas também não ajudam em nada. Alguns setores estão particularmente desastrosos: cana-de-açúcar, por exemplo, é um desastre, uma tragédia, até porque o governo subsidia a gasolina e o álcool não, então desmonta o processo todo. Aliás, a Dilma [Rousseff, ex-presidente] fez a mesma coisa, foi uma tragédia que até hoje não se consertou

ainda. Então, é um cenário bastante complicado

Eu diria que tem um ou dois setores que são um pouco menos prejudicados: café ainda está num preço bom, apesar de ter caído bastante, mas ainda tem um preço bom, consequência de problemas de clima em anos anteriores. Mas, em compensação, tem tanta gente plantando café que daqui a dois, três anos vai ser outro problema o café também.

**Surgem algumas oportunidades?**

Por outro lado, a guerra trouxe finalmente um entendimento de que o Brasil tem solução. Que tem o etanol, de cana e de milho; tem o biodiesel de soja desenvolvido. Faz 50 anos que tem o etanol, mas agora é que alguns iluminados descobriram que o Brasil tem solução, que é a saída do biocombustível. E, provavelmente, vai acontecer a mesma coisa com os alimentos, porque há essa questão do efeito horrível (que não está passando) do fertilizante, o corretivo, o enxofre, que não está chegando para ninguém.

Provavelmente vai haver uma estação de plantio do próximo ano, desse ano para a frente, com menos tecnologia. E, se essa guerra [no Irã] demorar mais tempo, isso pode gerar uma redução de ofer-

ta dramática, com inflação de alimentos e tudo mais. E aí alguns iluminados vão dizer “ah, mas o Brasil pode resolver o problema!” Nós estamos cansados de saber isso, que a solução está aqui dentro de casa, tanto com a energia quanto com alimentos, mas sempre tem gente que demora para perceber as coisas acontecendo.

Em resumo: acho um ano muito ruim, e acho que o ano que vem não será bom também. Mas o horizonte de longo prazo é positivo. O mundo enfrenta dificuldades muito grandes, na área da segurança ambiental, da segurança energética, nas questões climáticas, e tudo isso pode ser resolvido pelo Brasil em uma grande coordenação com o mundo tropical

Porém, como reitero sempre: o futuro é brilhante, mas o futuro não interessa aos mortos. Precisamos sobreviver para chegar a esse futuro, e a sobrevivência vai depender de alguns fatores que ainda não estão claros.

**O curioso é que o Brasil, nesse contexto, está, ao que tudo indica, colhendo uma nova supersafra, novamente batendo recorde. Mas fica a sensação de que ela poderia estar sendo muito melhor para as finanças nacionais...**

É, essa supersafra tem uma vantagem para o país, para o consumidor brasileiro. Os alimentos, em geral, estão mais baratos do que estiveram há dois, três anos, bem mais baixos. Portanto, a agricultura é um fator que ajuda no combate à inflação, rigorosamente. Está ajudando muito, a exportação vai ser muito grande, e o saldo comercial. Também a agricultura vai contribuir bastante nesse ano aqui, como nos anos anteriores.

Então, o país está sendo ajudado pela agricultura, mas o setor privado, agrícola, não está, porque as margens desapareceram, ou são negativas. Aí há esse contraponto: a sociedade urbana é beneficiada, a economia brasileira é beneficiada, mas o setor rural está sofrendo muito.

E o que nós temos que pensar, estrategicamente, é quanto o sofrimento atual vai perturbar o agro amanhã, no ano que vem, no outro ano. Vai faltar fertilizante. Um ano só não é problema para a agricultura, um ano só, nós estamos trabalhando com tanta tecnologia nos últimos 20, 30 anos, que um ano com menos fertilizante não vai afetar duramente a produção. Os históricos estão altos, e não tem problema ainda de oferta no ano que vem.

Mas, mantendo esse processo, vamos pensar em relação aos alimentos, daqui a dois anos, e aí o agro pode ter uma vantagem com preço melhor, mas a sociedade não. É preciso compreender esse contraponto entre rural e urbano, e fazer uma estratégia que ambos caminhem juntos, em uma forma de benefício coletivo. E isso é questão estratégica, que é papel do governo, papel do Estado: nós devemos trabalhar harmoniosamente.

**O senhor consegue ver algumas regiões do país mais preparadas hoje, com mais resiliência?**

Uma coisa que caracteriza a contemporaneidade é que as margens por unidade de produto ficaram cada vez menores. De modo que a renda sai na escala. Onde essas coisas estão sendo positivas, onde é positivo? Com duas características. A primeira, para quem teve produtividade acima da média, que produziu bastante, com bom padrão tecnológico, com boa gestão, com equilíbrio. Esse vai ficar no azul e vai tocar a vida para frente. Já onde a produtividade é baixa, abaixo da média, não tem solução.

Por outro lado, as cooperativas, mais eficientes, mais resilientes, defenderam seus cooperativados também, e garantiram uma inclusão social razoável, mesmo para quem não foi muito bem em produtividade. As cooperativas têm um colchão de crédito que permite o suprimento. Então, o momento deveria ser favorável para quem teve produtividade alta, e cooperativa agropecuária bem organizada, que trabalhou com apoio. Onde houve isso, tem sucesso.

“ O país está sendo ajudado pela agricultura, mas o setor privado agrícola não, porque as margens desapareceram. Aí há esse contraponto: a sociedade urbana é beneficiada, a economia brasileira é beneficiada, mas o setor rural está sofrendo muito.”

E onde choveu bem, no Centro-Oeste, igualmente foi uma coisa melhor. Por isso, é uma região que tem mais condições de sobrevivência do que outras.

**O senhor sempre tem sido defensor enfático dos cuidados com recursos naturais... O senhor consegue ver o Brasil hoje mais consciente disso, ou ainda continua sendo muito inconsequente?**

Boa pergunta. Com muita frequência, jornalistas estrangeiros perguntam: “a agricultura brasileira está preparada para esse debate?” Eu digo o seguinte: “a agricultura brasileira não é onda”.

Não é uma de duas ideias. Você tem várias culturas brasileiras. Você não pode comparar a cultura da Serra Gaúcha com a cultura de Rondonópolis (MT) ou de Sergipe. São muito diferentes. A sua pergunta digo o seguinte: “olha, eu ando muito, viajo o tempo inteiro, correndo o Brasil inteiro, e acho que o número prevalente de produtores brasileiros, prevalente, não vou dizer quanto, mas entre 80% e 90% dos brasileiros, estão preparados para enfrentar qualquer circunstância, qualquer problema de caráter ambiental ou tecnológico, e topam qualquer parada. Tem 10% a 20% que ainda não estão. Por circunstâncias diversas; não é porque não querem, é porque não chegou ainda a formação adequada, não entendem os processos todos.

**O que o senhor entende que devam ser as prioridades em relação ao agro nos próximos anos?**

De uma maneira geral, o Brasil está bem preparado. Falta ainda alguma coisinha, mas estamos no bom caminho. Diria, aliás, e tenho repetido muito isso: nós precisamos de um pacote central, que tem cinco temas principais.

Primeiro: logística e infraestrutura. O Brasil ainda carece de logística e infraestrutura, sobretudo na região do Centro-Oeste.

Segundo: política de renda. O Brasil é o único importante do mundo que não tem agricultura com renda determinada. Eu criei o Seguro Rural há 22, 23 anos, quando era ministro da Agricultura. Até hoje o Seguro Rural não funciona porque o governo não faz a parte dele. Isso é uma coisa central ainda para estabilizar o processo.

Terceiro: falta acordo comercial que garanta o nosso crescimento e a produção. Por exemplo, a China, nosso maior parceiro. Um terço do nosso mercado é aderido para a China. E não temos acor-

## “É preciso focar em logística, infraestrutura, política de renda, acordo comercial, tecnologia e cooperativismo”

do comercial com a China. E nem com a Índia, com outros países asiáticos. Precisa haver acordo comercial para que a gente tenha a visão de crescimento estável, segura, garantida.

Quarto: tecnologia. A plataforma tecnológica é central. O Brasil cresceu nos últimos 30 anos por causa da tecnologia, que avançou espetacularmente, sobretudo tropicalizando.

E quinto: cooperativismo. Um associativismo que traga o pequeno cada vez mais para junto, que o inclua. Aqui tem um pormenor que acho relevante. Com a economia globalizada, a margem por unidade de produto foi diminuindo. Então, a renda na agricultura está na escala. E o pequeno não tem escala; portanto, ele está fora. Nos países desenvolvidos ele não está morto porque o subsídio garante a vida dele. Na Europa, nos Estados Unidos, o subsídio garante a sobrevivência. Mas aqui não tem subsídio, não tem renda para isso. A solução é cooperativa. O cara faz a escala na cooperativa.

Esses cinco pontos constituem um grande pacote. Mas o papel de embrulho disso tudo se chama sustentabilidade. Tem que ser sustentável, se não os mercados vão escassear cada vez mais. A competitividade depende da sustentabilidade.

### O senhor está confiante com relação a um benefício do acordo com a União Europeia e, a partir dele, talvez se destravem agora outros acordos?

O acordo União Europeia-Mercosul era negociado há mais de 25 anos. Particpei disso antes de ser ministro e depois de ser ministro, trabalhando nesse processo todo. Eu tinha a visão clara de que para a Europa era muito importante esse acordo, porque a polarização entre Estados Unidos e China hoje deixou a Europa enfraquecida no processo comercial global. Para ela, União Europeia, era fundamental o acordo.

Mas eles resistiram, resistiram e acabaram meio que compelidos para esse acordo na situação atual, nessa desordem econômica que o mundo vive hoje. O que acho que falta, e vou dizer, é uma palavra que alguns vão achar que é bobagem. Falta amor. Faltam vontade, desejo nessa integração toda.



De modo que acho que os resultados serão pífios no começo do processo; 15 dias depois a Europa criou um problema para a carne brasileira. Ou seja, vamos ter problemas, vários problemas ao longo do tempo, nessa mesma direção. Vejo um começo lento, de avanços positivos demorados, mas sou muito confiante nesse processo.

Com o tempo ficará evidente que a nossa capacidade de suprir a Europa é maior do que a que eles têm, e com menos risco para eles. Acredito que com o tempo isso vai trazer vantagens para nós. Teremos problemas em algumas áreas. Em industrializados, máquinas agrícolas, mas com o tempo isso também trará competição, tecnologia. À tua pergunta tem que responder assim: “olha, no curto prazo não vejo grandes vantagens, mas no médio e longo prazo acho que é uma coisa importantíssima”.

Aliás, tocaste num ponto fundamental, e ninguém fala sobre isso por aqui.

“Com o tempo ficará evidente que nossa capacidade de suprir a Europa é maior do que a que eles têm, e com menos risco para eles. Isso vai trazer vantagens para nós. Mas teremos problemas em outras áreas.”

O acordo União Europeia-Mercosul tem uma vantagem adicional que é a seguinte: um acordo dessa natureza é um aval, digamos assim, para que outros países façam acordo com o Mercosul ou com o Brasil, particularmente ou com os países do Mercosul.

Por quê? Porque as exigências ambientais, sanitárias e tecnológicas que a União Europeia faz são uma baliza muito alta, a regra está muito alta. De modo que, se um país qualquer observar, “bom, se a União Europeia fez um acordo com o Mercosul, também vou fazer”. É como se pegasse um banco muito rigoroso, muito duro, que abre financiamento para uma cooperativa ou uma instituição; se passou lá, vai passar aqui também. Então, acho que o acordo traz esse benefício, que você colocou muito bem, parabéns, porque não vejo ninguém se preocupar com isso

### O senhor representou o agro na COP30, em Belém do Pará. Como avalia aquela conferência?

Há uma questão interessante a considerar. Nas 29 COPs anteriores, a agricultura não era tema. Alimento era tema, agricultura não. Como se fosse possível segregar um do outro. Na COP30, o presidente da edição, o embaixador André Corrêa do Lago, um homem que conhece a agricultura, me pediu para ser um Enviado Especial. E levei a agricultura tropical para mostrar para o mundo inteiro.

Foi uma fortíssima e eficiente participação da Embrapa, que tem uma estação em Belém do Pará, e lá criou uma vitrine tecnológica, que os estrangeiros iam visitar. Aí caiu o queixo deles. Foi uma exposição permanente e viva do agro tropical brasileiro. Preparei documento amplo, de 150 páginas, em inglês, que tinha a história da Embrapa durante 50 anos, e mais a visão para frente: questão energética, alimentar, sustentabilidade etc. Foi distribuído para todo mundo lá. E fizemos muitos eventos.

O agro brasileiro ficou conhecido como agro tropical sustentável. E isso ficou marcado a tal ponto que a Turquia, que vai sediar a próxima COP, pediu o modelo. Eu diria para você que nós conseguimos mostrar para o mundo que o nosso agro é de fato tropical e sustentável, e replicável no cinturão tropical do planeta.

# Onde o BNDES planta, o futuro acontece

Com o **BNDES Crédito Rural**, produtores e cooperativas de todos os portes, além de empresas que atuam no segmento agro, contam com o financiamento certo para todas as suas necessidades, com condições especiais:

- Disponível o ano inteiro
- Até 3 anos de carência e até 15 anos para pagar
- Taxa fixa em dólar para agroexportadores
- Capital de giro para cooperativas
- Crédito isento de IOF para diversas finalidades



Fale com sua instituição financeira

Saiba mais em: [agro.bndes.gov.br](http://agro.bndes.gov.br)

**BNDES** O banco nacional do desenvolvimento

GOVERNO DO **BRASIL**  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

# A construção de uma potência agrícola

EM POUCO MAIS DE QUATRO DÉCADAS O CERRADO BAIANO PASSOU DE UMA TERRA DE INCERTEZAS À POTÊNCIA AGRÍCOLA NACIONAL

**D**urante muito tempo, o Cerrado baiano foi visto como uma região de potencial incerto. Solos ácidos, baixa fertilidade natural, infraestrutura limitada e grandes distâncias dos principais centros consumidores faziam do Oeste da Bahia um território considerado desafiador para a agricultura em larga escala. Ainda assim, um grupo de produtores decidiu apostar na região quando poucos acreditavam em sua viabilidade produtiva. Décadas depois, o resultado dessa decisão transformou a região em uma das principais fronteiras agrícolas do planeta.

Hoje, o Cerrado da Bahia figura entre os maiores polos produtores de grãos, fibras e proteína animal do Brasil. A região tornou-se referência em produtividade, tecnologia agrícola e expansão sustentável, consolidando-se como peça estratégica da segurança alimentar global. Essa transformação não ocorreu por acaso. Ela foi construída a partir da combinação entre condições naturais favoráveis, avanço científico, empreendedorismo rural, organização institucional e forte capacidade de adaptação tecnológica.

Para Aloísio Júnior, gerente de Agronegócio da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), o sucesso é resultado da convergência de fatores que se fortaleceram mutuamente ao longo das últimas décadas. “A transformação do Cerrado baiano é resultado da soma entre uma natureza favorável, os avanços da ciência, a organização institucional e, sobretudo, o espírito empreendedor dos produtores”, afirma.

A base natural da região sempre foi relevante. O Cerrado baiano possui grande extensão territorial, relevo predominantemente plano, luminosidade abundante e clima favorável à produção agrícola tropical. A altitude e o regime de chuvas relativamente bem definido também contribuíram para criar um ambiente produtivo altamente competitivo. O grande desafio, porém, era transformar solos naturalmente pobres em áreas altamente produtivas.

Foi justamente nesse ponto que a ciência brasileira teve papel decisivo. O avanço das pesquisas agronômicas, especialmente aquelas conduzidas pela Embrapa, permitiu desenvolver técnicas de correção e fertilização capazes de transformar o Cerrado em uma potência agrícola. O que antes era considerado inadequado para lavouras passou a registrar produtividades comparáveis às melhores médias mundiais.

Além da correção do solo, o desenvolvimento de cultivares adaptadas às condições do Cerrado tropical foi determinante para a consolidação da região. Variedades de soja ajustadas ao fotoperíodo local, híbridos de milho de alta performance e algodão adaptado às condições climáticas do Cerrado baiano permitiram ganhos expressivos de produtividade e estabilidade.

“A escolha criteriosa de cultivares adaptadas às condições locais, associada ao manejo adequado do solo e à nutrição equilibrada das plantas, é fundamental para fortalecer a sustentabilidade agronômica, econômica e ambiental das lavouras”, destaca Aloísio Júnior.

Ao longo do tempo, o Cerrado baiano deixou de ser apenas uma promessa agrícola para se tornar um símbolo da capacidade brasileira de desenvolver agricultura tropical em larga escala. A região passou a reunir produtividade elevada, gestão profissional, uso intensivo de tecnologia e crescente integração com os mercados internacionais.

## Ciência e tecnologia como alicerces

O avanço do Cerrado baiano está profundamente ligado à incorporação de tecnologia ao sistema produtivo. Em poucas décadas, a agricultura regional saiu de modelos ainda rudimentares para sistemas altamente tecnificados, integrando agricultura de precisão, biotecnologia, irrigação, monitoramento digital e análise de dados em tempo real. “O Cerrado da Bahia alcançou um alto nível de tecnificação e hoje é referência nacional em tecnologia, resiliência e adoção de boas práticas agrícolas”, afirma Aloísio Júnior.

A expansão do plantio direto foi uma das principais revoluções silenciosas da agricultura regional. O sistema trouxe ganhos importantes na conservação do solo, retenção de umidade, redução da erosão e melhoria da estrutura física das áreas agrícolas. Mais do que uma técnica de cultivo, o plantio direto consolidou uma filosofia de manejo orientada para a sustentabilidade produtiva de longo prazo.

A agricultura irrigada também ampliou significativamente o potencial da região. Com abundância hídrica proporcionada por importantes bacias hidrográficas, o Oeste da Bahia passou a incorporar sistemas modernos de irrigação, elevando produtividade, estabilidade de safra e eficiência operacional.

Para o produtor Eduardo Hakim, a disponibilidade hídrica é um dos grandes diferenciais competitivos regionais. “A região possui vantagens naturais extraordinárias, inclusive uma disponibilidade hídrica muito relevante, com importantes rios que favorecem a agricultura irrigada”, afirma. Ao mesmo tempo, ele ressalta que o avanço depende diretamente de investimentos em energia. “Um dos principais gargalos hoje é a limitação da infraestrutura energética, especialmente para projetos de irrigação.”

O uso intensivo de biotecnologia também redefiniu os padrões produtivos do Cerrado baiano. Sementes geneticamente melhoradas, bioinsumos, manejo biológico de pragas e agricultura digital passaram a integrar o cotidiano das propriedades rurais. Ferramentas como drones, sensores de solo, imagens de satélite e plataformas de gestão permitiram aos produtores tomar decisões cada vez mais precisas e estratégicas.

“O uso intensivo de biotecnologia e ferramentas de agricultura de precisão tem garantido competitividade à região, mesmo em um ambiente de mercado cada vez mais exigente”, ressalta Aloísio Júnior.

Esse avanço tecnológico foi acompanhado pela formação de uma ampla rede de suporte técnico composta por empresas de insumos, cooperativas, consultorias especializadas, instituições de pesquisa e entidades representativas. A transferência rápida de tecnologia para o campo acelerou a modernização da agricultura regional e contribuiu para ganhos contínuos de produtividade.

“A região possui vantagens naturais extraordinárias, inclusive uma disponibilidade hídrica muito relevante, com importantes rios que favorecem a agricultura irrigada.”

Eduardo Hakim,  
produtor rural na região



pra tudo que  
você imaginar

# Sua produção pede inovação? Conte com o crédito rural do BB

A parceria do Banco do Brasil é pra você, produtor ou produtora rural, seguir produzindo e crescendo.

A força do agro vem da nossa gente

Conte sempre com o BB

Leia o QR Code e saiba mais



Central de Relacionamento BB  
4004 0001 ou 0800 729 0001

Ouvidoria BB  
0800 729 5678

SAC  
0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala  
0800 729 0088

@bancodobrasil  
/bancodobrasil

ou acesse  
bb.com.br

## Crescimento econômico e transformação social

O desenvolvimento do agronegócio no Cerrado baiano provocou uma profunda transformação econômica e social. Cidades que há poucas décadas possuíam infraestrutura limitada passaram a apresentar forte crescimento urbano, geração de empregos e melhoria da qualidade de vida.

Municípios como Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, Formosa do Rio Preto e São Desidério figuram hoje entre os maiores produtores agrícolas do Brasil e representam polos importantes do agronegócio brasileiro.

“O Cerrado baiano exerce hoje um papel estratégico tanto para a economia do estado quanto para o cenário nacional”, afirma Aloísio Júnior. O crescimento econômico impulsionado pela agricultura ampliou investimentos em educação, saúde, comércio, serviços e infraestrutura urbana. O avanço dos indicadores sociais acompanhou a expansão da atividade produtiva, fortalecendo a dinâmica econômica regional.

A verticalização das cadeias produtivas também trouxe impactos relevantes. A instalação de agroindústrias e unidades de processamento ampliou a geração de empregos, reduziu a dependência de atividades primárias e agregou valor à produção local. Outro fenômeno importante é o surgimento de oportunidades em áreas ligadas à prestação de serviços especializados para o agronegócio.

“Áreas como assistência técnica em sistemas hidráulicos, mecânicos e elétricos, além do fornecimento ágil de peças e suporte técnico no campo, possuem enorme potencial”, afirma Eduardo Hakim. Segundo ele, o ritmo de crescimento continuará criando oportunidades para empresas e profissionais qualificados. “O Oeste da Bahia continua em expansão, e quem apostar nesse desenvolvimento tende a encontrar um mercado muito promissor.”

## O papel das instituições e O fortalecimento regional

A consolidação do Cerrado baiano como pólo agrícola global também está diretamente ligada à atuação das instituições representativas do setor produtivo. Nesse contexto, a Aiba desempenha papel estratégico ao organizar demandas regionais, ampliar o diálogo institucional e fortalecer a governança do agronegócio baiano.

“As entidades representativas organizaram os produtores, fortaleceram a governança setorial e ampliaram a capacidade de diálogo institucional”, afirma Aloísio Júnior. Além da defesa de pautas ligadas à infraestrutura, logística, crédito rural e segurança jurídica, as entidades também tiveram papel importante na regularização ambiental e na disseminação de boas práticas agrícolas.

A implementação do Cadastro Ambiental Rural (CAR), a orientação técnica voltada ao cumprimento da legislação ambiental e os programas de sustentabilidade ajudaram a consolidar uma imagem de responsabilidade produtiva cada vez mais valorizada pelos mercados internacionais.

A presença ativa de instituições de pesquisa, assistência técnica e associações também acelerou a difusão de conhecimento científico e tecnológico. Essa interação constante entre produtores, pesquisadores e técnicos permitiu ganhos consistentes de produtividade e eficiência ao longo das últimas décadas.

Outro ponto relevante foi a capacidade de atração de investimentos privados. A expansão da produção agrícola impulsionou a chegada de beneficiadoras de soja, algodozeiras, armazéns, biorrefinarias e empreendimentos ligados à proteína animal. O resultado foi a diversificação econômica da região e a ampliação da agregação de valor à produção local.w

## O futuro da nova fronteira agrícola mundial

Mesmo diante dos desafios, o sentimento predominante entre produtores e lideranças do setor é de otimismo. O Cerrado baiano ainda possui enorme potencial de expansão produtiva, tecnológica e econômica.

“Sou muito otimista em relação ao futuro da região”, afirma Eduardo Hakim. “O Cerrado da Bahia ainda possui enorme potencial de crescimento e consolidação como referência mundial em produtividade agrícola.” Segundo ele, os jovens terão atuação decisiva nesse processo. “A nova geração precisa assumir um papel ativo, trazendo inovação, profissionalização da gestão, sustentabilidade e visão estratégica de longo prazo.”

A integração entre tradição agrícola e novas tecnologias deverá definir o próximo ciclo de crescimento regional. Ferramentas como inteligência artificial, automação, robótica agrícola, edição genética e plataformas digitais de gestão já começam a ganhar espaço nas propriedades rurais mais avançadas do Cerrado baiano.

A agenda de sustentabilidade também tende a se consolidar como diferencial competitivo. Certificações socioambientais, rastreabilidade de cadeia, manejo conservacionista e redução de impacto ambiental serão cada vez mais valorizados pelos mercados consumidores globais. Para Eduardo Manjabosco, a expansão da irrigação e o fortalecimento da pecuária representam importantes oportunidades futuras.

“Vejo que a região terá crescimento importante na produção de carnes nos próximos anos, pois temos abundância de grãos e não estamos tão longe do porto”, afirma. Ele também acredita que ainda existe potencial de valorização imobiliária e expansão produtiva na região, sobretudo em áreas ligadas à irrigação e pecuária..

O Cerrado baiano chega ao presente consolidado como uma das experiências mais bem-sucedidas da agricultura tropical mundial. A região reuniu ciência, tecnologia, empreendedorismo e organização institucional para transformar desafios históricos em oportunidades concretas de desenvolvimento.

Mais do que uma fronteira agrícola brasileira, o Oeste da Bahia tornou-se símbolo da capacidade de inovação do agronegócio nacional. Em um mundo que demanda cada vez mais alimentos, fibras e energia produzidos de forma sustentável, o Cerrado baiano desponta como uma das regiões mais preparadas para liderar o futuro da agricultura global.

## Os desafios que acompanham o crescimento

Apesar dos avanços impressionantes, o Cerrado baiano ainda enfrenta desafios estruturais importantes. A expansão da produção elevou a necessidade de investimentos em infraestrutura logística, armazenagem, energia e transporte.

A limitação da oferta de energia elétrica aparece entre as principais preocupações do setor, especialmente para projetos de irrigação e agroindustrialização. A deficiência em alguns trechos rodoviários e a necessidade de ampliação da capacidade de armazenagem também afetam a competitividade regional.

Outro desafio relevante está relacionado à segurança jurídica. Questões fundiárias, ambientais e regulatórias geram dúvidas para produtores e investidores, dificultando o planejamento de longo prazo.

Além disso, os mercados internacionais passaram a impor exigências cada vez maiores relacionadas à sustentabilidade, rastreabilidade e conformidade ambiental. Regulamentações internacionais voltadas ao combate ao desmatamento aumentaram a necessidade de comprovação de boas práticas produtivas.

Ao mesmo tempo, os custos de produção vêm crescendo de forma significativa. Insumos, energia, mão de obra, logística e crédito rural pressionam as margens dos produtores e exigem níveis cada vez maiores de eficiência operacional. A sucessão familiar também surge como tema estratégico para o futuro regional. Garantir que a nova geração permaneça no campo dependerá da capacidade do setor de oferecer rentabilidade, inovação tecnológica e perspectivas sustentáveis de crescimento.

## O produtor rural como protagonista da transformação

Embora ciência e tecnologia tenham sido fundamentais, o principal motor da transformação do Cerrado baiano foi o produtor rural. A história do Oeste da Bahia é marcada por famílias que chegaram à região dispostas a enfrentar desafios técnicos, econômicos e estruturais em busca de novas oportunidades.

Muitos produtores vieram do Sul do Brasil, trazendo experiência agrícola, cultura empreendedora e disposição para investir em um território ainda pouco explorado. Outros nasceram na própria Bahia e acompanharam de perto a evolução regional. Em comum, todos compartilharam resiliência, capacidade de adaptação e visão de longo prazo. “O principal agente transformador da região foi o próprio produtor rural”, afirma Aloísio Júnior. “A trajetória do

Cerrado baiano é marcada pela resiliência, pela disposição para assumir riscos, pelo investimento contínuo em tecnologia, capacitação e gestão.”

Segundo o produtor Eduardo Manjabosco, o perfil técnico dos produtores foi decisivo para superar os obstáculos iniciais da região. “O Oeste da Bahia tinha muitos desafios para serem superados. Quem veio para cá e prosperou não desistiu na primeira crise”, afirma. Ele destaca que o investimento em fertilidade e perfil do solo foi uma das grandes transformações estruturais. “As principais mudanças foram a conversão de áreas de Cerrado em lavouras e o investimento em fertilidade e perfil do solo, que trouxeram mais resiliência e produtividade.”

Ao longo do tempo, o agricultor do

Cerrado da Bahia passou por um intenso processo de profissionalização. A fazenda deixou de ser apenas uma propriedade agrícola para se tornar uma empresa rural estruturada, com planejamento estratégico, gestão financeira, análise de mercado e controle operacional sofisticado.

Hoje, o perfil predominante é o do produtor familiar-empresarial, que combina tradição agrícola com visão corporativa. A busca por eficiência, inovação e sustentabilidade tornou-se parte central do modelo produtivo regional. Outro aspecto marcante é o forte espírito de cooperação entre os agricultores. A troca constante de experiências, o associativismo e o aprendizado coletivo contribuíram para acelerar o desenvolvimento regional e fortalecer a competitividade do setor.





# Energia para sustentar o próximo ciclo de crescimento do Oeste baiano

ESTUDO APONTA QUE O AVANÇO DA REGIÃO JÁ PRESSIONA O SISTEMA ELÉTRICO EM ESCALA SUPERIOR À CAPACIDADE DE RESPOSTA DA INFRAESTRUTURA EXISTENTE

No Oeste da Bahia, a energia elétrica deixou de ser apenas uma necessidade operacional para se afirmar como um dos principais condicionantes do desenvolvimento regional. Em uma das fronteiras agrícolas mais dinâmicas do país, onde convivem expansão da agricultura irrigada, crescimento da armazenagem, modernização tecnológica e potencial de industrialização, a capacidade de crescer passou a depender, de forma cada vez mais direta, da robustez da infraestrutura energética.

parceiras, apurou uma demanda total projetada para irrigação e armazenagem para os próximos dez anos, de 1,8 gigawatts. A Neoenergia Coelba, por sua vez, trabalha com uma estimativa ainda mais elevada, de 2,9 gigawatts até 2036, com base em pedidos de demanda e informações repassadas por associações do setor produtivo, que abrangem diversas atividades além de irrigação e armazenagem. Em ambos os cenários, a conclusão converge: o crescimento do Oeste baiano já pressiona o sistema elétrico em uma escala superior à capacidade de resposta da infraestrutura existente.

Mais do que quantificar potência, o estudo ajuda a qualificar o problema. O consumo energético regional vem crescendo em ritmo muito acima da média nacional, impulsionado pela intensificação da agricultura irrigada, pela tecnificação das propriedades e pela ampliação das estruturas de apoio à produção. Ao mesmo tempo, a nova dinâmica econômica da região exige energia não apenas para bombear água ou operar equipamentos, mas para sustentar cadeias cada vez mais integradas, com armazenamento, beneficiamento, processamento e agroindustrialização.

Na leitura técnica do Professor Doutor Afonso Henriques Moreira Santos, um dos méritos centrais do trabalho está justamente em transformar a demanda em um diagnóstico territorial e estrutural. Em vez de tratar o tema apenas como um número agregado, o estudo organiza tecnicamente as áreas produtivas, os vetores de expansão, os pontos de carga e as necessidades futuras de atendimento. Isso permite relacionar a expansão das áreas irrigadas e dos empreendimentos produtivos com a capacidade efetiva da rede, dando mais precisão ao debate sobre onde estão os gargalos e quais investimentos precisam ser priorizados.

Essa abordagem também reforça outro ponto essencial: o desafio do Oeste da Bahia não se resume à existência de energia no sistema, mas à capacidade de levá-la, com qualidade e confiabilidade, aos locais onde a demanda cresce com maior intensidade. Em outras palavras, o principal entrave não está necessariamente na geração, mas na rede de transmissão e distribuição, nos pontos de suprimento e na estrutura necessária para garantir atendimento contínuo e compatível com a nova escala da produção regional.

A constatação é decisiva porque muda o foco da discussão. Segundo o estudo, em 2024 a demanda reprimida de energia elétrica para irrigação e armazenagem no Oeste da Bahia era de 451 MW. O déficit energético que hoje freia investimentos na região não é abstrato. Ele aparece na dificuldade de conectar novas áreas irrigadas, ampliar empreendimentos já existentes e viabilizar projetos agroindustriais que dependem de fornecimento robusto e estável. Em muitos casos, o produtor já dispõe de área, tecnologia, água e mercado, mas esbarra na indisponibilidade de energia em nível adequado para seguir adiante.



Foi nesse contexto que a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) conduziu um levantamento junto a produtores rurais e associações representativas da região, mobilizando equipes das áreas de agronegócio, sustentabilidade, estradas e energia. O objetivo foi transformar a percepção já consolidada no campo em base técnica para planejamento: medir a demanda atual, identificar a demanda reprimida e projetar o que será necessário para sustentar o avanço regional nos próximos anos.

Os dados mostram a dimensão do desafio. A Aiba, por meio de pesquisa realizada diretamente com produtores e associações

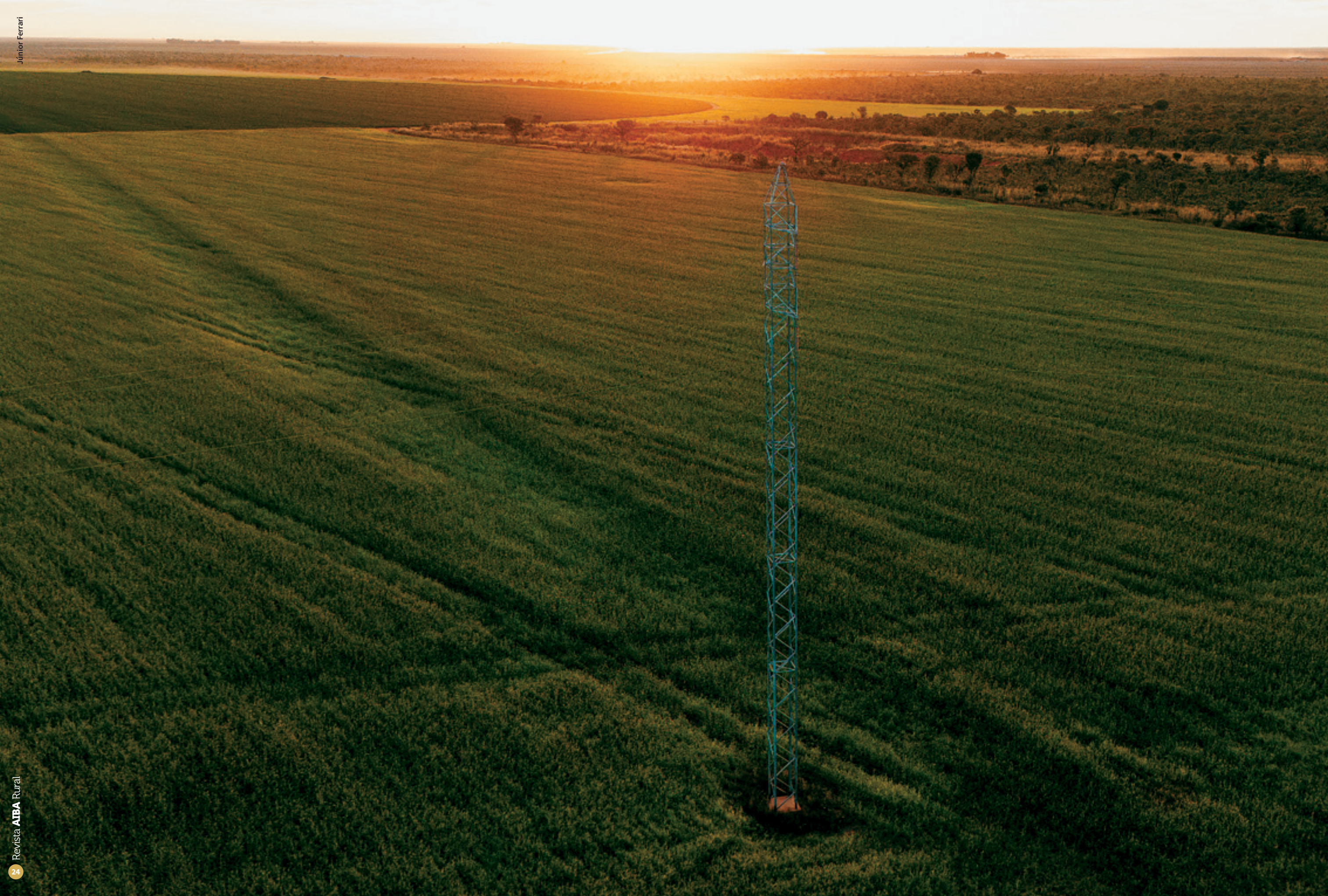


## Semeie novas conquistas com o consórcio que mais cresce no Brasil.



Dá pra ser crédito e investimento para cada vez mais brasileiros.

Lógico que dá.





## Estudo não se limita a apontar carências

Nesse cenário, o estudo da Aiba também ganha relevância por reunir não apenas projeções de demanda, mas um diagnóstico mais amplo da infraestrutura atual. Entram nessa análise as condições da rede de distribuição, os indicadores de qualidade e confiabilidade do fornecimento e a projeção do atendimento energético até 2036. O trabalho, portanto, não se limita a apontar carências: ele estrutura uma base técnica para diálogo com a concessionária, com órgãos de planejamento e com as instâncias responsáveis por orientar os investimentos no setor.

A diretora financeira da Aiba, Cristina Gross, resume o impacto desse quadro ao afirmar que a limitação energética levou a uma estagnação do crescimento regional, especialmente na agricultura irrigada e nas agroindústrias. A avaliação traduz uma preocupação crescente entre os produtores: sem energia confiável, a expansão perde ritmo, investimentos são postergados e oportunidades de agregação de valor deixam de se concretizar no próprio território.

Ao mesmo tempo, o debate abre espaço para novas soluções. O Oeste baiano reúne condições especialmente favoráveis para o avanço de fontes renováveis, com destaque para a energia solar associada a sistemas de armazenamento por baterias. Essas alternativas ampliam a inteligência do sistema e podem contribuir para maior flexibilidade operacional, especialmente em horários de ponta. Ainda assim, soluções complementares não eliminam a necessidade de reforço estrutural da rede, condição indispensável para acompanhar a velocidade do crescimento regional.

Diante desse quadro, o estudo passa a cumprir também uma função estratégica de planejamento. Com base nas informações consolidadas, a Aiba, a Neoenergia Coelba e entidades parceiras devem encaminhar o material à Empresa de Pesquisa Energética (EPE), contribuindo para o debate técnico que subsidia o planejamento nacional do setor. No âmbito desse esforço, a sugestão de inclusão de seis pontos de suprimento no planejamento energético foi apresentada pela Neoenergia Coelba, como forma de ampliar a capacidade de atendimento ao Oeste da Bahia e reduzir o descompasso entre a expansão econômica e a infraestrutura elétrica disponível.

No fundo, o que o estudo revela é que a energia se tornou uma variável estruturante para o futuro do Oeste baiano. Não se trata apenas de garantir fornecimento, mas de criar as condições necessárias para que a região continue avançando em produtividade, irrigação, industrialização e competitividade. Em uma fronteira agrícola que já opera em escala nacional, planejar energia é, cada vez mais, planejar desenvolvimento.



## Perfil

O professor e pesquisador **Afonso Henriques Moreira Santos** é uma das referências brasileiras na área de planejamento energético e regulação do setor elétrico. Graduado e mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Itajubá (Unifei), possui doutorado em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Unicamp e pós-doutorado na França, pelo CIRED/EHESS, em Paris.

Ao longo da carreira, atuou como professor titular da Unifei, orientando dezenas de pesquisas e formando especialistas em energia, recursos hídricos e sustentabilidade. Também exerceu funções estratégicas no setor público, como diretor da Aneel e secretário nacional de Energia, além de atuar como consultor e pesquisador em temas ligados à eficiência energética, geração hidrelétrica e políticas energéticas brasileiras.

Júnior Ferrari



# Quem faz o Brasil girar, conta com **soluções financeiras completas.**

Com atendimento consultivo e apoio na gestão financeira, o Sicredi é o parceiro certo para sua produção prosperar.

**Proteção**  
Com o NDF Sicredi, você protege o preço futuro de commodities trazendo mais previsibilidade para o seu fluxo de caixa sem gastos no início da operação.

**Seguros**  
Proteção completa para lavoura, pecuária, bens e máquinas.

**Consórcios**  
Conquiste veículos, maquinários e equipamentos com planos com alto índice de contemplação.

Sicredi presente na

# Bahia Farm Show

No ciclo do agro a gente segue junto com você

# 8 a 13 de junho

Luis Eduardo Magalhães

**Visite nosso estande!**



# Destaque também na **energia limpa**

CONDIÇÕES DA REGIÃO SÃO FAVORÁVEIS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE SISTEMAS DE ENERGIA LIMPA E RENOVÁVEL

O Oeste da Bahia construiu sua trajetória apoiado em tecnologia, produtividade e capacidade de adaptação. Agora, um novo movimento começa a redefinir o futuro do agro regional: a consolidação das energias renováveis como elemento estratégico para ampliar competitividade, sustentabilidade e autonomia produtiva no campo.

Em uma região marcada por grandes áreas agricultáveis, elevada incidência solar e crescente demanda energética, a geração de energia limpa deixou de ser apenas

uma alternativa complementar para se tornar parte do planejamento das propriedades rurais. O avanço da agricultura irrigada, da mecanização e das agroindústrias ampliou a necessidade de soluções energéticas mais eficientes, previsíveis e alinhadas às novas exigências ambientais e econômicas do mercado global.

Nesse cenário, o Cerrado baiano desponta como uma das regiões com maior potencial para expansão da geração renovável no Brasil, especialmente por meio da energia solar fotovoltaica. A combinação entre condições climáticas favoráveis, dis-

ponibilidade de áreas e forte perfil tecnológico do agronegócio criou um ambiente propício para a rápida adoção de sistemas de geração própria dentro das fazendas.

Para Aloísio Júnior, gerente de Agronegócio da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), a energia limpa já começa a assumir papel estrutural no desenvolvimento regional. “A energia renovável deixou de representar apenas economia. Hoje, ela está diretamente ligada à segurança operacional, à sustentabilidade e à capacidade de expansão do agro no Oeste baiano”, afirma.



## Energia solar lidera transformação

Entre todas as fontes renováveis em expansão na região, a energia solar aparece como principal protagonista. As características naturais do Oeste da Bahia — com alta incidência de radiação solar durante praticamente todo o ano e baixa sazonalidade climática — favorecem fortemente a implantação de sistemas fotovoltaicos em larga escala.

Nas propriedades rurais, os investimentos em geração própria avançam principalmente em atividades de maior consumo energético, como irrigação, armazenagem, secagem de grãos, bombeamento de água e beneficiamento da produção. A redução dos custos operacionais é um dos principais fatores que impulsionam a adoção dessas soluções.

Ao mesmo tempo, a energia solar passou a representar maior previsibilidade financeira para os produtores. Em um ambiente de

oscilações tarifárias e custos crescentes, produzir parte da própria energia reduz a exposição às variações do mercado e melhora o controle sobre as despesas operacionais.

Segundo Aloísio Júnior, a mudança de percepção do setor é evidente. “O produtor percebeu que investir em energia solar significa aumentar a autonomia da propriedade e fortalecer a estabilidade das operações”, destaca.

Outro fator que favorece essa expansão é a rápida evolução tecnológica observada nos últimos anos. Equipamentos mais eficientes, queda gradual nos custos de implantação e maior oferta de soluções especializadas tornaram os projetos mais acessíveis e adaptáveis aos diferentes modelos produtivos presentes no Cerrado baiano.

## Geração distribuída fortalece o agro

A geração distribuída consolidou-se como um dos principais instrumentos de modernização energética no meio rural. O modelo permite que o produtor gere sua própria energia e utilize a rede elétrica como sistema de compensação, reduzindo a dependência exclusiva das concessionárias.

No Oeste da Bahia, onde o agronegócio opera em larga escala e demanda elevado consumo energético, a geração distribuída passou a ser vista como ferramenta estratégica para garantir eficiência, previsibilidade e competitividade às propriedades.

Esse avanço possui relação direta com a expansão da agricultura irrigada, um dos principais vetores de crescimento da produção agrícola regional. Sistemas de irrigação exigem fornecimento energético constante e elevado volume de consumo, tornando a energia renovável uma alternativa cada vez mais integrada ao planejamento produtivo.

De acordo com Aloísio, a combinação entre energia solar, armazenagem e gestão inteligente tende a transformar profundamente a dinâmica do agro regional. “A disponibilidade de energia mais estável e sustentável cria condições para ampliar a intensificação produtiva e fortalecer a competitividade do Cerrado baiano”, afirma.

Além dos impactos diretos dentro das fazendas, a expansão da geração distribuída também contribui para reduzir pressões sobre a infraestrutura elétrica convencional e criar condições mais favoráveis para novos investimentos produtivos.

## Armazenamento amplia segurança energética

Além da geração fotovoltaica convencional, cresce o interesse por sistemas híbridos integrados a baterias de armazenagem — os chamados Battery Energy Storage Systems (Bess). Essas tecnologias permitem armazenar a energia produzida ao longo do dia para utilização em períodos noturnos, horários de pico ou momentos de instabilidade no fornecimento convencional.

A adoção desses sistemas representa um avanço importante em segurança operacional, especialmente em propriedades que dependem de fornecimento contínuo de energia para irrigação, armazenagem, resfriamento e processamento agrícola. “A utilização de sistemas de armazenagem aumenta a resiliência das operações rurais e reduz riscos associados à interrupção no fornecimento energético”, explica Aloísio Júnior.

Os sistemas híbridos também começam a ganhar relevância em áreas mais afastadas dos grandes centros, onde limitações estruturais ainda dificultam a expansão da rede elétrica convencional. Soluções off-grid — totalmente independentes da rede pública — podem ser observadas como alternativa viável para garantir autonomia energética às propriedades. Embora ainda exija investimento relevante, a tecnologia tende a ganhar competitividade nos próximos anos, acompanhando a redução dos custos globais e a ampliação da demanda por soluções energéticas sustentáveis.



“A disponibilidade de energia mais estável e sustentável cria condições para ampliar a intensificação produtiva e fortalecer a competitividade do Cerrado baiano.”

Aloísio Júnior,  
gerente de agronegócio da Aiba



## Energia limpa impulsiona novos investimentos

O fortalecimento da matriz renovável começa a ser percebido como fator decisivo para atração de novos empreendimentos no Oeste baiano. Projetos ligados à armazenagem, beneficiamento, processamento e agroindustrialização dependem cada vez mais de disponibilidade energética confiável para operar em larga escala.

Nesse contexto, a geração própria e a expansão das energias renováveis ajudam a criar um ambiente mais favorável à verticalização da produção agrícola e ao fortalecimento das cadeias produtivas locais. “A energia renovável passa a funcionar como elemento estruturante do desenvolvimento regional. Quanto maior a segurança energética e a capacidade de geração limpa, maiores são as condições para atrair investimentos e agregar valor à produção”, avalia Aloísio Júnior.

O impacto desse movimento vai além do campo. A expansão da infraestrutura energética sustentável estimula geração de empregos, desenvolvimento tecnológico, crescimento urbano e fortalecimento econômico dos municípios ligados ao agronegócio.

## Biomassa mantém potencial estratégico

Embora a energia solar concentre a maior parte dos investimentos atuais, outras fontes renováveis também seguem presentes no debate sobre diversificação da matriz energética regional. A biomassa, por exemplo, ainda possui potencial relevante no Oeste da Bahia, especialmente diante da forte atividade agrícola.

Historicamente, culturas como o eucalipto chegaram a impulsionar projetos voltados à geração energética. Entretanto, a redução dessas áreas e o avanço de práticas ligadas à agricultura regenerativa diminuíram o ritmo de expansão da biomassa para fins energéticos.

Hoje, grande parte dos resíduos agrícolas é incorporada aos sistemas produtivos como ferramenta de conservação do solo, retenção de umidade, aumento da matéria orgânica e captura de carbono. Mesmo assim, especialistas avaliam que a biomassa poderá ganhar novo espaço futuramente, sobretudo em cenários de crescimento industrial e aumento da demanda por soluções sustentáveis.



## Caminho para um polo de energia renovável

A combinação entre forte vocação agrícola e elevado potencial energético coloca o Cerrado baiano em posição estratégica dentro da transição energética brasileira. Mais do que atender às necessidades atuais do agronegócio, a expansão das energias renováveis pode se transformar em um novo eixo de desenvolvimento regional nas próximas décadas.

O avanço da energia solar demonstra que a geração própria tende a se consolidar como parte permanente da estrutura produtiva rural. Ao mesmo tempo, o fortalecimento da infraestrutura energética sustentável cria oportunidades para novos modelos de negócio, atração de investimentos ligados à economia de baixo carbono e ampliação da competitividade regional.

Aloísio Júnior entende que o movimento observado atualmente representa apenas o início de uma transformação mais ampla. “O Cerrado baiano possui todas as condições para se consolidar como um importante polo de geração de energia limpa, associado a um agro cada vez mais eficiente, tecnológico e sustentável”, afirma.

Em uma região que se tornou referência mundial em produtividade agrícola graças à combinação entre empreendedorismo, inovação e capacidade de adaptação, a energia renovável surge agora como mais um capítulo decisivo da transformação do Oeste baiano — desta vez conectando crescimento econômico, segurança energética e sustentabilidade.



# Ensino bilíngue, em tempo integral, material escolar e fardamento completo

## Mais aprendizado, igualdade e oportunidade para nossos alunos.

# Fazendo Sempre Mais





## Da Agrishow ao Bahia Farm Show

A ESTREIA EM 2004 REVELOU A FORÇA PRODUTIVA DA REGIÃO E CONSOLIDOU A FEIRA COMO PONTO DE ENCONTRO ENTRE TECNOLOGIA, PRODUÇÃO E TOMADA DE DECISÃO

No início dos anos 2000, o agronegócio no oeste baiano estava em franca expansão. Mesmo assim, os produtores precisavam ir para outros estados do país para saberem quais as novidades em maquinários e tecnologias seriam importantes às suas lavouras. Foi aí então que surgiu a Bahia Farm Show.

Figuras importantes daquele pontapé inicial, Sérgio Pitt, que por 13 anos exerceu a vice-presidência e acumulou o cargo de diretor-executivo da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA), e Alex Rasia, que atuou na AIBA de 2004 a 2012, nos cargos de diretor-executivo e coordenador-geral da Bahia Farm Show, contam que a Associação iniciou uma parceria com a Agrishow de Ribeirão Preto para a realização da Agrishow da Bahia em 2004. “Quando a Abimaq, detentora da marca Agrishow, decidiu expandir a realização da Feira para outras regiões, naturalmente o município de Luís Eduardo Magalhães entrou no radar, e a Aiba, principal Instituição do agronegócio regional, surgiu como parceira ideal para tornar esse projeto uma realidade”, lembra Rasia.

Depois de dois anos de parceria, a AIBA conquistou a autonomia para realizar a Feira sozinha, passando a ser denominada de Bahia Farm Show. “A primeira Feira foi realizada em uma área pública do município de Luís Eduardo Magalhães, onde hoje está a sede da prefeitura do município. A partir da segunda Feira, mudamos para uma área própria, local do atual complexo da BFS. O momento mais marcante foi a realização da terceira Feira como Bahia Farm Show, sem a parceria da Agrishow”, comenta Pitt.

Mas assumir carreira solo não foi fácil. Àquela altura, o maior desafio era provar ao mercado que a Feira poderia continuar existindo e teria vida própria. Se tinha a expertise da Agrishow, e naquele momento a responsabilidade passou a ser toda da AIBA. “Precisávamos recomeçar praticamente do zero. Mantivemos as pessoas que já conheciam a dinâmica da Feira e compartilhamos a governança do evento com outras entidades e as principais vendas de máquinas locais (que criaram sua associação, a Assomiba). Aplicamos todas as receitas operacionais do evento na infraestrutura do parque, gradativamente”, aponta Rasia.

O conceito da feira foi criado com base em três vetores: negócios, política institucional e difusão de tecnologia. O primeiro é o pilar econômico do evento. Os outros dois, não menos importantes, foram pensados para fomentar o desenvolvimento tecnológico da região. Com o tempo, o projeto, que correu o risco de ruptura, se solidificou e ganhou vida própria.

“Enfrentamos o desafio de consolidar a feira como marca própria, um deles era colocar a Bahia Farm Show no budget dos principais expositores do mercado nacional”, diz Rasia. Ele ainda acrescenta que a partir do momento em que isso começou a

ocorrer, grandes marcas se juntaram ao projeto. Então, o que era basicamente uma feira regional, se transformou numa das maiores do Brasil. “Desde o início as instituições convidadas pela Aiba abraçaram o projeto, assim como os expositores e toda a comunidade, criando uma sinergia essencial para que a Bahia Farm Show tomasse a forma que tem atualmente.”

Ao longo dos anos, o perfil dos produtores foi mudando, ampliando suas áreas de produção, passando de pequenos e médios, para grandes produtores. “Para a viabilidade de um projeto agrícola na região, módulos pequenos não sobreviveram. O aumento do porte do produtor e o incremento de tecnologia, foi e continua sendo, uma necessidade para ser competitivo”, aponta Pitt.

Mas não é só de tecnologia que a BFS se mantém sólida, é preciso ter um pouco da essência viva dos seus fundadores para seguir com o legado de tecnologia e sustentabilidade. “Acredito que a essência está na busca permanente pelo desenvolvimento do Oeste da Bahia, característica esta que sempre colocou a AIBA numa posição de vanguarda como representante dos interesses do agronegócio regional”, completa Rasia.



### BFS hoje



**380 mil m<sup>2</sup>**

Área preparada (expansão de 35% em relação ao ano anterior)



**850**

Estandes



**+500**

Expositores



**+R\$ 10 bilhões**

em negócios



**1.400**

Marcas

“Desde o início as instituições convidadas pela Aiba abraçaram o projeto, assim como os expositores e toda a comunidade, criando uma sinergia essencial para que a Bahia Farm Show tomasse a forma que tem atualmente.”

Alex Rasia,  
ex-diretor do Bahia Farm Show

### Saiba mais

**Fundação (2004):** Surgiu com o objetivo de posicionar o Oeste da Bahia como um polo agropecuário nacional.

**Localização:** Realizada no complexo do Ceagro/Aiba em Luís Eduardo Magalhães, no coração da região do Matopiba.

**Foco Inicial:** Atrair grandes empresas de máquinas, implementos, insumos e serviços para facilitar o acesso de produtores rurais a inovações.

**Crescimento:** Em 2026, a feira celebra sua 20ª edição/ 20 anos de história (tendo em vista edições acumuladas), consolidando-se como ponto de encontro internacional e movimentando bilhões de reais

“Quando a Abimaq, detentora da marca Agrishow, decidiu expandir a realização da Feira para outras regiões, naturalmente o município de Luís Eduardo Magalhães entrou no radar, e a Aiba, principal Instituição do agronegócio regional, surgiu como parceira ideal para tornar esse projeto uma realidade.”

Alex Rasia, atuou na AIBA de 2004 a 2012, nos cargos de diretor-executivo e coordenador-geral da Bahia Farm Show

# A vitrine do Cerrado: como a Bahia Farm Show evoluiu de feira regional a potência nacional

COM 20 ANOS DE HISTÓRIA, O EVENTO DEIXA DE SER UM PONTO DE ENCONTRO LOCAL PARA SE TORNAR O EPICENTRO DE INOVAÇÕES E NEGÓCIOS DO SETOR

Que começou em 2004 como uma iniciativa regional para unir os produtores do Oeste Baiano, rompeu as fronteiras do Matopiba para se consolidar, nestas duas décadas, como uma das maiores potências do agronegócio no Brasil. A trajetória da Bahia Farm Show é marcada por saltos exponenciais: de um modesto pátio de demonstrações a um complexo tecnológico de cerca de 40 hectares que hoje dita o ritmo do mercado nacional.

Ao profissionalizar a experiência de campo e atrair os gigantes globais de máquinas e biotecnologia, a feira, realizada anualmente pela Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia – Aiba, não apenas acompanhou a evolução do Cerrado, mas tornou-se o principal motor de sua trans-

formação. Hoje, o evento é mais que um balcão de negócios bilionários. É o termômetro oficial da força do agro brasileiro, provando que a união entre visão estratégica e inovação pode transformar uma fronteira agrícola em uma vitrine para o mundo.

O gerente da Bahia Farm Show, Alan Malinski, também reforça que o sucesso do evento é um reflexo direto do amadurecimento do Cerrado baiano, que passou a demandar tecnologias cada vez mais sofisticadas. “Os expositores identificaram na região uma oportunidade estratégica para apresentar o que há de mais moderno no setor. Esse movimento gera um ciclo virtuoso de expansão, e consolida a feira ano a ano, com o crescimento dos expositores e do volume de negócios”, afirma Malinski, reforçando que esse fortalecimento con-

tínuo foi o que alçou o evento ao patamar das principais vitrines do agronegócio no Brasil.

Mas a Feira também já rompeu barreiras nacionais, e entrou no calendário obrigatório das grandes corporações globais de tecnologia e biotecnologia. Para Malinski, isso ocorre em razão do perfil diferenciado do produtor local, o grande volume de negócios e o apetite do Cerrado Baiano por inovação. “Aqui é uma região que investe muito em tecnologia e o mercado é muito promissor, e isso acaba chamando a atenção dos expositores. O prestígio da Feira atingiu um alto nível, tanto que grandes marcas agora a incluem em um roteiro exclusivo, consolidando a Bahia Farm Show como indispensável para o futuro do setor”, reforça.



## Negócios, expansão e aprendizado

A Bahia Farm Show consolidou-se como uma das maiores do Brasil em volume de vendas graças à forte presença de instituições financeiras, que desempenham um papel vital mesmo em cenários econômicos desafiadores. Malinski pontua que, com a taxa Selic em patamares elevados — em torno de 15% —, o ambiente de investimentos tende a ser menos atrativo. No entanto, um dos diferenciais da feira está na oferta de linhas promocionais e taxas exclusivas

que superam as condições de mercado. “Os benefícios que as instituições trazem, como taxas de juros mais atrativas ou linhas promocionais, torna o ambiente mais atrativo para negócios, e eles acabam acontecendo”, explica o gerente, reforçando que essa engenharia financeira é o que sustenta os recordes anuais de faturamento.

Além disso, a expansão física é planejada com rigor para acompanhar o gigantismo das máquinas e a crescente demanda do setor. O aumento da área expositiva é uma resposta direta à necessidade de abrigar tecnologias cada vez mais robustas e complexas. Atualmente, são cerca de 200 hectares, sendo que praticamente 40 deles serão ocupados com expositores. “Estamos crescendo a cada ano devido à demanda dos próprios expositores, que precisam de mais espaço para mostrar suas máquinas e tecnologias”, pontua. Esse crescimento estrutural não apenas acomoda o maquinário pesado, mas também garante que o parque de exposições se mantenha como um hub de serviços moderno, capaz de suportar a logística de um evento que se tornou referência.

Já quanto ao perfil dos visitantes, a feira amadureceu para se tornar um ambiente plural, equilibrando o networking de negócios com a educação e o turismo. Malinski destaca que, além do fechamento de grandes contratos, o evento hoje acolhe desde CEOs de multinacionais, até pequenos produtores e estudantes. Para ele, essa integração é essencial para a renovação do agro, pois a feira funciona como uma sala de aula prática, onde as novas gerações têm contato direto com o que há de mais moderno no mundo. “Recebemos um público muito qualificado, mas também abrimos as portas para quem está começando ou querendo aprender, o que torna a feira um ponto de encontro de todo o ecossistema agrícola”, afirma.

Para além dos cinco dias de evento, o impacto da Feira transborda para a infraestrutura regional e impulsiona o surgimento de novos negócios no Cerrado baiano. Malinski observa que a Bahia Farm Show funciona como uma porta de entrada: após as primeiras negociações, o caminho natural é que os expositores instalem filiais, revendas ou canais de distribuição na região. Esse ciclo de investimento contínuo é um dos motores que explica o crescimento vertiginoso de cidades como Luís Eduardo Magalhães. “Falar de uma cidade que há 40 anos era um posto de combustível e hoje tem mais de 120 mil habitantes” é, para Malinski, a prova real de como a feira e o agronegócio sustentam o desenvolvimento e a urbanização acelerada da região.

Isso faz olhar para o futuro, e ver que a Bahia Farm Show já se posiciona na vanguarda da agricultura digital e da sustentabilidade. Malinski vislumbra um evento cada vez mais conectado, onde a inteligência artificial e os dados em tempo real deixam de ser tendências, para se tornarem a base de todas as negociações. Ele reforça que a Feira continuará sendo o principal motor para que o produtor do Cerrado Baiano mantenha sua competitividade global, integrando tecnologia de ponta, com a preservação ambiental. Para a organização, o desafio das próximas décadas é transformar a feira em um centro de inteligência permanente, garantindo que o legado de crescimento da região continue sólido e sustentável por muitas gerações.



## Linha do tempo

**2004**

O embrião: surge a primeira edição, ainda sob o nome de Agrishow e focada em trazer soluções para a realidade local. A estreia revelou a força produtiva da região e consolidou a feira como ponto de encontro entre tecnologia, produção e tomada de decisão.

**2005**

Com o sucesso inicial, a feira entra no calendário estratégico do agronegócio regional.

**2006**

A edição não foi realizada em razão do ambiente adverso vivido pelo agronegócio naquele momento, marcado por crise agrícola, pressão cambial e retração de importantes expositores.

**2007**

A retomada recoloca a feira em trajetória de expansão e simboliza a reação do agro regional. Com mais de 90 empresas, cerca de 25 mil visitantes e aproximadamente R\$ 200 milhões em propostas de negócios, a edição confirma a necessidade crescente de inovação para sustentar a produção agrícola em larga escala no Cerrado baiano de negócios.

**2008**

Novo nome, nova era: o evento passa a se chamar Bahia Farm Show, profissionalizando a marca e expandindo a captação de expositores nacionais.

**2009**

A feira amplia sua estrutura e deixa de ser apenas vitrine de máquinas para se afirmar como motor regional.

**2012**

O evento supera o papel de exposição comercial e se consolida como plataforma estruturada de inteligência aplicada ao agro.

**2014**

A Bahia Farm Show ultrapassa a barreira de R\$ 1 bilhão em negócios e entra em outro patamar econômico.

**2025**

Com 162.370 visitantes, 434 expositores, cerca de 1.125 marcas e criação de mais de 8 mil empregos diretos e indiretos, a edição aprofunda a integração da feira com inovação, startups, inteligência artificial, energia renovável e agricultura de precisão, preparando o terreno para o ciclo comemorativo de 20 anos.

**2024**

A feira alcança novo recorde e reforça sua presença entre os principais ativos do calendário nacional do agronegócio.

**2022/2023**

Pós-Pandemia e explosão: o retomo presencial acontece com forte expansão física e comercial, passando de 144 mil m<sup>2</sup> para 191 mil m<sup>2</sup> e cerca de 360 expositores representando mais de 1,2 mil marcas, com foco em agricultura digital e sustentabilidade.

**2021**

Em resposta ao contexto sanitário, a Bahia Farm Show realiza ativações e eventos digitais que mantêm sua visibilidade e capacidade de influência setorial.

**2020**

Em sintonia com a paralisação global de grandes eventos setoriais, a Bahia Farm Show suspende sua edição presencial em razão da pandemia.

**2019**

Gigante do Nordeste: o evento atinge recordes de público (quase 68,2 mil visitantes), 260 expositores e cerca de R\$ 1,9 bilhão em negócios, consolidando-se como a maior vitrine tecnológica do Norte/ Nordeste.

**2018**

A feira avança em internacionalização e passa a se projetar como porta de entrada para tecnologias globais no Cerrado brasileiro. A presença reforçada de empresas estrangeiras, inclusive de países como Alemanha, Espanha e Estados Unidos, revela que o Oeste da Bahia já era percebido como mercado tecnicamente sofisticado e com demanda real por soluções de alto desempenho.

**2017**

Ao superar a marca de R\$ 1,5 bilhão em oportunidades e negócios, a feira confirma um ciclo consecutivo de expansões e amplia sua relevância para além do Norte e Nordeste. O evento já não aparece apenas como referência regional, mas como uma das principais feiras agrícolas do país.

# O CAMINHO CERTO PARA FAZER ACONTECER É COM A DESENBAHIA



[desenbahia.ba.gov.br](http://desenbahia.ba.gov.br)

ATENDIMENTO

 (77) 99968-3961

OUVIDORIA: 0800 284 0011

**Desenbahia**  
Agência de Fomento do  
Estado da Bahia S.A.



# Além do parque: uma Feira que movimentou uma região inteira

O EVENTO IMPULSIONA FORTEMENTE A ECONOMIA, COLOCANDO LUÍS EDUARDO MAGALHÃES E TODO O CERRADO BAIANO NO MAPA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA E NEGÓCIOS

Falar de Bahia Farm Show não é apenas falar sobre o evento em si, é falar sobre o envolvimento de toda uma região na realização dessa que é considerada a maior feira de tecnologia agrícola e negócios do Norte e Nordeste e o principal vetor de desenvolvimento do Matopiba. A Feira movimentou bilhões em negócios, atraiu tecnologias de ponta para o campo e projetou internacionalmente a alta produtividade e a sustentabilidade do Cerrado baiano.

Ao todo, a BFS tem superado a marca de R\$ 1,9 bilhão em vendas de máquinas, implementos, insumos e veículos, além de cerca de R\$ 180 milhões em investimentos. O evento impulsiona fortemente a economia de Luís Eduardo Magalhães e de todo o Cerrado baiano. Apenas na fase de preparação e realização, são gerados cerca de 8,5 mil empregos diretos e indiretos, movimentando fortemente a rede de hotéis, transportes, comércio e serviços locais.

A movimentação já inicia antes da montagem das estruturas, com a ocupação esgotada na rede hoteleira. Restaurantes, trans-

portes, comércio acabam sendo influenciados pela grandiosidade do evento e pela transferência de renda. A demanda do público, que ultrapassou a marca de 160 mil visitantes na última edição, acelera investimentos públicos e privados em infraestrutura regional, logística e conectividade. “Vemos que a feira ultrapassa as cercas do parque e traz um resultado muito gratificante para toda a região”, fala o gerente da BFS, Alan Malinski.

Ele explica que grande parte das montadoras contrata pessoas da região, assim como para a parte de segurança, administração e a condução das atividades dentro da Feira. E esse sucesso do evento se traduz em melhorias para a região. “Criar 8,5 mil empregos diretos e indiretos afeta a cidade e o entorno, porque somos foco em um momento em que as principais autoridades do país vêm para a Feira. Isso chama a atenção, gera oportunidade de investimentos, melhorias, contribuindo para o desenvolvimento da região de forma geral. E a Feira traz o quê? O que há de mais moderno no mundo”, enfatiza.



## Tecnologia presente no campo

E quando a Feira traz o que há de mais moderno, oportuniza que o produtor que não pode viajar, tenha acesso às mesmas ferramentas de campo utilizadas no exterior. “A feira só transmite o que tem de novo, dá oportunidade para as tecnologias virem e serem apresentadas aqui. É uma excelente oportunidade do produtor conhecer o que há de mais moderno, atual e tecnológico no mundo, para que ele possa utilizar na agricultura daqui.”

Muitas dessas tecnologias expostas são testadas e adaptadas especificamente para o solo e clima do Cerrado baiano, permitindo o desenvolvimento da região e beneficiando a produtividade por hectare. “O nosso solo é muito desafiador, é um solo pobre, ácido e que precisa de tecnologia. O produtor acaba dominando essa tecnologia com o passar do tempo, e isso demanda investimentos, tanto em insumos, como tecnologia de sementes, tecnologia de defensivos, e isso contribui para adoção de práticas bem elaboradas que fazem com que o produtor ganhe destaque, produtividade e faz com que a Bahia se destaque, ano a ano, com os melhores níveis de produtividade no Brasil!”

O destaque coloca o Cerrado baiano no mapa global como um modelo de eficiência agrícola. “A partir do momento em que

temos uma feira como essa, com o público do Matopiba, público de todo o Brasil vindo para cá, as principais autoridades, que são os formadores das principais leis do Brasil, vindo conhecer a nossa região, acaba trazendo todo esse interesse, acaba chamando a atenção, e isso contribui para que novas tecnologias venham, para que novos investidores venham investir na região, todo mundo se beneficia com a realização de uma feira desse porte.”

A feira também atrai delegações estrangeiras e investidores de fora, fortalecendo um intercâmbio cultural e profissional que fortalece a identidade da população. “Isso é fundamental, esse compartilhamento de informações, de tudo que tem de novo, e todo mundo tem a ganhar com essa interação”, completa. Além disso, mostrar toda a inovação favorece com que o jovem fique no campo e não queira deixar a terra por falta de incentivo ou tecnologia, mantendo a sucessão familiar e garantindo que a produção não pare e que o patrimônio rural permaneça produtivo entre as gerações. “Hoje em dia, a juventude não vai ficar mais em uma fazenda onde não tem internet, não tem acesso às informações, não tem um intercâmbio de cultura. A Feira incentiva essa permanência do jovem no campo.”

O protagonismo baiano na agricultura se traduz em números e recordes impressionantes



**Recorde em soja:** O Estado registrou produtividade média de 71 sacas por hectare, impulsionando uma colheita que superou 9,4 milhões de toneladas.



**Destaque nacional:** a Bahia possui municípios entre os maiores produtores do país, com destaque para São Desidério, Luís Eduardo Magalhães, Formosa do Rio Preto e Barreiras.



**Protagonismo no Matopiba:** Juntamente com Maranhão, Tocantins e Piauí, a Bahia é a força motriz da fronteira agrícola, alavancando a produção regional.



**Diversidade agrícola:** Além da soja, o Estado é forte na produção de algodão, café e frutas, além de ser líder nacional em energia eólica.



“Vemos que a feira ultrapassa as cercas do parque e traz um resultado muito gratificante para toda a região.”

Alan Malinski,  
gerente do Bahia Farm Show



# A Feira construída e solidificada por muitas mãos

EVENTO CHEGA AOS 25 ANOS CONSTRUÍDO POR DIVERSAS MÃOS E CADA VEZ MAIS INTERLIGADO COM A REGIÃO

Antes dos pavilhões modernos, das máquinas gigantescas e dos bilhões de reais em negócios, a Agrishow e depois Bahia Farm Show, era apenas uma ideia ousada na mente de algumas pessoas. Hoje, consolidada como o maior palco do agronegócio do Norte e Nordeste, a Feira é, acima de tudo, a soma de muitas histórias. Atrás de cada estande erguido e de cada parceria firmada, existem rostos que dedicaram anos de suas vidas para transformar o evento em uma potência global. Nesta matéria, damos voz a algumas destas pessoas, que aqui representam todas que transformaram a BFS no coração tecnológico do agro nacional.

Como Executiva de Vendas, ela fez parte do motor que transformou a feira em uma potência bilionária

Foram 12 anos na linha de frente do

maior evento de tecnologia agrícola do Norte e Nordeste do país. Mais do que ver a Bahia Farm Show crescer, Elisabete Alves Moreira fez parte do motor que transformou a feira em uma potência bilionária. Como executiva de vendas por mais de uma década - de 2004 a 2016 - ela afirma que a BFS consolidou a voz política e econômica dos agricultores do oeste baiano ao transformar a região, antes vista como fronteira distante, em um polo global do agronegócio. “Ao reunir tecnologia de ponta e bilhões em negócios, a Feira atrai a atenção de autoridades governamentais e investidores internacionais, garantindo poder de negociação e palco para reivindicações de infraestrutura”, destaca.

E com o passar dos anos, Elisabete lembra que o perfil do produtor mudou radicalmente, pois ele deixou de buscar apenas a mecanização básica, para focar

em agricultura de precisão, conectividade e gestão de dados. Também enfatiza que, para os jovens produtores, o foco deve ser a ponte entre a tradição (o esforço e a resiliência do passado) e a inovação (os desafios tecnológicos e climáticos atuais). “A Bahia Farm Show reflete essa evolução do campo, onde tratores e colheitadeiras hoje funcionam como verdadeiros centros de inteligência.”

Entre as lembranças, ela recorda que foram muitos momentos inesquecíveis e define a experiência como ‘única’. “Conviver com as pessoas de Luís Eduardo Magalhães, da AIBA, foi maravilhoso, sempre fui muito bem recebida, com acolhimento. Um momento marcante foi em 2014, quando tiramos esta foto. Estávamos as equipes do comercial, atendimento, infraestrutura, no último dia do evento, com a sensação do dever cumprido, vendo os resultados superados.”



## Memórias de um dos fundadores da AIBA

A história da Bahia Farm Show confunde-se com a própria trajetória de desenvolvimento do oeste baiano. Para compreender como uma feira de tecnologia agrícola se transformou em uma das maiores referências do país, é preciso ouvir quem esteve lá desde o começo. Sérgio Pitt, um dos fundadores da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA), é uma dessas pessoas. Durante 23 anos consecutivos, desde a fundação da entidade até 2013, ele dedicou sua força de trabalho ao associativismo, passando pelas diretorias Administrativa, Financeira e pela vice-presidência.

Por 13 anos, Pitt acumulou as funções de vice-presidente e diretor executivo da AIBA, período em que liderou os primeiros passos rumo ao mercado de grandes feiras. “Iniciamos uma parceria com a Agrishow de Ribeirão Preto para a realização da Agrishow da Bahia, em 2004”, relembra o fundador. Foram dois anos operando sob essa bandeira até que a liderança local conquistasse a maturidade necessária para caminhar com as próprias pernas.

A partir dali o evento ganhou identidade e autonomia, sendo rebatizado como Bahia Farm Show. O início, contudo, foi marcado pelo improvisado e pela superação. “A primeira feira foi realizada em uma área pública, onde hoje está a sede da prefeitura de Luís Eduardo Magalhães. A partir da segunda edição, mudamos para a área própria, local do atual complexo da BFS”, conta Pitt. Para ele, o divisor de águas absoluto foi a terceira edição, a primeira realizada totalmente sozinho. “O momento mais marcante foi a realização da feira em carreira solo. Assumir essa responsabilidade não foi fácil.”

Mas com o passar dos anos, a Feira foi se consolidando. Mais do que um pavilhão de exposições, Pitt define a BFS como o ecossistema definitivo do agronegócio: um ponto de encontro que promove a sinergia entre o setor produtivo e todas as cadeias de suprimentos, englobando insumos, máquinas, inovações, prestadores de serviço e agentes de financiamento. É também o espaço onde o produtor ganha voz frente ao poder público. “É uma oportunidade crucial para a discussão de políticas e demandas do segmento com o setor público”, pontua, destacando que a região desenvolve uma agricultura altamente tecnificada, diversificada e abriga, atualmente, o maior polo irrigado do Brasil.

## Momentos de resiliência

Hoje a Bahia Farm Show é sinônimo de pujança, mas a história também foi escrita por capítulos de profunda resiliência coletiva. Foram momentos em que a Comissão Organizadora enfrentou dificuldades onde a tomada de decisão exigiu pulso firme, sensibilidade e, acima de tudo, a humildade de ouvir quem faz o evento acontecer.

Na memória de Luiz Antonio Pradella - vice-presidente da AIBA em 2017 e 2018 e coordenador da Bahia Farm Show em 2019, 2020, 2023 e 2024 -, alguns momentos ficaram marcados pela capacidade de superação diante de crises que paralisaram o país e o mundo.

Um dos exemplos aconteceu em 2018, quando o Brasil foi impactado por uma greve nacional de caminhoneiros. Às vésperas da Feira, o cenário era de total incerteza. Um dos principais pontos de concentração dos manifestantes ficava justamente em frente ao complexo da Farm Show. Com as estradas operando em um fluxo imprevisível — ora bloqueadas, ora liberadas —, os expositores enfrentavam barreiras para enviar as estruturas e maquinários. Os visitantes também teriam dificuldades de chegar à Feira.

Diante do impasse, a organização precisou agir rápido. A decisão inicial foi adiar o evento em uma semana, o que gerou um verdadeiro efeito dominó em toda a cadeia produtiva e turística regional. Cidades inteiras se mobilizaram para reagendar reservas de hotéis, que já estavam esgotadas, alterando, inclusive, o calendário de outros eventos locais para priorizar a Feira. “Tivemos a humildade de ouvir os produtores e expositores e mantivemos a chama acesa para que, no momento seguinte, o evento pudesse ser feito.”

Vieram então os anos de 2020 e 2021 e a pandemia de Covid-19. Inicialmente, a organização trabalhou com a perspectiva de transferência de datas, movida pela esperança de que o cenário global se normalizasse. No entanto, com o avanço do calendário e as restrições sanitárias, o cancelamento tornou-se inevitável.

A estratégia mudou para preservar a marca e a segurança de todos. As edições presenciais foram suspensas, mantendo-se a numeração cronológica para o ano subsequente. Foi um período de recolhimento, mas não de desistência. O papel da Comissão naquele biênio foi o de dialogar constantemente com o mercado e com os expositores, para que, assim que as portas pudessem ser reabertas, a Feira retornasse ainda mais forte.

“É um evento de grande magnitude. São os produtores, em forma de Associação, que tocam, que fazem acontecer. Sempre mantivemos diálogo e preocupação em não tomar as decisões de forma individual, mas sim colegiada, expor a situação que todos estavam vivendo e tomar uma decisão conjunta.”

Mesmo com as dificuldades citadas por Pradella e as outras enfrentadas desde o começo da Feira, ele acredita que a BFS é consagrada justamente pela união dos produtores e associações que criaram uma marca, fizeram todo um trabalho no oeste da Bahia, de busca, de estar propondo novas soluções para o agro. “São inúmeros programas criados e que beneficiam toda a uma região. Compartilhar os assuntos e unir forças para se vencer de uma forma mais rápida, mais eficiente, então para mim a palavra união resume todo esse trabalho ao longo dos anos.”



# Rumo ao futuro: Bahia Farm Show evolui para liderar a agricultura digital e o mercado global

EVENTO NÃO SE DEDICA SOMENTE À PARTE COMERCIAL, MAS TAMBÉM ATUA COMO UM DIFUSOR DE MODELOS DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

Olhar para a Bahia Farm Show nos próximos anos é vislumbrar um cenário onde o limite entre o físico e o digital desaparece. Se hoje a Feira é o maior palco do agronegócio do Norte e Nordeste, o futuro reserva a ela o papel de centro de inteligência aplicada, onde cada hectare do Oeste baiano será gerido por dados em tempo real e práticas de impacto ambiental positivo.

A visão de futuro compartilhada por lideranças do setor, como o gerente de sustentabilidade da Associação de Agricultores Irrigantes da Bahia (Aiba), Eneas Porto, aponta para uma feira que não apenas

vende máquinas, mas exporta modelos de produção sustentável para o mundo. “A feira pode se consolidar como uma vitrine das soluções sustentáveis já aplicadas na região, mostrando casos reais de produtores que conciliam produtividade, tecnologia e preservação ambiental. Esse debate será cada vez mais estratégico, porque sustentabilidade deixou de ser apenas uma pauta ambiental e passou a ser também uma exigência de mercado”, destaca.

E quando se fala em sustentabilidade como exigência de mercado, o produtor baiano entende que não é apenas uma obrigação legal, mas o pilar central de competitividade. “O produtor aqui respei-

ta todo o Código Florestal e faz muito além disso. Tanto é que todos os projetos de recuperação de nascentes, projetos de monitoramento de aquíferos, são pensados para uso consciente da água. Tudo isso é feito com muito cuidado e, de fato, aqui a região é um diferencial. O mundo inteiro conhece o produto da Bahia como diferenciado, tanto é que o algodão tem a melhor qualidade de pluma a nível de Brasil, as atividades da soja e do milho são as maiores do país. Então, consequentemente, as produtividades vêm correspondendo às atividades realizadas dentro da porteira”, acrescenta o gerente da Bahia Farm Show, Alan Malinski.



“A região já demonstra que é possível produzir em alta escala com responsabilidade ambiental. A tendência é que a Bahia Farm Show fortaleça ainda mais os espaços dedicados à sustentabilidade, trazendo discussões sobre agricultura regenerativa, conservação do solo, gestão hídrica, energia renovável e mercado de carbono.”

Enéas Porto,  
gerente de sustentabilidade da Aiba

## Polo global de negócios

Para se consolidar como um polo global de negócios, a Bahia Farm Show aposta em uma estratégia de internacionalização, fundamentada na promoção direta e no marketing estratégico. O objetivo é transformar a feira em uma vitrine viva do potencial do Cerrado baiano, atraindo comitivas estrangeiras, investidores e desenvolvedores interessados no ecossistema de alta produtividade da região. Ao abrir espaço para novos expositores e fomentar o intercâmbio de conhecimento, o evento deixa de ser apenas um ponto de venda para se tornar uma plataforma de exportação de tecnologia e inteligência agrícola.

Um dos grandes trunfos para atrair o capital externo é a capacidade da região de criar e adaptar soluções que podem ser replicadas em outros países com climas semelhantes. “Exemplo disso são as parcerias já existentes com nações como Angola, onde o produtor vai até lá, leva a tecnologia e mostra um pouco do que é feito na nossa região”, explica Malinski. Ao receber grupos internacionais, a Bahia Farm Show proporciona que, o conhecimento gerado aqui, seja exportado como um desenvolvedor de soluções agrícolas globais.

Tudo isso permite integrar os centros urbanos e o campo. Malinski destaca que a feira continuará sendo um espaço democrático, unindo desde a agricultura familiar e startups até o grande produtor do Brasil e de fora. Ao envolver empresários e a comunidade local, o evento estimula o interesse pelo agronegócio e gera um ciclo virtuoso: o crescimento da produtividade sustentável reflete diretamente na criação de empregos e na distribuição de renda, fortalecendo toda a população regional.



## Decisões inteligentes no campo: BFS aproxima produtores das novas tecno

Mais do que um evento comercial, a Bahia Farm Show do futuro será um ecossistema de educação continuada. O papel da feira será o de aceleradora de conexões, promovendo debates profundos e sintonia também com a nova geração que assume o comando das fazendas. Esse público jovem é movido pela busca incessante por inovação. O foco é oferecer a esses novos líderes o que há de mais moderno, garantindo que eles encontrem as ferramentas necessárias para transformar o agro por meio da digitalização e da eficiência.

Isso consolida a Feira como vitrine de soluções reais e aplicadas, garantindo que o Cerrado baiano não apenas acompanhe as tendências globais, mas dite o ritmo do agronegócio moderno. E quando se fala em modernidade, a inteligência artificial já começou a fazer parte da rotina do produtor rural e, nos próximos anos, ela será cada vez mais integrada às decisões do campo. O produtor passará a utilizar sistemas capazes de prever clima, otimizar irrigação, recomendar manejo, monitorar pragas em tempo real e aumentar eficiência com menor uso de insumos.

No Cerrado baiano, onde já existe uma agricultura altamente tecnificada, a IA tende a deixar de ser uma inovação isolada para se tornar uma ferramenta operacional do dia a dia, assim como hoje já são o GPS e a agricultura de precisão. E a Bahia Farm Show terá um papel importante ao aproximar produtores dessas tecnologias, promovendo demonstrações práticas, debates e conexões entre empresas, pesquisa e campo, com foco na sustentabilidade.

“A região já demonstra que é possível produzir em alta escala com responsabilidade ambiental. A tendência é que a Bahia Farm Show fortaleça ainda mais os espaços dedicados à sustentabilidade, trazendo discussões sobre agricultura regenerativa, conservação do solo, gestão hídrica, energia renovável e mercado de carbono”, ressalta Porto.

No horizonte da feira, isso significa modelos climáticos que antecipam janelas de plantio com precisão de metros quadrados; máquinas que identificam e tratam pragas individualmente, reduzindo drasticamente o uso de insumos; otimização absoluta da irrigação, garantindo produtividade recorde com o menor consumo de água da história.

# A nova era tecnológica que redefine a produtividade baiana

A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO AGRO, NÃO É APENAS MÁQUINAS MAIS RÁPIDAS, MAS A TRANSFORMAÇÃO DA FAZENDA EM UMA UNIDADE DE PROCESSAMENTO DE DADOS EM TEMPO REAL

A modernização da agricultura brasileira tem favorecido o desempenho e melhores índices de produção e produtividade. Projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) indicam que a produção de grãos poderá passar do atual patamar de 230 milhões de toneladas, podendo chegar a entre 300 e 350 milhões de toneladas na safra de 2027/2028. No Oeste da Bahia, a colheita de soja, por exemplo, chegou ao fim com um novo recorde consolidado de 71 sacas por hectare na safra 2025/26, superando a safra anterior e

posicionando o Estado com a maior média de produtividade do Brasil no ciclo 2025/26, segundo dados da Associação de Agricultores Irrigantes da Bahia (AIBA).

Indo mais além, somente nas duas últimas décadas, o país aumentou a produção de grãos em aproximadamente 250% com apenas 50% na expansão da área plantada. Os números evidenciam o benefício do uso de tecnologias. Dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) apontam que 84% dos agricultores já utilizam ao menos uma tecnologia digital na lavoura. A revolução tecnológica do agronegócio, não

é apenas sobre máquinas mais rápidas, mas sobre a transformação da fazenda em uma unidade de processamento de dados em tempo real.

Essa mudança para o ‘aqui e agora’ rompe com o modelo em que o produtor tomava decisões com base na média da propriedade. Hoje, já entramos na era de mais precisão, com tecnologias que redefinem a agricultura do Cerrado baiano. São sensores e satélites que geram mapas de produtividades e analisam as especificidades do solo; drones de pulverização que permitem aplicar defensivos apenas onde há praga detectada; uso de

bioinsumos; todas as possibilidades para se garantir, ainda mais, produtividade.

Quando se fala em agricultura de precisão, por exemplo, a ferramenta deixou de ser vista apenas como tecnologia de ponta para grandes propriedades e passou a ser uma ferramenta essencial de eficiência e competitividade. Para o gerente de sustentabilidade da Aiba, Eneas Porto, hoje, o produtor médio precisa produzir mais, com menor custo e maior controle operacional, e isso só é possível com informação de qualidade. “Ferramentas como mapas de produtividade, aplicação variável de insumos, monitoramento por satélite e análise de dados ajudam a reduzir desperdícios, aumentar eficiência e tomar decisões mais assertivas”, complementa.

Em um cenário de margens mais apertadas e clima cada vez mais desafiador, a tecnologia passa a ser uma questão de sustentabilidade econômica da atividade, ou seja, aumentar a produtividade e utilizar menos recursos para isso, mas também garantir a resiliência diante das mudanças climáticas, cada vez mais frequentes no país e no mundo.

“O grande desafio atual não é mais ape-



nas gerar dados, mas transformar informação em decisão prática. A inteligência dos sistemas está justamente na capacidade de integrar dados climáticos, umidade do solo, histórico da área, imagens de satélite e comportamento das culturas para entregar recomendações objetivas ao produtor”, complementa Porto.

Para ele, a tendência é que os softwa-

res agrícolas passem a atuar cada vez mais como plataformas integradas de apoio à decisão, simplificando a interpretação dessas informações. “O produtor não precisa necessariamente analisar milhares de dados, mas receber alertas e recomendações precisas sobre o melhor momento para irrigar, aplicar defensivos ou realizar manejo nutricional.”



“Ferramentas como mapas de produtividade, aplicação variável de insumos, monitoramento por satélite e análise de dados ajudam a reduzir desperdícios, aumentar eficiência e tomar decisões mais assertivas.”

Eneas Porto, gerente de sustentabilidade da Aiba

## Os impactos diretos da tecnologia

**Sustentabilidade:** Produzir mais na mesma área (verticalização), preservando florestas.

**Redução de custos:** Menos desperdício de insumos, combustível e tempo.

**Segurança Alimentar:** Com previsões meteorológicas locais, o produtor consegue planejar a janela exata de plantio e colheita, minimizando perdas por chuvas inesperadas ou secas severas. É maior resiliência contra quebras de safra, garantindo o abastecimento.

## Mudança no dia a dia das fazendas na Bahia

O produtor rural hoje administra não apenas uma lavoura, mas uma empresa conectada ao mercado global. A integração entre softwares de gestão agrícola, dados financeiros, câmbio, logística e preços das commodities permite decisões muito mais estratégicas sobre comercialização. “Com acesso a informações em tempo real, o produtor consegue avaliar custos, margens, tendências de mercado e oportunidades de venda com mais segurança”, enfatiza Porto.

Essa integração reduz riscos e melhora a capacidade de planejamento financeiro da propriedade, “algo cada vez mais importante em um ambiente agrícola altamente competitivo.” Se antes o produtor tinha que sair para conferir o que acontecia na fazenda, in loco, hoje ele pode abrir, no próprio celular, os locais em que as máquinas estão operando, as condições do solo, consumo de combustível, permitindo que, decisões que às vezes levavam dias para serem tomadas, agora, possam acontecer em segundos. Isso faz com que a fazenda baiana seja uma unidade de inteligência que funciona 24 horas, com a eficiência medida em dados.



## Tecnologias que devem transformar o agro

Para os próximos anos, novas tecnologias irão surgir e outras irão ser ainda mais aperfeiçoadas. Um dos exemplos é o uso crescente de big data, que consiste na captura, armazenamento e análise de volumes massivos de informações para prever tendências e otimizar decisões. Guiado pela inteligência artificial e computação em nuvem, a tecnologia transforma dados brutos em estratégias de mercado, eficiência operacional e produtos personalizados.

Já quando se fala em meio ambiente, se prevê o aumento da nanotecnologia em fertilizantes, com liberação gradual de nitrogênio e fósforo conforme a necessidade da planta. E ainda, substituir ou complementar químicos por soluções vivas, os bioinsumos, que podem melhorar a nutrição das plantas e a saúde do solo. Junto a

isso, ferramentas digitais que medem o sequestro de carbono no solo, permitindo que produtores entrem no mercado de créditos de carbono, gerando uma nova fonte de receita sustentável, tudo isso se pensando em práticas ESG (Ambiental, Social e Governança) e na utilização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) conforme prevê a Agenda 2030.

Ainda, o uso de blockchain garante a origem do produto, comprovando que não vem de áreas desmatadas, por exemplo, o que é essencial para o acesso a mercados internacionais e crédito agrícola. É a chamada tecnologia da lavoura ao prato do consumidor, com um processo que substitui os registros manuais por transações digitais seguras, rápidas e transparentes.

sistemafaeb.org.br | @faebsearba

MUITO MAIS  
QUE CAPACITAR  
PESSOAS,

NÓS  
TRANSFORMAMOS  
VIDAS



# No Oeste Baiano, produção agrícola e conservação ambiental andam juntas

EM UM MUNDO ONDE CADA VEZ MAIS PASSAMOS POR DESASTRE CLIMÁTICOS, ALIAR PRODUÇÃO E SUSTENTABILIDADE SÃO FERRAMENTAS ESSENCIAIS PARA A SOBREVIVÊNCIA

Oeste Baiano é uma das regiões que mais respeita as áreas de Reserva Legal. E essa preocupação em preservar, também é um dos temas mais estratégicos para a Bahia Farm Show, especialmente em um cenário global que exige transparência ambiental. No Oeste Baiano a sustentabilidade é uma ferramenta de rentabilidade, desmistificando o conflito entre produção e preservação.

A região possui um dos modelos produtivos mais tecnificados do país, mas também mantém grandes áreas preservadas dentro das propriedades rurais, res-

peitando as exigências de Reserva Legal e preservação permanente. “O produtor entende que conservar o Cerrado não é apenas cumprir legislação, mas proteger um patrimônio estratégico para a própria sustentabilidade da produção”, reflete o gerente de sustentabilidade da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA), Eneas Porto.

A adoção de tecnologia, manejo eficiente e intensificação sustentável, permite aumentar a produtividade sem a necessidade de expansão desordenada de áreas agrícolas. Já a vegetação nativa exerce um papel fundamental no equilíbrio ambiental das

propriedades rurais, pois áreas preservadas ajudam na infiltração e conservação da água, contribuem para regulação climática local, reduzem erosão e favorecem a manutenção da biodiversidade.

“Além disso, a presença de vegetação nativa auxilia no controle biológico natural de pragas e na preservação de polinizadores, que são importantes para diversas culturas agrícolas”, complementa Porto, lembrando que o produtor rural cada vez mais percebe que preservar o Cerrado não é uma barreira para produção, mas uma estratégia que fortalece a resiliência e estabilidade do sistema produtivo.

## Pilares do Agro Sustentável no Oeste Baiano

**Sistema Plantio Direto (SPD):** O solo nunca fica descoberto. A palhada da safra anterior protege a terra, retém umidade e sequestra carbono, evitando a erosão.

**Corredores Ecológicos:** A conexão entre áreas de reserva legal das fazendas vizinhas, permitindo o fluxo da fauna e a preservação da flora nativa em escala regional.

**Monitoramento de Nascentes:** Programas como o “Nascentes do Oeste”, da AIBA, que já recuperaram centenas de fontes de água, envolvendo produtores e comunidades.

**Créditos de Carbono:** A transição das fazendas para modelos que não apenas reduzem emissões, mas que podem gerar receita através da venda de créditos de carbono no mercado internacional.

**Manejo Integrado de Pragas (MIP):** Uso de sensores e inteligência artificial para aplicar defensivos apenas onde é estritamente necessário, preservando insetos benéficos.

## Cerrado: o berço das águas

Cerca de 40% de toda a água doce do Brasil nasce no Cerrado. As raízes profundas das árvores e arbustos do Cerrado, conhecidas como “florestas invertidas”, funcionam como uma esponja: elas absorvem a água das chuvas e a conduzem para as camadas mais profundas do solo, alimentando os lençóis freáticos e as nascentes de forma contínua, mesmo durante os períodos de seca.

Mas mesmo com essa abundância do Cerrado, que age como se fosse uma caixa d'água, é importante se pensar em maneiras de irrigação da lavoura, considerando, principalmente, os eventos climáticos, que são cada vez mais recorrentes. Pensar em não desperdiçar água, também é outra ação quando se fala em sustentabilidade.

Para isso, a irrigação moderna evoluiu muito nos últimos anos e hoje trabalha baseada em dados e precisão. Sensores de solo, estações meteorológicas, monitoramento climático e softwares de gestão permitem aplicar água exatamente na quantidade e no momento necessário para a planta. Isso reduz desperdícios, melhora eficiência hídrica e aumenta produtividade. “Em uma região estratégica como o Oeste Baiano, onde a gestão da água é uma prioridade, a tecnologia se torna uma aliada fundamental para garantir segurança hídrica e sustentabilidade da produção agrícola”, argumenta Porto.

Segundo o gerente de sustentabilidade, solos bem manejados possuem maior capacidade de armazenar água, manter equilíbrio biológico e proteger as plantas contra extremos climáticos. Práticas como plantio direto, cobertura vegetal e aumento de matéria orgânica, ajudam a reduzir a evaporação e melhorar a infiltração da água no solo.

Na prática, isso torna as lavouras mais resistentes aos períodos de veranico, geralmente entre janeiro e fevereiro, que alcançam até 40 dias sem chuva e às oscilações de temperatura, que vêm se tornando mais frequentes. “O manejo sustentável do solo passa a ser uma ferramenta importante não apenas de produtividade, mas também de adaptação às mudanças climáticas e de redução de riscos para o produtor rural.”



## Agricultura regenerativa é evolução

Quando se fala em sustentabilidade, se fala também em agricultura regenerativa, modelo de produção focado em restaurar a saúde do solo e reabilitar os ecossistemas. Representa uma evolução importante do modelo produtivo, com foco na recuperação da saúde do solo e no aumento da eficiência biológica das áreas agrícolas.

Técnicas como plantio direto, rotação de culturas, cobertura permanente do solo e integração lavoura-pecuária vêm ganhando espaço no Cerrado, justamente por aumentarem matéria orgânica, retenção de água e equilíbrio biológico do solo. “Essas práticas ajudam a construir sistemas mais resilientes, produtivos e sustentáveis ao longo do tempo. O solo deixa de ser visto apenas como suporte da lavoura e passa a ser tratado como um ativo estratégico para garantir produtividade futura e estabilidade ambiental.”

## CERRADO: A FLORESTA INVERTIDA

No Cerrado, o que sustenta a vida está abaixo da terra.

**FLORESTA TROPICAL**  
(como a Amazônia)

Mais de 70% da vida está acima do solo.

Muita folhagem, troncos altos e raízes mais superficiais.

**CERRADO A FLORESTA INVERTIDA**

Mais de 70% da vida está abaixo do solo.

Poucas folhas, troncos retorcidos e raízes muito profundas.

Por isso, o Cerrado é chamado de **FLORESTA INVERTIDA**.

- 1 A chuva cai e infiltra no solo.
- 2 As raízes absorvem a água como esponjas.
- 3 A água é conduzida para camadas mais profundas.

- 4 A água infiltra e recarrega os aquíferos.

- 5 A água volta à superfície por nascentes e rios, sustentando a vida.

**AQUÍFEROS**  
Grandes reservas de água subterrânea.

**CERRADO: raízes profundas, água para o Brasil.**  
Preservar o Cerrado é preservar nossas águas e o nosso futuro.

As chuvas do Cerrado alimentam grandes reservas de água abaixo da terra.

### COMO AS RAÍZES FUNCIONAM COMO ESPONJAS

- 1 A chuva cai sobre o Cerrado. Mesmo com pouca folhagem, a água alcança o solo.
- 2 As raízes profundas e ramificadas absorvem a água como esponjas. Elas têm muitos poros e canais por onde a água entra e fica retida.
- 3 A água é conduzida pelas raízes até camadas mais profundas do solo.
- 4 Lá embaixo, a água infiltra e recarrega os aquíferos, que são nossos grandes reservatórios subterrâneos.
- 5 Essa água volta à superfície por nascentes e rios, sustentando a vida, mesmo na seca.

### POR QUE ISSO É TÃO IMPORTANTE?

- Garante água na seca.**  
As raízes profundas sustentam nascentes e rios o ano inteiro.
- Protege os aquíferos.**  
A infiltração lenta e constante evita enxurradas e recarrega os lençóis de água.
- Sustenta a vida.**  
O Cerrado abastece 8 das 12 maiores bacias hidrográficas do Brasil.

# Infraestrutura viária redefine a competitividade do Cerrado baiano

INFRAESTRUTURA PRECÁRIA É UM ENTRAVE HÁ DÉCADAS E QUE ESTÁ SENDO SUPERADO COM COOPERAÇÃO E ASSERTIVIDADE

A infraestrutura rodoviária deixou de ser apenas uma demanda histórica do Cerrado da Bahia para se tornar um dos fatores mais decisivos para o futuro econômico da região. Em um território marcado por longas distâncias, crescimento acelerado da produção agrícola e forte dependência do transporte terrestre, estradas, pontes e corredores logísticos passaram a representar elementos diretamente ligados à competitividade do agronegócio regional.

O avanço da produção de soja, milho, algodão e da agricultura irrigada ampliou a pressão sobre a malha viária do Cerrado baiano e transformou a logística em um dos principais desafios para produtores

rurais, transportadores e empresas ligadas ao setor. Mais do que reduzir custos operacionais, a melhoria das estradas passou a influenciar diretamente a eficiência das fazendas, o escoamento das safras e a capacidade da região de continuar expandindo sua participação no mercado nacional e internacional.

Nesse cenário, o Cerrado baiano construiu um modelo de atuação que ganhou destaque nacional pela integração entre iniciativa privada e poder público. A parceria entre produtores rurais, Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), prefeituras municipais, governo estadual e o Programa para o Desenvolvimento da Agropecuária (Prodeagro) permitiu transformar antigas reivindicações em obras

concretas de infraestrutura viária.

Nos últimos anos, a região ultrapassou a marca de 500 quilômetros de estradas asfaltadas e 12 pontes construídas por meio desse sistema de cooperação. O modelo surgiu em 2018 a partir de articulações entre a Aiba, produtores rurais e entidades representativas do setor agrícola, consolidando um dos maiores programas de infraestrutura viária ligados ao agro brasileiro. Segundo Luiz Stahlke, gerente de Infraestrutura da Aiba, o crescimento regional exige continuidade dos investimentos. “A demanda por pavimentação cresce constantemente. O que já foi feito solucionou problemas importantes, mas a região continua avançando e precisa de novas obras”, afirma.

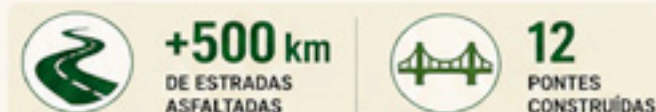
## INFRAESTRUTURA VIÁRIA REDEFINE A COMPETITIVIDADE DO CERRADO BAIANO

Estradas, pontes e corredores logísticos se tornaram fatores decisivos para o futuro econômico do Oeste da Bahia, impulsionando o agronegócio, reduzindo custos e conectando a produção aos mercados do Brasil e do mundo.



### O MODELO DE COOPERAÇÃO QUE TRANSFORMA A REGIÃO

A união entre iniciativa privada e poder público transformou antigas reivindicações em obras concretas de infraestrutura viária.



Resultados alcançados desde 2018 por meio do modelo de cooperação entre produtores, entidades e poder público.

“A demanda por pavimentação cresce constantemente. O que já foi feito solucionou problemas importantes, mas a região continua avançando e precisa de novas obras.”

Luiz Stahlke, diretor de Infraestrutura da Aiba



### ESTRADAS PASSARAM A IMPACTAR DIRETAMENTE A RENTABILIDADE

#### OS PROBLEMAS DE ANTES

- Excesso de poeira e atoleiros
- Interrupções no período chuvoso
- Desgaste de veículos
- Atrasos e perda de oportunidades
- Aumento de custos operacionais



#### OS BENEFÍCIOS DEPOIS DO ASFALTAMENTO

- Transporte seguro o ano todo
- Redução de custos com manutenção e combustível
- Agilidade na entrega e no recebimento de insumos
- Mais oportunidades de comercialização
- Tranquilidade para planejar e investir

“As estradas sempre foram uma das grandes dificuldades que tivemos. Depois do asfaltamento temos tranquilidade para receber e encaminhar cargas a qualquer momento.”

Marcelo Kappes, produtor rural de Linha Paraíso

### COOPERAÇÃO QUE GERA DESENVOLVIMENTO

Diante da velocidade de crescimento da região e das limitações orçamentárias do poder público, o setor produtivo assumiu o protagonismo na execução de obras estratégicas.



“É um retorno do que já pagamos de impostos há tantos anos.”

Marcelo Kappes, produtor rural de Linha Paraíso

### GARGALOS AINDA DESAFIAM O SETOR PRODUTIVO

A forte dependência do transporte rodoviário eleva custos e limita a competitividade do agronegócio regional.

#### RODOVIAS FEDERAIS: PONTOS CRÍTICOS

- BR-135**: Trechos inacabados entre Correntina e São Desidério, ligação Sul da região.
- BR-020**: Intenso fluxo de veículos entre a divisa de Goiás e Luis Eduardo Magalhães.
- BR-242**: Principal corredor logístico entre o Oeste baiano e Salvador. Duplicação entre Luis Eduardo Magalhães e Barreiras é prioridade.

#### O QUE O SETOR DEFENDE

- Modernização e duplicação de rodovias estratégicas
- Avanço da integração ferroviária (Fioel e conexão com Ferrovia Norte-Sul)
- Redução de custos logísticos e mais competitividade para a produção do Cerrado baiano

“A dependência quase exclusiva do transporte rodoviário encarece tanto a saída da produção quanto a chegada dos insumos.”

Luiz Stahlke, diretor de Infraestrutura da Aiba



### INFRAESTRUTURA COMO BASE DO FUTURO REGIONAL



## Estradas impactam diretamente a rentabilidade

Em uma região altamente dependente do modal rodoviário, as condições das estradas influenciam diretamente o custo da produção agrícola. Problemas como excesso de poeira, atoleiros, interrupções durante períodos chuvosos e desgaste de veículos sempre fizeram parte da rotina de quem produz no Cerrado baiano. Além do aumento no consumo de combustível e nos custos de manutenção da frota, as dificuldades logísticas comprometiam prazos de entrega, elevavam perdas operacionais e limitavam oportunidades de comercialização.

O produtor rural Marcelo Kappes, de Linha Paraíso, recorda que os transtornos ocorrem desde a década de 1980 e afirma que a infraestrutura está entre os principais desafios da região. “As estradas sempre foram uma das grandes dificuldades que tivemos”, relata. Segundo Kappes, em muitos períodos do ano o transporte da produção dependia exclusivamente das condições climáticas. Durante as chuvas, algumas estradas ficavam praticamente intransitáveis, dificultando tanto a chegada de insumos quanto a saída da safra.

“Às vezes não tinha condição de fazer entrada e saída de cargas e precisávamos concentrar negociações no período sem chuva”, afirma. A limitação logística também impactava diretamente os resultados financeiros das propriedades. Com dificuldades de transporte, muitos produtores perdiam oportunidades de comercialização em momentos mais favoráveis do mercado. “Depois do asfaltamento temos tranquilidade para receber e encaminhar cargas a qualquer momento”, destaca Kappes.

## Cooperação entre produtores e poder público

A ampliação da infraestrutura rodoviária do Cerrado baiano passou a ocorrer de forma mais acelerada a partir da união entre produtores e poder público. Diante da velocidade de crescimento da região e das limitações orçamentárias enfrentadas por estados e municípios, o setor produtivo passou a participar diretamente da execução de obras consideradas estratégicas.

O modelo colaborativo permitiu a pavimentação de importantes corredores agrícolas e também a manutenção de estradas vicinais utilizadas diariamente para o transporte de grãos, fibras e insumos. “Sabemos que o poder público possui diversas prioridades. Por isso o setor produtivo assumiu o protagonismo em projetos essenciais”, explica Luiz Stahlke.

Entre os serviços realizados está a pavimentação na região de Linha Paraíso, construída por meio da parceria entre produtores rurais, Aiba e poder público. Para Kappes, a obra representa não apenas melhoria logística, mas também retorno dos investimentos feitos pelo próprio setor ao longo das últimas décadas. “É um retorno do que já pagamos de impostos há tantos anos”, afirma.

Segundo ele, a melhoria das estradas trouxe impactos diretos para a eficiência operacional das propriedades e para a qualidade de vida de quem vive e trabalha na região. Além do transporte agrícola, as obras beneficiam deslocamentos escolares, atendimento de saúde, circulação de mercadorias e integração entre comunidades rurais.

## Gargalos ainda desafiam o setor produtivo

Apesar dos avanços registrados nos últimos anos, a infraestrutura logística ainda representa um dos principais gargalos para o agronegócio regional. A forte dependência do transporte rodoviário continua elevando custos e pressionando corredores estratégicos utilizados diariamente pelo setor produtivo.

A situação das rodovias federais que atendem o Cerrado da Bahia exemplifica esse cenário. A BR-135, considerada fundamental para a ligação Sul da região, ainda possui trechos inacabados entre Correntina e São Desidério. Já a BR-020 enfrenta intenso fluxo de veículos entre a divisa de Goiás e Luís Eduardo Magalhães, exigindo manutenção frequente e melhorias estruturais.

Entre as principais reivindicações do setor está a modernização da BR-242, principal corredor logístico entre o Cerrado baiano e Salvador. A duplicação do trecho entre Luís Eduardo Magalhães e Barreiras aparece entre as prioridades defendidas por produtores e entidades representativas. “A dependência quase exclusiva do transporte rodoviário encarece tanto a saída da produção quanto a chegada dos insumos”, afirma Stahlke.

Ele entende que a ampliação da integração ferroviária também será decisiva para o futuro da logística regional. O setor acompanha os projetos relacionados à Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol) e à conexão com a Ferrovia Norte-Sul, consideradas fundamentais para reduzir custos de frete e ampliar a competitividade internacional da produção agrícola do Cerrado baiano.

## Infraestrutura como base do futuro regional

O crescimento econômico do Cerrado da Bahia ampliou a necessidade de planejamento logístico e investimentos estruturantes capazes de acompanhar a velocidade da expansão agrícola regional. Estradas, pontes, energia e armazenagem passaram a fazer parte do centro das discussões sobre competitividade e sustentabilidade no Cerrado baiano. Mais do que atender demandas imediatas, os investimentos em infraestrutura representam condição essencial para manter a capacidade de crescimento da região nas próximas décadas.

Ao longo dos últimos anos, o modelo de cooperação entre produtores, entidades representativas e poder público demonstrou capacidade de transformar antigas reivindicações em projetos concretos. A combinação entre organização do setor produtivo, planejamento técnico e articulação institucional consolidou um ambiente favorável para novas obras e investimentos.

Para Luiz Stahlke, a continuidade desse trabalho será decisiva para o futuro do agronegócio regional. “Infraestrutura deixou de ser apenas uma necessidade operacional. Hoje ela é parte da estratégia de desenvolvimento do Cerrado da Bahia”, afirma.

Com produção crescente e importância cada vez maior no cenário agrícola brasileiro, o Cerrado baiano segue construindo as bases logísticas necessárias para sustentar seu avanço econômico. Em uma região onde cada quilômetro asfaltado impacta diretamente a competitividade do campo, infraestrutura passou a significar também produtividade, eficiência e segurança para o futuro.

OOH

## O GIGANTE DA ECONOMIA PRECISA DO GIGANTE DA MÍDIA

Como a mídia exterior se posiciona como o canal mais estratégico para marcas que disputam a atenção de cada player do agronegócio.



O agronegócio é o motor mais potente da economia brasileira. Responsável por mais de 30% do PIB nacional, o setor lidera rankings globais de exportação em soja, carne, café, açúcar e algodão. São trilhões de reais movimentados anualmente, cadeias produtivas que atravessam o país de norte a sul e um ecossistema de decisores que trabalham em ritmo próprio, com calendário, lógica e rotas que a maioria dos planos de mídia ainda não aprendeu a respeitar. Para marcas que querem fazer parte desse universo, a pergunta não é apenas onde anunciar. É onde o tomador de decisão do agro realmente está.

### A jornada de compra do agro começa na estrada

O agronegócio é movido por pessoas em movimento. O produtor rural que decide qual insumo vai usar na próxima safra. O gestor de fazenda que avalia novas tecnologias antes de fechar o orçamento. O técnico agrícola que percorre propriedades e carrega consigo a influência sobre dezenas de decisões de compra. O representante comercial que visita revendas num raio de centenas de quilômetros. O responsável de compras de uma cooperativa que negocia volumes em nome de centenas de associados. Cada um desses perfis tem algo em comum: passa a maior parte do seu dia produtivo em trânsito. Não na frente de uma tela. Não com atenção disponível para um feed ou um banner digital. Mas na estrada, entre uma propriedade e a próxima, entre uma reunião e o próximo compromisso, entre o campo e a cidade. E é exatamente nesse trajeto que a comunicação de marca encontra sua janela mais valiosa.

Nesse cenário, os painéis rodoviários e outdoors assumem um papel estratégico para marcas que desejam construir presença e lembrança junto ao público do agro. Enquanto o deslocamento acontece, o OOH transforma rodovias, acessos urbanos e corredores logísticos em pontos de contato de alto impacto, posicionando marcas de insumos, máquinas, cooperativas e serviços diante de decisores que vivem a rotina da estrada. Mais do que alcance, essa presença gera familiaridade, reforça autoridade e mantém a marca inserida no território onde as decisões do agronegócio realmente acontecem.

“O OOH é presença constante. Ele constrói a marca no inconsciente do consumidor antes mesmo de ele entrar em uma loja ou abrir um app.”

Fernanda Schorr, Diretora da BA Outdoor

### O que o OOH entrega para marcas do agronegócio

Para marcas que atuam no agro, os diferenciais da mídia exterior se traduzem em três vantagens concretas que nenhum canal digital consegue replicar com a mesma consistência:

#### Presença nas rotas de decisão:

os corredores que conectam fazendas, cooperativas, revendas, distribuidores e centros logísticos são percorridos diariamente por decisores em estado ativo de avaliação e compra. Estar nessas rotas é estar no momento exato em que a intenção de compra se forma, antes mesmo de o produtor chegar ao ponto de venda ou abrir um catálogo.

#### Independência de conectividade:

regiões produtoras operam com frequência em áreas de cobertura de internet limitada ou inexistente. O outdoor está presente onde o digital simplesmente não chega. No contexto agro, isso não é uma limitação operacional: é uma oportunidade exclusiva de comunicação sem concorrência de tela.

#### Construção de frequência e recall:

o agronegócio tem seu próprio calendário: plantio, colheita, entressafra, feiras, eventos. Uma marca presente nas rotas do produtor rural ao longo de semanas constrói um nível de familiaridade que nenhuma campanha digital pontual replica. Quando o momento de decisão chega, a marca já está mapeada na cabeça de quem decide.

“Sempre oriento os nossos clientes que uma mídia não é a mais relevante para o seu negócio do que a outra. Cada meio cumpre uma função específica e entrega resultados diferentes. Para impactar e vender mais elas precisam caminhar juntas.”

Rosivaldo Mercês, Consultor de Mídia OOH, BA Outdoor

### Agenda do agro, calendário de mídia

Marcas de insumos, revendas de maquinários, cooperativas, financeiras e seguradoras que planejam presença em mídia exterior com base no calendário do setor chegam ao público certo no momento exato. As que ignoram esse ritmo aparecem fora de hora, ou simplesmente não aparecem.

Grandes eventos setoriais como a **Bahia Farm Show** ilustram essa lógica em escala: nos dias que antecedem e sucedem a feira, as rodovias da região concentram produtores, técnicos, representantes e compradores em trânsito, **todos em estado de atenção ativa para novidades**. Os espaços de mídia exterior nessas rotas são disputados com antecedência, e as **marcas que chegam primeiro constroem vantagem real antes de qualquer concorrente chegar ao pavilhão**.

### A decisão que transforma presença em resultado

O agronegócio é o gigante da economia brasileira. E como todo gigante, ele exige uma comunicação à sua altura: de impacto, de presença e de escala. O OOH entrega o que o digital não consegue no contexto agro: **visibilidade física nas rotas onde as decisões acontecem, presença contínua independente de conectividade e construção de marca que resiste ao tempo de maturação das grandes compras do setor**. Para marcas que querem não apenas aparecer para o público agro, mas ser lembradas no momento exato em que a decisão é tomada, a pergunta não é se o OOH deve fazer parte da estratégia. **É quando começar.**



Fontes: Kantar Ibope, 2023 & Portal do Outdoor.



# Aiba inova na segurança rural e fortalece relacionamento com produtores associados

CENTRO DE MONITORAMENTO FOI CRIADO PARA GARANTIR VIGILÂNCIA 24 HORAS EM DIVERSOS PONTOS DA REGIÃO

A Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) lançou o Programa de Monitoramento das Vias Vicinais, um projeto que visa monitorar a malha vicinal da região por meio de câmeras de segurança. O objetivo é prevenir roubos e furtos, reforçar a segurança dos produtores e proteger as principais rotas de escoamento da safra.

A iniciativa já conta com 20 kits de monitoramento instalados e prevê a expansão para mais 100 pontos, beneficiando 500 propriedades rurais. Os trechos monitorados incluem as rodovias BA-460, BA-458, BA-459, BR-135 e BR-020, nas proximidades da Fazenda Rio de Janeiro e divisa entre Bahia e Tocantins, a BA-458, próxima à Vila Panambi, em Formosa do Rio Preto, o Anel

da Soja, na Estrada do Café, em Barreiras, e da Estrada da Linha Branca, em Rosário. Os pontos monitorados foram definidos a partir de indicações técnicas da Polícia Militar e de sugestões diretas dos produtores, priorizando áreas de intenso fluxo logístico, acessos a propriedades rurais e trevos estratégicos para o escoamento da produção agrícola.



## Mais segurança para a região

Para este ano, a Aiba já adquiriu mais 35 kits de monitoramento, que serão instalados ao longo do próximo bimestre, permitindo a ampliação gradual da cobertura e o aumento da eficiência do sistema de monitoramento nas principais regiões produtivas do Cerrado baiano. Com o monitoramento em tempo real das principais estradas vicinais que cortam as áreas produtivas, as imagens captadas serão enviadas simultaneamente ao Centro de Monitoramento Dois de Julho, da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA), em Salvador, e ao Centro Integrado de Comunicações (Cicom), em Barreiras, além de ficarem armazenadas na sede da Central de Monitoramento da própria Aiba, que está sendo implantada no prédio da associação, em Luís Eduardo Magalhães.

A iniciativa é um compromisso da entidade para resguardar a produção e assegurar tranquilidade à logística agrícola. “O uso de câmeras de segurança contribui para solucionar um antigo gargalo do setor, pois auxilia na identificação dos veículos que transitam nas vias e no controle de acesso, coibindo os roubos de cargas nas principais regiões produtivas”, reforçou o gerente de Infraestrutura da Aiba, Luiz Stahlke.

## Operação Safra ‘Tech’

A Aiba e a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA), uniram forças e há 12 anos criaram a Operação Safra para reforçar a segurança nas áreas rurais na região, durante o período da safra, entre outubro e março. No último ano, a operação recebeu suporte do Projeto de Monitoramento de câmeras de segurança e incorporou tecnologia em seus trabalhos, e agora é conhecida por Operação Safra ‘Tech’. Kits de internet por satélite (starlinks) foram cedidos à Polícia Rodoviária Federal de Barreiras e Correntina, e outros quatro kits foram cedidos à 30ª CIPM de Santa Maria da Vitória em dezembro de 2025.

“Por meio do diálogo com o produtor rural e associações parceiras, sentimos a necessidade de integrar suportes tecnológicos à Operação Safra Tech, e para intensificar o programa, até o final do ano, queremos adquirir mais 100 kits e instalá-los nas principais rodovias, trazendo mais segurança ao homem do campo e suporte à logística de escoamento”, afirmou o presidente da Aiba, Moisés Schmidt.

Na região da Linha Branca, por exemplo, foram instalados quatro pontos do Projeto de Monitoramento por câmeras de segurança. O produtor rural Marcio Schermack, avaliou a efetividade do projeto da Aiba. “Os produtores aderiram a ideia demonstrando interesse para instalar quatro pontos, ajudaram e estão empenhados, pois é uma excelente iniciativa. Até o momento, não tivemos nenhum caso de roubo, e se houver, conseguiremos uma solução rápida”, destacou o produtor que também é delegado da Aiba na região, e também representante da Associação dos Produtores de Linha Branca Cambará.

A Operação Safra Tech é fruto de um investimento estratégico em tecnologia de ponta e um marco fundamental para a segurança na região, como afirma o coordenador geral de TI da Aiba, Rosberg Flores. “Estamos implementando um robusto sistema de monitoramento contínuo, ativo 24 horas por dia, sete dias por semana, com câmeras de reconhecimento de placas instaladas nas vias. Toda essa inteligência será centralizada em nosso novo Centro de Monitoramento construído na sede da Bahia Farm Show, onde equipes especializadas atuarão em estreita colaboração com as autoridades”, explica Rosberg.



“O uso de câmeras de segurança contribui para solucionar um antigo gargalo do setor, pois auxilia na identificação dos veículos que transitam nas vias e no controle de acesso, coibindo os roubos de cargas nas principais regiões produtivas.”

Luiz Stahlke,  
gerente de Infraestrutura da Aiba

## Relacionamento com o associado

O projeto de monitoramento por câmeras de segurança foi destaque entre as principais pautas debatidas durante os cinco encontros itinerantes do programa Aiba + Perto do Produtor, realizados em comunidades produtivas da região no segundo semestre de 2025. As reuniões contaram com presença de aproximadamente 350 produtores rurais que demonstraram interesse e contribuíram com sugestões de pontos estratégicos para a instalação dos kits, e também opinaram sobre outras demandas referentes ao setor, como energia elétrica e pavimentação asfáltica.

“O departamento de Relacionamento com o Associado atua como um elo fundamental nesse processo, aproximando a entidade dos produtores e permitindo identificar, de forma precisa, as demandas de cada região. Esse contato próximo garante que as decisões sejam tomadas com base na realidade local, tornando o projeto mais eficiente e alinhado às necessidades do setor”, explica a coordenadora de Relacionamento com o Associado da Aiba, Vanderleia Griebler.

A Aiba está estruturada técnica e operacionalmente para atender toda a região produtiva, com capacidade de expansão do projeto de monitoramento para as principais rodovias, estradas vicinais e linhas estratégicas que integram o sistema logístico do Cerrado da Bahia. Entre elas, os corredores fundamentais como a Rodovia da Soja, Rodovia Rio Grande, BA-458 (Estrondo e Garganta), BA-462 (Alto Horizonte), Estrada do Café, Estrada dos Pivôs, BR-030 (Estrada das Veredas), além de outras linhas produtivas e vias de acesso que conectam comunidades, núcleos agrícolas e áreas de escoamento.

A ampliação das instalações seguirá critérios técnicos e a demanda apresentada pelos produtores associados, garantirá cobertura eficiente e alinhada à realidade de cada localidade. Dessa forma, a Aiba fortalece sua base, amplia sua representatividade e contribui diretamente para um ambiente mais seguro, integrado e produtivo.

Por Ana Lúcia Souza  
Assessora de Imprensa Aiba

# Do Cerrado intocado à potência agrícola global: a transformação histórica do Oeste da Bahia

FAMÍLIAS PIONEIRAS TRANSFORMARAM O CERRADO ISOLADO EM UMA POTÊNCIA AGRÍCOLA MUNDIAL

No fim da década de 1970, o Oeste da Bahia ainda era visto por muitos brasileiros como um território distante, isolado e de potencial incerto. A região era formada por extensas áreas de Cerrado nativo, poucas estradas e praticamente nenhuma estrutura para agricultura em larga escala. Quase cinco décadas depois, o cenário é completamente diferente: o Oeste baiano se consolidou como uma das mais modernas e produtivas fronteiras agrícolas do planeta, referência em tecnologia, produtividade e inovação no agronegócio.

A transformação da região não aconteceu por acaso. Ela foi construída por milhares de produtores rurais que decidiram apostar em uma terra ainda desconhecida, enfrentando dificuldades técnicas, ausência de infraestrutura e desafios econômicos gigantes. Entre esses pioneiros estão famílias como os Riffel e os Manjabosco, cujas trajetórias ajudam a contar a história do desenvolvimento agrícola do Cerrado baiano.

## O começo em meio ao desconhecido

Quando a família Riffel chegou ao Oeste da Bahia, em 1979, praticamente não havia nada estruturado. “Quando chegaram aqui só existia o Cerrado e nada mais. Luís Eduardo Magalhães não tinha nenhuma casa, só a BR-020 que passava”, relembra o produtor Valdir Riffel.

Naquele período, a agricultura brasileira ainda dava os primeiros passos rumo à ocupação produtiva do Cerrado. O conhecimento técnico sobre os solos da região era limitado, as sementes adaptadas praticamente inexistentes e até mesmo o comportamento das chuvas ainda era desconhecido para quem vinha de outras regiões do país.

“O objetivo era produzir soja e milho, que hoje estão consagrados, mas nos primeiros dois anos ficamos só abrindo áreas, porque não sabiam direito nem o ciclo das chuvas”, conta Riffel. A primeira lavoura da família foi implantada em 1982, com 100 hectares de arroz e 50 hectares de soja.

A decisão de migrar para a Bahia estava ligada a uma transformação econômica que já ocorria no Sul do Brasil. Muitos produtores haviam sido impactados pela formação do lago da Usina Hidrelétrica de Itaipu e encontravam dificuldades para expandir propriedades em regiões onde

as terras já tinham se valorizado.

“Por lá a agricultura já estava consolidada e não conseguíamos comprar outras áreas porque os preços eram muito altos”, recorda Riffel. “Muitos produtores que hoje estão estabelecidos aqui no Oeste da Bahia procederam da mesma forma.”

O movimento migratório vindo principalmente do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina mudaria definitivamente a história do Oeste baiano. Os produtores trouxeram experiência agrícola, mecanização e uma visão empresarial que ajudou a transformar a região em um dos maiores polos produtivos do país.



## Uma agricultura construída praticamente do zero

Os desafios enfrentados pelos pioneiros eram enormes. Estradas praticamente não existiam, a energia elétrica demoraria anos para chegar e a armazenagem era extremamente precária. “No começo não havia acessos para lugar nenhum, tudo era novo e intocado”, lembra Riffel. “Hoje ainda temos dificuldade com isso, imagine que já são 45 anos de desenvolvimento.”

O isolamento da região dificultava inclusive o acesso a assistência técnica. “Em 1982 nós tínhamos dois ou três agrônomos atuando aqui na região e eles conseguiam trazer as sementes de Brasília.” O crédito rural também praticamente inexistia. Bancos e empresas sequer conheciam o potencial produtivo do Oeste baiano. “A gente ia nos bancos e ninguém sabia da existência das lavouras aqui no Cerrado.”

Nos primeiros anos, os produtores dependiam de recursos próprios e de patrimônio acumulado em outras regiões. “Precisamos fazer tudo com as reformas que tínhamos no Paraná e fomos trazendo para cá até que, anos depois, os bancos e as empresas conheceram a região e a confiança foi aumentando.”

A infraestrutura dentro das propriedades também precisou ser construída do zero. “Nos primeiros 15 anos, até mais ou menos 1995, a nossa energia na fazenda era obtida por gerador”, conta Riffel. “Geladeira funcionava a gás, quem nunca viu nem acredita quando a gente conta.”

Com pouca presença do poder público, os próprios agricultores passaram a organizar soluções coletivas para superar os problemas estruturais. “Por volta do ano 2000 eu e mais seis vizinhos decidimos agir e puxamos, por conta própria, 15 quilômetros de redes que depois foram absorvidas pela concessionária.”

A persistência foi determinante para a sobrevivência de muitas famílias. “Precisava ter coração bom, porque muitos vieram, tentaram e desistiram, mas a gente persistiu e conseguiu segurar as pontas.”

“O solo é nosso maior patrimônio. Todas as decisões tomadas no campo devem ser pensadas para o longo prazo.”

Eduardo Manjabosco, produtor rural da região

## A evolução técnica do Cerrado

A trajetória da família Manjabosco também simboliza a transformação do Oeste da Bahia. São mais de três décadas dividindo a rotina entre o Rio Grande do Sul e a Bahia, separados por cerca de 2.500 quilômetros. Desde que se formou em agronomia, em 1999, Eduardo Manjabosco acompanha pessoalmente os plantios e colheitas nas fazendas da família em Luís Eduardo Magalhães.

O pai dele, Adil Arlindo Manjabosco, chegou à região no final da década de 1980 em busca de oportunidades na nova fronteira agrícola brasileira. Quando adquiriu a Fazenda Triunfo, em 1989, o Cerrado baiano ainda era pouco explorado para agricultura. “Não tinha quase nada na região. Meu pai viu algumas plantações de soja e resolveu tentar”, relembra Eduardo.

A família Manjabosco vinha de uma trajetória ligada ao comércio de máquinas agrícolas no Rio Grande do Sul e acompanhou de perto a modernização da agricultura brasileira. “Meu pai não tinha nenhum hectare de terra”, conta Eduardo. “Com o sucesso dos negócios, a família começou a investir

em agricultura.” Na década de 1980, diante da redução nas vendas do comércio agrícola, surgiu a decisão de ampliar os investimentos em produção rural e buscar novas áreas mais ao norte do país.

“Um compadre convidou meu pai para ir para o Oeste da Bahia. Ele tinha uma imobiliária em Barreiras. Meu pai foi em fevereiro de 1989”, lembra. “Um hectare de terra valia US\$ 100 na época, o equivalente a umas dez sacas de soja.”

Mas a chegada à Bahia trouxe uma série de desafios técnicos inéditos. Os conhecimentos utilizados no Sul do Brasil não funcionavam da mesma forma nos solos do Cerrado. “Cheguei na Bahia querendo fazer recomendação de calagem e adubação em cima de regras e técnicas do Rio Grande do Sul e errei”, afirma Eduardo.

Os solos ácidos e pobres do Cerrado exigiram anos de aprendizado, pesquisa e adaptação. “Entendi que era necessário aumentar as doses de calcário e fazê-lo chegar nos solos mais profundos. A fertilidade do solo era muito superficial. Qualquer veranico compromete-

ria a produtividade.”

A construção da fertilidade do solo tornou-se uma das principais bases da transformação agrícola regional. Primeiro foi necessário desenvolver técnicas capazes de fazer o calcário atingir camadas mais profundas do solo. Depois vieram os ajustes de fósforo, potássio e enxofre, até alcançar o manejo detalhado de micronutrientes como cobre e boro.

No entendimento de Eduardo Manjabosco, esse processo representou uma das maiores mudanças da agricultura regional. “As principais mudanças foram a grande transformação de áreas de cerrado em lavouras e o investimento em fertilidade e perfil do solo, que trouxe mais resiliência e produtividade para os agricultores.”

A evolução técnica do Oeste baiano permitiu transformar solos considerados pobres em algumas das áreas agrícolas mais produtivas do país. Atualmente, a região utiliza agricultura de precisão, manejo biológico, drones, softwares de monitoramento, irrigação de alta eficiência e máquinas cada vez mais automatizadas.

## Sustentabilidade e visão de longo prazo

A modernização do Oeste da Bahia também veio acompanhada de um processo crescente de adoção de práticas sustentáveis de produção. Os Manjabosco, por exemplo, investem em formação de palhada para plantio direto, integração pecuária-lavoura e utilização de bioinsumos. O objetivo é preservar a qualidade do solo e aumentar a resiliência produtiva das propriedades.

“O solo é nosso maior patrimônio. Todas as decisões tomadas no campo devem ser pensadas para o longo prazo”, afirma Eduardo. A preocupação com conservação do solo ganhou importância especialmente em uma região sujeita a períodos de estiagem dentro do ciclo produtivo. O aprofundamento do perfil de fertilidade permitiu que as plantas desenvolvessem raízes mais profundas, tornando as lavouras mais resistentes aos chamados veranicos.

Ao longo das últimas décadas, o Oeste da Bahia também se consolidou como referência nacional em plantio direto, manejo racional de insumos e recuperação de áreas degradadas. A evolução tecnológica permitiu elevar a produtividade sem depender exclusivamente da abertura de novas áreas agrícolas.

## A consolidação de uma potência agrícola

Hoje, municípios como Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, São Desidério e Formosa do Rio Preto figuram entre os maiores polos do agronegócio brasileiro. A região se tornou referência nacional na produção de soja, milho e algodão, concentrando algumas das maiores produtividades do país. O Oeste baiano responde por grande parte da produção agrícola do Matopiba — área considerada a última grande fronteira agrícola do Brasil.

O crescimento econômico também transformou profundamente as cidades da região. O que antes eram pequenos povoados se tornaram centros urbanos modernos, com forte presença de empresas de tecnologia agrícola, concessionárias de máquinas, tradings, cooperativas, universidades e centros de pesquisa.

A realização anual da Bahia Farm Show, em Luís Eduardo Magalhães, simboliza essa transformação. A feira se consolidou como uma das maiores vitrines de tecnologia agrícola do país e atrai produtores, investidores e empresas do Brasil e do exterior. Apesar dos avanços, os desafios estruturais continuam presentes. Estradas, armazenagem, ferrovias e logística ainda representam gargalos importantes para uma região que cresce em ritmo acelerado.

Ainda assim, o contraste entre o passado e o presente impressiona quem acompanhou toda essa trajetória. O território que um dia foi visto apenas como Cerrado distante e improdutivo se transformou em uma das regiões agrícolas mais eficientes e tecnológicas do planeta.

A história do Oeste da Bahia é, acima de tudo, a história de famílias pioneiras que acreditaram no potencial de uma terra desconhecida e ajudaram a construir um dos capítulos mais importantes da agricultura brasileira moderna — um processo marcado por coragem, inovação, persistência e visão de futuro.

## Nossa tecnologia irriga o campo. Nossa gratidão cultiva o futuro.

O sucesso do agronegócio brasileiro não nasce por acaso. Ele é fruto da **dedicação** diária de **homens e mulheres** que transformam a terra com **suor, coragem e resiliência**.

Na Ebara, temos o **orgulho** de caminhar lado a lado com o produtor rural, oferecendo a **confiança** e a **tecnologia** necessárias para mover o que há de mais vital no campo: a **água**.

Com nossa **filial em Luís Eduardo Magalhães**, reafirmamos nosso compromisso de estar cada vez **mais próxima do produtor rural** em uma das regiões mais fortes e produtivas do **agronegócio brasileiro**, levando suporte, tecnologia e parceria ao campo.

Sabemos que irrigar é mais do que molhar o solo, é garantir a **segurança alimentar**, otimizar a **produtividade** e cultivar o futuro de forma **sustentável**.

A nossa palavra hoje é **gratidão**. Obrigado pela confiança em nossa parceria. **Onde tiver a força do produtor rural, haverá a tecnologia Ebara para fazer a vida prosperar.**



MAIS PERTO DE VOCÊ!  
**FILIAL LEM**



Suporte Técnico  
Peças de Reposição  
Serviços de Manutenção

(77) 2122-0303  
www.ebara.com.br  
Av. JK, 4859, LEM-BA



# Sucessão rural garante continuidade, inovação e longevidade no campo

PLANEJAMENTO SUCESSÓRIO EVITA TRANSTORNOS E TRAZ SEGURANÇA PARA A CONTINUIDADE DOS NEGÓCIOS

A consolidação do Cerrado da Bahia como uma das maiores fronteiras agrícolas do mundo foi construída por famílias pioneiras que apostaram em uma região ainda sem infraestrutura, tecnologia ou tradição agrícola consolidada. Décadas depois, essas propriedades se transformaram em empresas rurais altamente profissionalizadas, com operações complexas, estruturas corporativas e gestão cada vez mais estratégica. Nesse novo cenário, a sucessão familiar passou a ocupar posição central para garantir continuidade, estabilidade e crescimento sustentável no campo.

Mais do que transferir patrimônio entre gerações, a sucessão rural envolve planejamento, organização societária, definição clara de responsabilidades e preparação técnica dos herdeiros. No Cerrado baiano, produtores que participaram da construção da agricultura regional agora enfrentam outro desafio decisivo: assegurar que o legado construído ao longo de décadas continue sólido e competitivo no futuro.

Para o produtor Eduardo Manjabosco, que acompanha há mais de trinta anos as atividades da família entre o Rio Grande do Sul e a Bahia, trata-se de uma etapa que exige atenção. “O processo de sucessão em nossa família foi planejado e gradual”, afirma. Segundo ele, a organização societária foi fundamental para garantir estabilidade. “Meu pai era o proprietário da fazenda, então foi criada uma holding patrimonial onde ele colocou os filhos como sócios e cada um tinha sua função dentro do negócio.”

A estratégia permitiu que a transição acontecesse de maneira organizada, sem ruptura operacional ou conflitos societários. Após o falecimento do patriarca da família, as cotas foram herdadas pelos filhos e a empresa manteve sua continuidade. A experiência dos Manjabosco reflete um movimento cada vez mais presente no agronegócio brasileiro: a profissionalização da gestão familiar. Com propriedades maiores, opera-

ções mais complexas e volumes financeiros elevados, muitos produtores passaram a adotar estruturas empresariais semelhantes às utilizadas em grandes companhias.

## Separar família, sociedade e gestão

Um dos principais pontos destacados pelos produtores é a necessidade de diferenciar claramente as relações familiares das decisões empresariais. “A família produtora tem que saber separar de forma muito clara o que é família, sociedade e gestão do negócio”, afirma Eduardo Manjabosco. “São três itens diferentes, que se entrelaçam, e nesses momentos, as regras precisam estar bem claras.”

Ele entende que a ausência dessa organização pode comprometer não apenas os

negócios, mas também as relações familiares construídas ao longo de gerações. Em muitas propriedades rurais, conflitos sucessórios surgem justamente pela falta de planejamento prévio, definição de funções e alinhamento entre os herdeiros.

No Cerrado da Bahia, onde muitas fazendas cresceram rapidamente nas últimas décadas, a sucessão ganhou ainda mais relevância. O patrimônio acumulado por famílias pioneiras envolve terras, máquinas, armazéns, estruturas de irrigação, empresas de prestação de serviço e operações agrícolas multimilionárias.

Além da divisão patrimonial, a continuidade do negócio exige formação técnica e capacidade de gestão. A nova geração precisa estar preparada para assumir operações cada vez mais tecnológicas e competitivas.



## Experiência e inovação caminhando juntas

Na Fazenda Canaan, o produtor Daniel Hakim representa uma nova geração que já atua diretamente na condução dos negócios familiares ao lado da geração anterior. Trabalhando em parceria com o tio, Fuad Hakim, ele destaca que a separação de responsabilidades ocorre de maneira complementar. “Essa divisão acontece principalmente entre operação e estratégia”, explica. “Meu tio possui uma experiência muito sólida e lidera grande parte das decisões estratégicas do negócio.”

Daniel, por outro lado, segue em outra direção. “Minha atuação está muito ligada à operação, tecnologia, gestão e implementação de melhorias.” Para ele, a convivência entre diferentes gerações favorece a capacidade de adaptação da empresa rural. “Essa integração entre experiência e visão de futuro fortalece muito a tomada de decisão.”

O modelo mostra como muitas propriedades do Cerrado baiano vêm conduzindo o processo sucessório: de forma progressiva, permitindo que os mais jovens assumam responsabilidades gradualmente enquanto acumulam experiência prática.

Essa transição compartilhada reduz riscos e facilita a transferência de conhecimento acumulado ao longo de décadas. Ao mesmo tempo, permite que novas ferramentas tecnológicas, métodos de gestão e estratégias de inovação sejam incorporados às propriedades.

“A sucessão exige muito mais do que apenas assumir responsabilidades.”

Daniel Hakim, produtor rural da região



## A complexidade da sucessão moderna

A sucessão rural atual é muito diferente daquela realizada pelas gerações anteriores. Se antes bastava repassar a terra e o comando da produção aos filhos, hoje, a continuidade exige domínio de gestão financeira, tecnologia, recursos humanos, mercado e planejamento estratégico.

“A sucessão exige muito mais do que apenas assumir responsabilidades”, afirma Daniel Hakim. “Ela exige compreender toda

a complexidade da operação.” Segundo ele, um dos principais desafios está justamente em conhecer profundamente todas as áreas do negócio rural. “É preciso entender produção, gestão de pessoas, manutenção, comercialização e planejamento financeiro.”

No Cerrado da Bahia, onde a agricultura é altamente tecnificada, a sucessão também passa pela capacidade de acompanhar a rápida evolução tecnológica do

setor. Máquinas automatizadas, agricultura de precisão, softwares de monitoramento, drones e inteligência de dados já fazem parte da rotina no meio rural.

Por isso, os mais jovens assumem papel importante na modernização das fazendas. “A nova geração precisa trazer inovação, tecnologia e novos modelos de gestão sem perder a essência construída pelas gerações anteriores”, afirma Hakim.

## Planejamento antecipado reduz conflitos

Especialistas em gestão rural frequentemente apontam que um dos maiores erros das famílias produtoras é deixar a sucessão para ser discutida apenas em momentos de crise ou após o falecimento do fundador da propriedade. No Cerrado da Bahia, produtores que conseguiram estruturar processos sucessórios com antecedência destacam a importância do diálogo e da transparência entre os membros da família.

O planejamento envolve não apenas questões patrimoniais, mas também definição de funções, regras de governança, participação societária, remuneração, responsabilidades e critérios para tomada de decisão. Em muitos casos, a criação de holdings patrimoniais e acordos societários têm sido utilizados para organizar a gestão das propriedades e reduzir riscos futuros. O objetivo é garantir segurança jurídica e estabilidade operacional, preservando tanto o patrimônio quanto as relações familiares.

Outro ponto importante é a preparação gradual dos sucessores. Muitas famílias incentivam a formação acadêmica, experiências fora da propriedade e participação progressiva nas decisões estratégicas do negócio. Esse processo ajuda a desenvolver lideranças mais preparadas para enfrentar um ambiente agrícola cada vez mais competitivo e profissionalizado.

## O futuro do agro familiar

Apesar do crescimento das grandes estruturas empresariais no campo, o modelo familiar continua sendo uma das principais bases do agronegócio brasileiro. No Cerrado da Bahia, grande parte das propriedades agrícolas ainda é conduzida por famílias que chegaram à região durante as décadas de expansão do Cerrado.

A diferença é que essas famílias hoje administram negócios altamente sofisticados, conectados ao mercado global e dependentes de planejamento de longo prazo. Nesse contexto, a sucessão rural deixou de ser apenas uma questão familiar para se tornar um tema estratégico para a sustentabilidade econômica das propriedades.

A continuidade do crescimento da região passa diretamente pela capacidade dessas famílias de preparar novas lideranças, preservar conhecimento acumulado e manter estruturas de gestão sólidas e profissionalizadas. Mais do que garantir a transferência de patrimônio, a sucessão rural representa a continuidade de histórias construídas ao longo de décadas por produtores que ajudaram a transformar o Cerrado baiano em uma das áreas agrícolas mais importantes do mundo.

E vem mais por aí

**R\$3,2 bilhões**  
investidos no Extremo Oeste  
2026-2030

**R\$24,7 bilhões**  
em toda Bahia  
2026-2030

# A empresa que mais investe no setor elétrico no Brasil.

# Mais



# por



# você

 **Neoenergia**  
Coelba

Fonte: ABDIB 2026

# Liderança feminina redefine o futuro do agro no Cerrado baiano

MULHERES DEIXARAM O PAPEL DE COADJUVANTES E PASSARAM A EXERCER PROTAGONISMO EM PROPRIEDADES, EMPRESAS E INSTITUIÇÕES

A transformação do agronegócio no Cerrado baiano também passa pela força da liderança feminina. Em um setor historicamente marcado pela predominância masculina nos espaços de decisão, mulheres vêm assumindo papel estratégico na gestão das propriedades rurais, na sucessão familiar, na inovação tecnológica e na representação institucional do agro regional.

Mais do que ampliar presença, elas passaram a ocupar posições de comando, influenciando decisões econômicas, administrativas e sociais dentro das fazendas e das entidades do setor. O movimento é resultado de um processo construído ao longo de décadas, impulsionado pela qualificação técnica, pela profissionalização da gestão rural e pela capacidade das mulheres de transformar desafios em oportunidades.

Hoje, elas lideram propriedades, coordenam equipes, conduzem negociações, participam de associações e sindicatos, promovem projetos de sustentabilidade e ajudam a construir uma nova cultura de gestão no campo — mais integrada, estratégica e voltada para o futuro.

Para a diretora financeira da Aiba, Cristina Gross, essa mudança representa uma ruptura importante com os antigos padrões culturais do setor. “A mulher deixou de ser vista apenas como alguém que ajuda na propriedade. Hoje ela decide, lidera, gere, negocia e assume responsabilidades importantes dentro e fora do campo”, afirma.

Segundo Cristina, durante muito tempo as mulheres participaram ativamente das atividades rurais, mas sem reconhecimento proporcional à sua contribuição. Elas estavam presentes na organização das propriedades, na gestão familiar e até na tomada de decisões, porém, quase sempre nos bastidores. Nos últimos anos, essa realidade começou a mudar

de forma mais evidente.

A presença feminina ganhou força principalmente nas áreas de gestão administrativa, financeira e estratégica das fazendas. Em muitos casos, foram as mulheres que introduziram processos de organização, planejamento, controle financeiro, governança e profissionalização dos negócios rurais.

Além disso, a busca por capacitação passou a ser uma característica marcante dessa nova geração de lideranças femi-

nas. Formação acadêmica, especializações, domínio de tecnologias e participação em entidades setoriais tornaram-se parte da rotina de produtoras e gestoras rurais do Cerrado da Bahia.

Essa evolução acompanha o próprio amadurecimento do agronegócio regional, que deixou de ser apenas um modelo focado em expansão produtiva para incorporar temas como sucessão familiar, gestão de pessoas, sustentabilidade, inovação e responsabilidade social.



## Mulheres assumem protagonismo na gestão e na representação do setor

O avanço feminino no agro do Cerrado baiano não se limita às propriedades rurais. Ele também se consolidou dentro das entidades representativas, sindicatos, associações e movimentos de liderança ligados ao setor produtivo. Presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Luís Eduardo Magalhães, Greice Fontana Klein representa uma geração de mulheres que cresceu acompanhando a construção do agronegócio na região e que passou a ocupar espaços historicamente reservados aos homens.

Filha de produtores rurais pioneiros na região, Greice construiu sua trajetória aliando formação técnica, participação comunitária e atuação institucional. Graduada em Administração em Agronegócio e em Direito, ela assumiu funções dentro do sistema sindical até chegar à presidência do sindicato rural de Luís Eduardo Magalhães. “A liderança é construída com preparo, escuta e disposição para servir”, resume.

Na avaliação de Greice, a presença feminina nas entidades do agro contribui para ampliar a capacidade de planejamento estratégico e fortalecer a representação da classe produtora rural. Segundo ela, as visões masculina e feminina não competem entre si, mas se complementam. “Enquanto uma visão pode estar mais focada na operação e na eficiência técnica, a outra contribui fortemente para gestão, governança, pessoas e sustentabilidade. Isso fortalece o setor”, destaca.

Ao longo dos últimos anos, iniciativas voltadas ao fortalecimento da liderança feminina passaram a ganhar espaço dentro das instituições do agro regional. Um dos exemplos é o grupo Agroparceiras, coordenado pelo sindicato rural em conjunto com entidades da Aliança do Agro.

O projeto reúne centenas de mulheres ligadas ao setor produtivo e promove capacitações, fóruns, palestras e programas de desenvolvimento de liderança. Temas como crédito rural, sucessão familiar, gestão financeira, reforma tributária, economia, inovação e sustentabilidade passaram a integrar permanentemente a agenda de formação dessas lideranças. Para Greice, esse movimento contribui não apenas para ampliar a presença feminina, mas também para consolidar um agro mais preparado para os desafios do futuro.



## Gestão feminina impulsiona modernização das propriedades

A presença feminina também tem sido decisiva no processo de profissionalização da gestão rural no Cerrado baiano. Em um cenário cada vez mais competitivo, marcado pela necessidade de eficiência, tecnologia e planejamento, muitas mulheres passaram a ocupar papel central na administração das propriedades.

Segundo Cristina Gross, elas têm contribuído para transformar fazendas em empresas rurais cada vez mais organizadas e estruturadas. “Muitas mulheres assumiram controles financeiros, planejamento sucessório, gestão de pessoas, comunicação e tecnologia dentro das propriedades”, afirma. Ela destaca que o diferencial feminino não está apenas na capacidade técnica, mas também na forma de liderar. Para Cristina, a liderança feminina

costuma combinar firmeza com sensibilidade, planejamento com propósito e resultado com responsabilidade.

“A mulher tende a olhar para o todo: produtividade, pessoas, sustentabilidade, sucessão e futuro da propriedade”, observa. Essa visão mais ampla ganhou relevância justamente em um momento em que o agronegócio passou a lidar com desafios mais complexos. Questões ambientais, governança, rastreabilidade, gestão de equipes e adaptação às novas exigências de mercado exigem uma administração cada vez mais integrada.

Nesse contexto, a atuação feminina se tornou estratégica não apenas dentro das propriedades, mas também na relação do agro com a sociedade. Presidente do Núcleo

Mulheres do Agro, Suzana Viccini avalia que a liderança feminina trouxe um novo olhar para o desenvolvimento do setor. “A mulher lidera enxergando a fazenda como um organismo vivo: gente, solo, água, comunidade e resultado. Tudo está conectado”, afirma.

Segundo Suzana, o fortalecimento das mulheres no agro regional também acompanha uma mudança geracional importante. Se antes muitas produtoras participavam apenas de forma indireta das decisões, hoje elas assumem projetos próprios, lideram iniciativas de inovação e ocupam posições estratégicas nas propriedades familiares. No Núcleo Mulheres do Agro, a proposta é justamente estimular esse protagonismo por meio da capacitação contínua e da construção de redes de apoio.

## Capacitação, redes de apoio e sucessão fortalecem novas lideranças



A formação de novas lideranças femininas tornou-se uma das prioridades do agro do Cerrado baiano nos últimos anos. O fortalecimento dessas lideranças está diretamente ligado à criação de espaços de troca de experiências, capacitação técnica e incentivo à participação institucional. Para Suzana Viccini, a evolução feminina no agro é irreversível porque as mulheres compreenderam que gestão, governança e sustentabilidade passaram a ser pilares centrais da atividade rural moderna.

“Saímos dos bastidores para a linha de frente. Hoje lideramos com resultado”, resume. Ela destaca que o Núcleo Mulheres do Agro atua não apenas na formação profissional das associadas, mas também na construção de uma visão mais ampla sobre o papel social do setor produtivo. Projetos ligados à educação, cultura, sustentabilidade e desenvolvimento social fazem parte da atuação da entidade, sempre conectando o agro às demandas da sociedade contemporânea.

Segundo Suzana, um dos principais diferenciais do trabalho desenvolvido pelo Núcleo está justamente no fortalecimento da colaboração entre mulheres. “Quando

uma produtora compartilha sua história, outra encontra coragem para avançar. Quando dividimos experiências, aceleramos o aprendizado coletivo”, afirma.

A construção dessas redes de apoio tem ajudado a reduzir barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres dentro do agro. Apesar dos avanços, muitas ainda relatam a necessidade de provar constantemente sua capacidade técnica e sua legitimidade em cargos de liderança. Cristina Gross acredita que parte dessa mudança passa pelo posicionamento das próprias mulheres.

“A mulher precisa entender que não deve pedir permissão para ocupar espaços para os quais está preparada”, afirma. Para ela, autoconfiança, preparo técnico, inteligência emocional, capacidade de gestão e clareza de propósito tornaram-se habilidades fundamentais para quem deseja liderar no agro atual.

Greice Fontana Klein também reforça a importância da capacitação contínua e da valorização do conhecimento técnico como instrumentos de fortalecimento feminino no setor. “O agro oferece infinitas possibilidades para quem busca preparo, conhecimento e disposição para aprender”, afirma.

## Um agro mais diverso, sustentável e conectado ao futuro

A ascensão feminina acompanha uma transformação mais ampla vivida pelo agronegócio brasileiro. O modelo centrado exclusivamente na produção vem dando espaço a uma visão mais estratégica, baseada em inovação, governança, responsabilidade socioambiental e sustentabilidade econômica.

No Cerrado baiano, as mulheres passaram a ocupar posição central nesse processo de mudança. Além da atuação na gestão e na liderança institucional, elas vêm contribuindo para consolidar práticas mais sustentáveis, fortalecer programas sociais, ampliar iniciativas de sucessão familiar e estimular o diálogo entre o campo e a sociedade urbana.

Para Suzana, o agro do futuro dependerá justamente dessa capacidade de unir produtividade com responsabilidade. “O agro do futuro não será apenas produtivo. Será regenerativo, inclusivo e inteligente”, afirma. A nova geração de lideranças femininas do Cerrado baiano demonstra que a participação das mulheres deixou de ser exceção para se tornar parte essencial do desenvolvimento regional. Mais do que ocupar espaços, elas ajudam a redefinir a forma como o agro pensa gestão, liderança, inovação e desenvolvimento humano.

O avanço feminino no setor não representa apenas uma mudança de perfil nas propriedades rurais e entidades do agro. Representa também uma nova etapa da agricultura do Cerrado da Bahia — mais profissionalizada, colaborativa, sustentável e preparada para os desafios das próximas décadas. E, nesse cenário, as mulheres seguem consolidando sua presença não apenas como participantes da história do agro regional, mas como protagonistas da construção do seu futuro.



“Saímos dos bastidores para a linha de frente. Hoje lideramos com resultado.”

Suzana Viccini  
presidente do Núcleo Mulheres do Agro

# NÃO PODEMOS COMPRAR O AMOR, MAS PODEMOS ADOPTAR.



**FUNDESIS**  
Fundo para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável da Bahia



SEJA UM DOADOR DO FUNDESIS.

Av. Ahylon Macêdo, 919  
Morada Nobre, Barreiras - BA  
(77) 3613-8000 / 98802-0683

Somos **AIBA** Somos **VOCÊ**

# Atuação estratégica nos ambientes de decisão

MAIS DO QUE REPRESENTAR A CADEIA PRODUTIVA, A AIBA ATUA COMO PONTE ENTRE AS NECESSIDADES DO CAMPO E OS ESPAÇOS DE TOMADA DE DECISÃO

**R**epresentar o produtor rural vai muito além de acompanhar demandas pontuais do setor agropecuário. Em um ambiente marcado por debates regulatórios, disputas políticas, pressões ambientais e decisões econômicas que impactam diretamente o campo, a atuação institucional se tornou um dos pilares centrais para garantir segurança, competitividade e previsibilidade ao agro brasileiro. No Cerrado da Bahia, esse trabalho tem sido conduzido pela Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), que consolidou uma presença estratégica nos principais espaços de articulação política e técnica ligados ao desenvolvimento do setor.

Ao longo das últimas décadas, a entidade ampliou sua participação em agendas estaduais, nacionais e internacionais, fortalecendo o diálogo entre produtores rurais, governos, órgãos reguladores, parlamentares e entidades representativas do agronegócio. A atuação institucional da Aiba passou a ocupar papel decisivo na defesa dos interesses dos produtores do Cerrado baiano, especialmente em temas ligados à infraestrutura, segurança jurídica, sustentabilidade, logística, energia e recursos hídricos.

Mais do que representar uma cadeia produtiva, a associação atua como ponte entre as necessidades do campo e os espaços onde são tomadas decisões capa-

zes de impactar diretamente o presente e o futuro da atividade agrícola. Segundo a diretora institucional, Karen Machado, esse trabalho é construído de forma permanente, com base em diálogo e alinhamento técnico. “A Aiba atua como interlocutora do setor produtivo, levando aos espaços de decisão as necessidades reais da Bahia”, afirma.

A presença institucional da entidade ocorre em diferentes frentes. A associação participa de conselhos, câmaras setoriais, audiências públicas, fóruns estratégicos, agendas ministeriais e articulações políticas em Brasília, acompanhando discussões que influenciam diretamente o ambiente de produção agrícola no país.

## Defesa técnica e presença política

A crescente complexidade dos debates relacionados ao agro ampliou a importância da representação institucional. Questões ligadas à legislação ambiental, segurança jurídica, infraestrutura logística, tributação e sustentabilidade passaram a exigir acompanhamento constante por parte das entidades do setor produtivo.

Nesse contexto, a Aiba desenvolveu uma atuação baseada em informações técnicas, estudos e construção de diálogo com diferentes segmentos da sociedade. A estratégia busca assegurar que as demandas do produtor rural sejam apresentadas

de forma estruturada e fundamentada junto ao poder público. Entre as principais pautas defendidas pela entidade estão: investimentos em infraestrutura rodoviária, ampliação da oferta energética, gestão eficiente dos recursos hídricos, modernização regulatória e fortalecimento da segurança jurídica no campo.

Além disso, a associação acompanha debates relacionados à competitividade do agro brasileiro no mercado internacional, regularização ambiental e acesso a políticas públicas capazes de garantir melhores condições para o desenvolvimento

regional. “A atuação institucional é pautada por estudos, dados e diagnósticos que demonstram a importância desses investimentos para o desenvolvimento da região”, destaca Karen.

A articulação política também envolve relacionamento com ministérios, parlamentares, agências reguladoras, frentes parlamentares e organizações nacionais ligadas ao agronegócio. Esse posicionamento fortalece a representatividade da Bahia em discussões estratégicas e amplia a capacidade de inserção das pautas regionais nos debates nacionais.



## Construção de diálogo em meio aos debates sobre o agro

Em um cenário de discussões cada vez mais intensas sobre produção agrícola, preservação ambiental e regulação, a defesa institucional do setor se tornou um trabalho permanente. A Aiba atua para ampliar o diálogo técnico sobre o agro e reforçar a imagem do produtor rural como agente de desenvolvimento econômico, social e ambiental.

A entidade busca mostrar que a produção agrícola da Bahia está associada ao uso de tecnologia, responsabilidade socioambiental e compromisso com práticas sustentáveis. Essa atuação envolve não apenas relacionamento com o poder público, mas também aproximação com imprensa, entidades nacionais e organizações internacionais. “A atuação institucional busca ampliar o entendimento da sociedade sobre a importância econômica, social e ambiental do agro”, afirma Karen.

Além da defesa dos interesses do setor,

a associação também trabalha para fortalecer a imagem institucional do agro regional. A valorização das boas práticas desenvolvidas pelos produtores e a participação em discussões sobre sustentabilidade fazem parte da estratégia de posicionamento da entidade.

Nos últimos anos, a pauta ambiental passou a ocupar espaço central nos debates ligados à produção agrícola. Nesse cenário, a atuação institucional é essencial para assegurar equilíbrio entre preservação e desenvolvimento econômico, além de garantir segurança jurídica para quem produz.

A atuação da Aiba também ganhou destaque na articulação de pautas ligadas à infraestrutura regional. A entidade acompanha projetos relacionados a rodovias, energia e recursos hídricos considerados estratégicos para o crescimento sustentável do Cerrado baiano. Para transformar

demandas históricas em projetos concretos, a associação aposta na combinação entre articulação política, produção técnica e construção de parcerias institucionais. A entidade participa de reuniões com agências reguladoras, fóruns técnicos e agendas ministeriais voltadas ao planejamento de investimentos estruturantes.

A defesa da melhoria logística aparece entre as prioridades permanentes da atuação institucional da associação. O fortalecimento da infraestrutura é considerado fundamental para ampliar a competitividade regional, reduzir custos e garantir segurança ao escoamento da produção agrícola.

Ao mesmo tempo, a expansão energética e a gestão eficiente dos recursos hídricos são temas estratégicos diante do crescimento econômico da região. A entidade defende o planejamento de longo prazo e investimentos capazes de acompanhar a expansão das atividades produtivas.



## Representatividade nacional

O fortalecimento da presença institucional da Aiba em Brasília ampliou a participação da Bahia nos debates nacionais ligados ao agro brasileiro. Atualmente, a entidade mantém relacionamento com diferentes organizações e participa de agendas estratégicas voltadas à formulação de políticas públicas para o setor.

Esse posicionamento permite que as demandas regionais sejam inseridas em discussões sobre comércio exterior, sustentabilidade, infraestrutura, segurança jurídica e desenvolvimento agropecuário. Nos últimos anos, a associação consolidou espaço relevante entre as entidades representativas do agronegócio brasileiro, ampliando a capacidade de interlocução da região junto aos centros de decisão política e econômica do país.

“A Aiba ocupa hoje um espaço de destaque nas discussões nacionais relacionadas ao agro brasileiro”, ressalta a diretora. A presença institucional em ambientes estratégicos também contribui para antecipar debates regulatórios e acompanhar mudanças capazes de impactar diretamente a atividade agrícola. A entidade atua para garantir que os produtores tenham representação qualificada diante das transformações econômicas e políticas que envolvem o setor.



## Escuta ativa e alinhamento com o produtor

Embora grande parte das articulações aconteça nos bastidores, a atuação institucional da Aiba é construída a partir da proximidade com os produtores rurais e associações locais. A entidade mantém diálogo constante com a base produtiva para identificar demandas, desafios e prioridades regionais. Esse processo permite transformar necessidades do campo em pautas organizadas para atuação junto aos governos e órgãos responsáveis. Além disso, fortalece a legitimidade da entidade nos espaços de representação institucional.

Segundo Karen, a construção coletiva é um dos princípios da atuação da associação. “As pautas defendidas pela Aiba são construídas a partir das necessidades reais do produtor rural”, afirma. A entidade também busca manter transparência sobre agendas institucionais, negociações e

avanços relacionados às pautas defendidas pelo setor produtivo. Essa aproximação ajuda a ampliar a participação dos produtores nas discussões estratégicas ligadas ao futuro da região.

Em um ambiente de constantes transformações econômicas, regulatórias e ambientais, a Aiba trabalha para preparar o Cerrado baiano para desafios de longo prazo. A entidade aposta na construção de parcerias, fortalecimento institucional e antecipação de debates estratégicos como instrumentos para garantir desenvolvimento sustentável e competitividade ao setor.

Nos últimos anos, a atuação institucional da associação contribuiu para fortalecer a presença política da Bahia no cenário agropecuário nacional e ampliar o espaço das pautas regionais nos centros de de-

cisão. Ainda assim, desafios importantes continuam exigindo mobilização permanente, especialmente nas áreas de infraestrutura logística, segurança jurídica, expansão energética e equilíbrio regulatório nas discussões ambientais.

“A entidade atua para antecipar debates estratégicos e construir parcerias capazes de impulsionar o desenvolvimento regional”, conclui a executiva. Com atuação baseada em diálogo, articulação política e defesa técnica dos interesses do setor produtivo, a Aiba consolidou seu papel como uma das principais representantes do agro brasileiro. Em um cenário cada vez mais complexo e estratégico para o campo, a presença institucional da entidade é fundamental para garantir voz ativa aos produtores do Cerrado baiano e fortalecer o desenvolvimento sustentável da região.



SUSTENTABILIDADE

TECNOLOGIA DE PONTA

LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA

# DA ROCHA À PRODUTIVIDADE

Soluções que transformam matéria-prima em resultado no campo e na construção.

## CONSTRUÇÃO

### Britas para construção

Alta resistência, durabilidade e desempenho para construção civil e infraestrutura.

- > Brita 3/4
- > Brita 3/8
- > Pó de brita
- > Solo brita

## AGRICULTURA

### Calçário agrícola

Correção do solo, equilíbrio de nutrientes e aumento da produtividade.

- > Dolomítico
- > Calcítico

ESTRUTURA PARA GRANDES DEMANDAS.  
QUALIDADE PARA RESULTADOS CONSISTENTES.

A Mineração do Oeste alia tecnologia, localização estratégica e compromisso com a qualidade para entregar sempre o melhor para seus clientes.



(77) 98102.7147

@mineracaodoeste

PRESENTES NA  
**BAHIA FARM  
SHOW 2026**  
PAVILHÃO A

# A transformação social que nasce no campo

INSTITUTO AIBA E ENTIDADES PARCEIRAS IDENTIFICAM AS NECESSIDADES DA REGIÃO E INVESTEM EM QUALIFICAÇÃO DA MÃO DE OBRA

O desenvolvimento do agronegócio no Oeste da Bahia também vem sendo acompanhado por uma ampla rede de iniciativas sociais voltadas à capacitação profissional, geração de oportunidades e fortalecimento das comunidades da região. Mais do que impulsionar a produção agrícola, a atuação da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia passou a desempenhar papel importante na transformação social do Cerrado baiano, criando projetos que impactam diretamente a vida de jovens, trabalhadores rurais, pequenos produtores, famílias em situação de vulnerabilidade e entidades beneficentes.

Por meio do Instituto Aiba e de programas sociais desenvolvidos em parceria com instituições públicas e privadas, a entidade construiu uma atuação voltada não apenas ao fortalecimento do setor produtivo, mas também à promoção da inclusão social, da educação e da geração de renda.

Ao longo dos últimos anos, iniciativas ligadas à qualificação profissional, apoio ao empreendedorismo, incentivo à agricultura familiar e financiamento de projetos comunitários passaram a integrar a estratégia de desenvolvimento regional da associação. Segundo Sunny Aaron, diretor do IAiba, um dos principais impactos sociais promovidos pela entidade está relacionado justamente à criação de oportunidades para a população do Oeste baiano.

“Os projetos ajudam a ampliar o acesso à formação profissional, à geração de renda e à inclusão social”, afirma. Essa atuação ganhou dimensão regional por meio de programas que conectam capacitação técnica, desenvolvimento humano e fortalecimento das comunidades locais. O objetivo é criar oportunidades capazes de gerar transformação duradoura tanto para os participantes quanto para os municípios atendidos.

## Formação profissional abre portas para jovens

Entre as iniciativas de maior alcance social está o Projeto Jovem Aprendiz, desenvolvido na Fazenda Modelo Paulo Mizote, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), o Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras (SPRB) e a Prefeitura de Barreiras.

Com área de 7,9 hectares, a estrutura foi planejada para unir formação teórica e prática em atividades ligadas ao agronegócio moderno. O espaço conta com salas de aula, laboratório de análises, refeitório e áreas destinadas ao cultivo agrícola, permitindo aos participantes contato direto com a rotina do campo e com tecnologias utilizadas na produção rural.

Sunny enfatiza que a proposta vai além da formação técnica tradicional. “O projeto proporciona aos jovens contato com

inovação, sustentabilidade e responsabilidade profissional”, destaca. A iniciativa atende principalmente jovens em busca da primeira oportunidade no mercado de trabalho e oferece cursos, treinamentos e experiências práticas voltadas às demandas atuais do setor agropecuário. Além de conhecimentos técnicos, os participantes desenvolvem habilidades ligadas ao trabalho em equipe, disciplina, operação de equipamentos e práticas sustentáveis.

A formação profissional tornou-se uma das principais ferramentas de inclusão social utilizadas pela entidade. Em uma região marcada pelo crescimento acelerado do agronegócio, a demanda por mão de obra qualificada aumentou significativamente nos últimos anos, especialmente em áreas ligadas à operação de máquinas agrícolas, classificação de grãos, manutenção de equipamentos e agricultura irrigada.



## Capacitação alinhada às necessidades

Para atender às exigências do setor produtivo, o Instituto Aiba mantém programas permanentes de qualificação profissional por meio do programa Aiba Capacita. Os cursos são planejados com base em demandas apresentadas diretamente pelos produtores rurais associados, permitindo que as capacitações acompanhem as transformações tecnológicas do agronegócio.

“Existe um diálogo contínuo com os produtores para identificar as áreas que mais necessitam de qualificação”, explica o gerente. A partir desse levantamento, são organizados cursos voltados a diferentes segmentos da cadeia produtiva, incluindo operação de máquinas agrícolas, classificação de grãos, segurança no trabalho, manutenção de equipamentos e práticas sustentáveis.

Além de fortalecer o setor produtivo, as capacitações ampliam a empregabilidade de trabalhadores da região e contribuem para a geração de renda em municípios do Oeste baiano. Os projetos possuem perfil inclusivo e alcançam públicos bastante diversificados. Entre os beneficiados estão jovens em busca da primeira experiência profissional, trabalhadores rurais, produtores, pequenos empreendedores, estudantes e famílias em situação de vulnerabilidade social.

As ações também impactam comunidades urbanas e rurais por meio de iniciativas ligadas à educação, esporte, cultura, empreendedorismo e inclusão digital.



## Fundes' fortalece projetos sociais e comunitários

Outro eixo importante da atuação social da Aiba está no apoio direto a entidades beneficentes da região. Esse trabalho ocorre por meio do Fundo para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Oeste da Bahia (Fundes'), iniciativa que financia projetos sociais desenvolvidos por associações e organizações sem fins lucrativos.

Atualmente, o programa apoia 27 entidades que atuam em áreas como educação, saúde preventiva, inclusão digital,

assistência social, cultura, empreendedorismo e geração de renda. As instituições beneficiadas são selecionadas por meio de editais anuais e passam por avaliação técnica baseada em critérios como relevância social, capacidade de execução, alcance comunitário e potencial de impacto das ações propostas.

Além do repasse financeiro, o programa também realiza acompanhamento contínuo das iniciativas apoiadas, garantindo

transparência na aplicação dos recursos e fortalecimento institucional das entidades participantes. “O acompanhamento busca garantir que os projetos realmente gerem impacto positivo nas comunidades”, afirma Sunny.

Entre os projetos apoiados pelo Fundes' estão laboratórios de informática, iniciativas de capacitação profissional, projetos educacionais, ações voltadas à agricultura familiar e programas de inclusão social.

## Educação e oportunidade transformando vidas

Os impactos dessas iniciativas podem ser percebidos diretamente na trajetória de pessoas beneficiadas pelos programas apoiados pela Aiba. O jovem Júlio César Moreira Silva, de 18 anos e morador de Barreiras é um exemplo dessa transformação. Ele participou de um curso básico de informática promovido pelo Instituto PepVida, entidade apoiada pelo Fundesis, e afirma que a oportunidade mudou sua vida profissional.

“O laboratório de informática foi montado com recursos do Fundesis, e através desse projeto eu tive acesso ao conhecimento que nunca imaginei ter”, relata. Durante o curso, Júlio aprendeu informática básica, digitação e utilização de programas considerados essenciais para o mercado de trabalho. Segundo ele, o aprendizado abriu portas para sua inserção profissional.

“Hoje já estou trabalhando e colocando em prática tudo o que aprendi”, afirma. O jovem destaca que a formação recebida fez diferença no currículo e ajudou a acelerar sua entrada no mercado. “Esse projeto abriu portas, trouxe confiança e me mostrou que eu também era capaz de crescer profissionalmente”, ressalta.

Histórias como a de Júlio representam o principal resultado das ações sociais desenvolvidas pela entidade. A proposta dos projetos é justamente criar oportunidades capazes de gerar autonomia, inclusão produtiva e melhoria na qualidade de vida das comunidades atendidas.

“Esse projeto abriu portas, trouxe confiança e me mostrou que eu também era capaz de crescer profissionalmente.”

Júlio César Moreira Silva,  
participante de um dos projetos de qualificação profissional

## Desenvolvimento regional além da produção agrícola

A atuação social da Aiba também se conecta ao fortalecimento econômico regional. Ao investir em qualificação profissional, empreendedorismo, inclusão digital e capacitação técnica, os projetos ajudam a suprir demandas de mão de obra do próprio agronegócio e de outros setores da economia local.

Além disso, iniciativas como o Projeto

de Transferência de Tecnologia contribuem para fortalecer pequenos produtores e comunidades rurais por meio da entrega de kits de irrigação e capacitação para manejo agrícola. A proposta é ampliar a produtividade, incentivar a agricultura familiar e gerar novas possibilidades de renda nas comunidades atendidas.

Outro exemplo de impacto econômico e social é a realização da Bahia Farm Show, considerada uma das maiores feiras do agronegócio brasileiro. Além de movimentar negócios e tecnologia, o evento gera empregos temporários, oportunidades comerciais e fortalecimento da economia regional durante sua organização e realização.

## Investimento social como estratégia de futuro

Em um cenário de constante transformação econômica e tecnológica, a Aiba passou a enxergar o investimento social como parte essencial do desenvolvimento sustentável do Oeste da Bahia. A entidade entende que o crescimento regional depende não apenas do avanço da produção agrícola, mas também da criação de oportunidades capazes de melhorar a vida das pessoas.

Os programas sociais desenvolvidos pelo Instituto Aiba reforçam essa visão ao conectar educação, capacitação profissional, inclusão social e desenvolvimento humano. Segundo Sunny, os projetos buscam reduzir desigualdades e ampliar oportunidades para diferentes públicos da região.

“As iniciativas ajudam pessoas que historicamente enfrentam dificuldades para acessar qualificação e oportunidades de trabalho”, afirma. Ao longo dos últimos anos, a atuação social da Aiba consolidou uma rede de projetos que vai além do campo produtivo e alcança diretamente escolas, associações comunitárias, entidades beneficentes e famílias do Oeste baiano.

Mais do que apoiar ações pontuais, a entidade vem contribuindo para construir um ambiente de transformação social baseado em educação, profissionalização e desenvolvimento sustentável. Em uma região que segue crescendo economicamente, investir nas pessoas tornou-se também uma das principais estratégias para garantir um futuro mais equilibrado, inclusivo e sustentável para o Cerrado baiano.



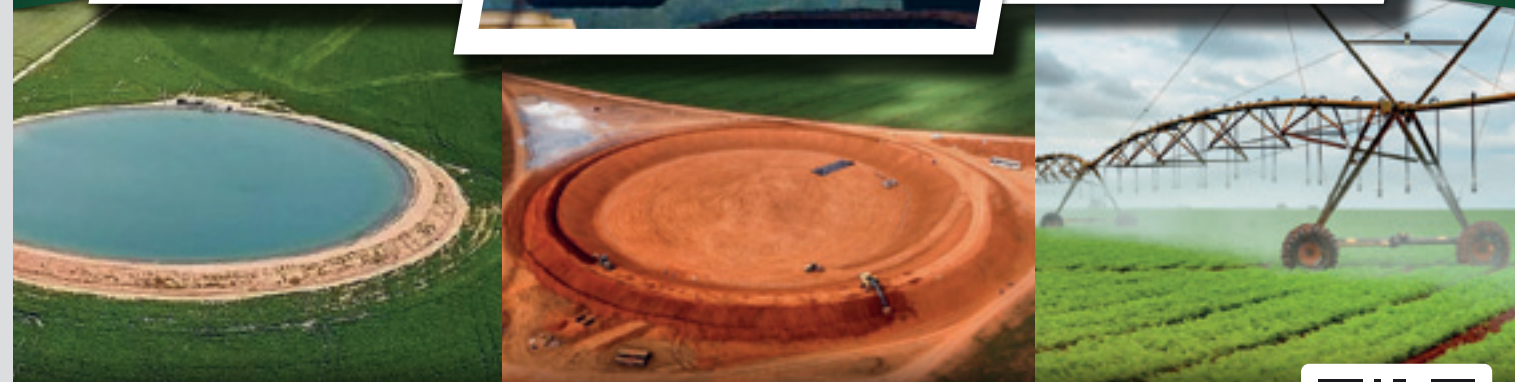
# MINAX

40 ANOS

www.MINAX.com.br



## Execução de Projetos de reservatórios de grande porte



Locações de Máquinas Pesadas



Movimentações de Materiais



Obras de Terraplanagem



Reservatórios de Grande Porte

Cotação Online:



CONTATO:

(34) 3669-6500 comercial@minax.com.br www.minax.com.br

## Números evidenciam o potencial do Cerrado

RECORDES DE PRODUÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO COLOCAM A REGIÃO NO TOPO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O Cerrado da Bahia vive um dos momentos mais expressivos de sua trajetória econômica e produtiva. Impulsionada pelo avanço da soja e do algodão, pela expansão agroindustrial, pelo crescimento das exportações e pela valorização territorial, a região se consolidou como uma das principais fronteiras agrícolas do Brasil e um dos pilares da agropecuária nacional.

Ao longo das últimas décadas, o território regional passou por uma transformação estrutural marcada pela modernização do campo, incorporação de tecnologia, aumento da produtividade e fortalecimento logístico. Hoje, o Cerrado baiano ocupa posição estratégica no abastecimento de mercados internos e internacionais, combinando produção em larga escala, eficiência operacional e crescente inserção global.

A evolução da produção agrícola demonstra não apenas crescimento econômico, mas também a consolidação de um modelo produtivo altamente tecnificado, capaz de ampliar competitividade mesmo diante dos desafios climáticos, logísticos e mercadológicos que marcam o cenário agropecuário mundial. Segundo William Busatte, especialista em inteligência de mercado da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), o desempenho regional reflete um processo contínuo de amadurecimento do agronegócio no Cerrado baiano.

“O Oeste da Bahia deixou de ser apenas uma fronteira agrícola em expansão para se tornar uma região consolidada em produtividade, tecnologia e competitividade internacional”, afirma.

### A força da soja no crescimento regional

Principal commodity agrícola do Brasil, a soja também representa o principal motor econômico do Cerrado baiano. Os números da evolução produtiva demonstram a dimensão do crescimento regional ao longo dos últimos anos. Entre as safras 2010/11 e 2024/25, a área cultivada de soja cresceu 97,7%, passando de 1,08 milhão para 2,135 milhões de hectares. No mesmo período, a produção saltou de 3,63 milhões para 8,71 milhões de toneladas, crescimento aproximado de 140%.

Além da expansão territorial, a produtividade também apresentou evolução relevante. A média regional passou de 56 para 68 sacas por hectare, resultado associado ao avanço tecnológico, ao melhoramento genético, ao manejo técnico e à profissionalização crescente da atividade agrícola.

A expansão da soja impulsionou uma ampla cadeia econômica no Cerrado da Bahia, movimentando setores ligados à armazenagem, transporte, comercialização, máquinas agrícolas, insumos, serviços especializados e agroindustrialização.

O crescimento da capacidade industrial acompanhou o avanço da produção no campo. A produção de farelo de soja passou de 2,83 milhões para 6,79 milhões de toneladas entre 2010/11 e 2024/25, enquanto a produção de óleo avançou de 653 mil para 1,56 milhão de toneladas.

Para Busatte, o fortalecimento da agroindústria representa um dos fatores centrais para a consolidação econômica da região. “A agregação de valor por meio da industrialização amplia a competitividade regional, fortalece a economia local e aumenta a capacidade de inserção do Cerrado baiano no mercado internacional”, destaca.



### O algodão como referência em produtividade

Outra cultura estratégica para o desenvolvimento regional é o algodão, que consolidou o Cerrado da Bahia entre os principais polos cotonicultores do país. A região vem ampliando sua relevância nacional não apenas pelo volume produzido, mas principalmente pelos ganhos de produtividade e pela elevada qualidade da fibra produzida no Cerrado baiano.

Entre as safras 2010/11 e 2024/25, a área plantada passou de 405 mil para 413 mil hectares. Embora a expansão territorial tenha ocorrido de forma mais moderada em comparação à soja, os ganhos produtivos foram expressivos. A produção de pluma avançou de 633 mil para 838 mil toneladas no período, enquanto a produtividade passou de 1.562 para 2.029 quilos por hectare.

Os resultados refletem investimentos contínuos em tecnologia, mecanização, pesquisa, manejo integrado de pragas, qualificação técnica e modernização operacional. “O algodão do Cerrado baiano alcançou elevado padrão de eficiência produtiva e qualidade, tornando a região uma referência nacional na cotonicultura”, afirma Busatte.

Além do impacto direto na geração de riqueza no campo, a cadeia do algodão possui forte capacidade de integração industrial e logística, movimentando segmentos ligados ao beneficiamento, transporte, exportação e indústria têxtil.



## A FORÇA DA SOJA NO CRESCIMENTO REGIONAL

Principal commodity agrícola do Brasil, a soja é o principal motor econômico do Oeste baiano, impulsionando o campo, a indústria e toda uma cadeia de desenvolvimento.



### EVOLUÇÃO DA SOJA NO OESTE DA BAHIA (SAFRAS 2010/11 A 2024/25)



ÁREA CULTIVADA

+97,7%

1,08  
milhão ha  
(2010/11)

2,135  
milhões ha  
(2024/25)



PRODUÇÃO

+140%

3,63  
milhões t  
(2010/11)

8,71  
milhões t  
(2024/25)



PRODUTIVIDADE MÉDIA

+21%

56  
sc/ha  
(2010/11)

68  
sc/ha  
(2024/25)



A evolução da produtividade é resultado do avanço tecnológico, melhoramento genético, manejo técnico e profissionalização crescente da atividade agrícola.

### A SOJA MOVE UMA GRANDE CADEIA ECONÔMICA

A expansão da soja impulsionou diversos setores e fortaleceu a economia regional.



ARMAZENAGEM



TRANSPORTE



COMERCIALIZAÇÃO



MÁQUINAS AGRÍCOLAS



INSUMOS



SERVIÇOS ESPECIALIZADOS



AGROINDUSTRIALIZAÇÃO

“A agregação de valor por meio da industrialização amplia a competitividade regional, fortalece a economia local e aumenta a capacidade de inserção do Oeste baiano no mercado internacional.”  
William Busatte, especialista de Inteligência de Mercado da Aiba



### FORÇA DA AGROINDÚSTRIA DA SOJA

A capacidade industrial acompanha o avanço da produção.



PRODUÇÃO DE FARELO DE SOJA

2,83  
milhões t  
(2010/11)



6,79  
milhões t  
(2024/25)



PRODUÇÃO DE ÓLEO DE SOJA

653  
mil t  
(2010/11)



1,56  
milhão t  
(2024/25)



## O ALGODÃO COMO REFERÊNCIA EM PRODUTIVIDADE

Outra cultura estratégica para o desenvolvimento regional, o algodão consolidou o Oeste da Bahia entre os principais polos cotonicultores do país, com destaque para os ganhos de produtividade e a elevada qualidade da fibra produzida no Cerrado baiano.

### EVOLUÇÃO DO ALGODÃO NO OESTE DA BAHIA (SAFRAS 2010/11 A 2024/25)



ÁREA PLANTADA

+2,0%

405  
mil ha  
(2010/11)

413  
mil ha  
(2024/25)



PRODUÇÃO DE PLUMA

+32,4%

633  
mil t  
(2010/11)

838  
mil t  
(2024/25)



PRODUTIVIDADE

+29,9%

1.562  
kg/ha  
(2010/11)

2.029  
kg/ha  
(2024/25)

“O algodão do Oeste baiano alcançou elevado padrão de eficiência produtiva e qualidade, tornando a região uma referência nacional na cotonicultura.”  
William Busatte, especialista de Inteligência de Mercado da Aiba



Entre 2010/11 e 2024/25, a soja quase dobrou a área cultivada (+97,7%) e mais que dobrou a produção (+140%), com ganhos consistentes de produtividade.

A agroindústria da soja fortalece a economia regional, com crescimento expressivo na produção de farelo (+140%) e de óleo (+139%).



Resultados alcançados por meio de investimentos contínuos em:

- ✓ Tecnologia e mecanização
- ✓ Pesquisa e inovação
- ✓ Manejo integrado de pragas
- ✓ Qualificação técnica
- ✓ Modernização operacional



### UMA CADEIA QUE GERA VALOR E CONECTA O OESTE DA BAHIA AO MUNDO

A cadeia do algodão movimentou setores estratégicos e fortalece a integração econômica regional.



BENEFICIAMENTO



TRANSPORTE



EXPORTAÇÃO



INDÚSTRIA TÊXTIL

Fibra de alta qualidade, produzida com tecnologia e responsabilidade no Cerrado baiano.



Soja e algodão impulsionam uma ampla cadeia econômica, geram empregos, renda e oportunidades, consolidando o Oeste da Bahia como potência agrícola e agroindustrial do Brasil.



Com inovação, eficiência e sustentabilidade, o Oeste baiano segue colhendo resultados e semeando um futuro ainda mais promissor.

## Fortalecimento da Bahia no cenário agropecuário

O desempenho do Cerrado baiano contribuiu diretamente para o fortalecimento econômico da agropecuária estadual. A expansão da produção regional elevou a participação da Bahia entre os estados de maior relevância no agronegócio brasileiro. Em 2025, a soja alcançou Valor Bruto da Produção (VBP) superior a R\$ 16,8 bilhões na Bahia. O algodão, por sua vez, ultrapassou R\$ 7,5 bilhões em VBP, consolidando-se entre as atividades mais importantes da economia agropecuária estadual.

Os indicadores reforçam a capacidade do agronegócio regional de gerar renda, empregos, arrecadação e desenvolvimento econômico em diferentes cadeias produtivas. Ao longo dos últimos anos, o Cerrado da Bahia também ampliou investimentos em infraestrutura logística, armazenagem, conectividade, energia e serviços especializados voltados ao agronegócio, fortalecendo o ambiente econômico regional.

A evolução estrutural permitiu maior competitividade no escoamento da produção e ampliou a capacidade regional de atender mercados internacionais de forma mais eficiente.

O crescimento produtivo e agroindustrial do Cerrado baiano ocorreu acompanhado da ampliação de sua presença no comércio exterior. A região consolidou-se como importante corredor das exportações brasileiras de soja, algodão, farelo e derivados agroindustriais, fortalecendo sua participação em mercados globais cada vez mais exigentes.

Municípios estratégicos da região ampliaram relações comerciais com países como China, Espanha, França, Tailândia, Países Baixos e Romênia, ampliando a presença do agronegócio baiano no cenário internacional. A diversificação de mercados fortalece a competitividade local e reduz vulnerabilidades relacionadas às oscilações globais de demanda e preços.

Segundo Busatte, a inserção internacional do Cerrado baiano é resultado de uma combinação entre produtividade, qualidade e capacidade logística. “A região reúne características que hoje são fundamentais para competir globalmente: escala produtiva, eficiência operacional, regularidade de oferta e capacidade de adaptação tecnológica”, ressalta.

## Valorização territorial reflete crescimento econômico

A expansão econômica e produtiva também vem impactando diretamente a valorização das áreas agrícolas e ambientais do Cerrado da Bahia. Entre 2019 e 2025, municípios estratégicos registraram crescimento expressivo no valor das terras classificadas como Lavoura Aptidão Boa.

Luís Eduardo Magalhães apresentou uma das maiores valorizações do período, passando de R\$ 3.528 para R\$ 11.664 por hectare, crescimento acumulado de 230,6%. Correntina avançou de R\$ 4.278 para R\$ 8.935 por hectare, alta de 108,9%, enquanto Formosa do Rio Preto passou de R\$ 5.700 para R\$ 9.711 por hectare, crescimento de 70,4%.

Barreiras registrou valorização de 38,1%, com o hectare passando de R\$ 6.524 para R\$ 9.011. Já São Desidério apresentou crescimento de 41,3%, evoluindo de R\$ 6.860 para R\$ 9.695 por hectare. Os números demonstram o fortalecimento patrimonial do território regional e refletem a crescente atratividade econômica do Cerrado baiano para investimentos ligados ao agronegócio. “A valorização territorial acompanha a consolidação da região como um dos ambientes agrícolas mais competitivos e estruturados do país”, observa Busatte.

## Sustentabilidade ganha importância estratégica

Outro movimento relevante observado nos últimos anos está relacionado à valorização das áreas classificadas como Preservação da Fauna e da Flora. Os dados indicam que a sustentabilidade passou a ocupar papel cada vez mais estratégico dentro do modelo de desenvolvimento regional, acompanhando as exigências dos mercados consumidores e das agendas globais ligadas à preservação ambiental.

Em Luís Eduardo Magalhães, as áreas de preservação passaram de R\$ 1.338 para R\$ 6.912 por hectare entre 2019 e 2025, crescimento de 416,6%. Formosa do Rio Preto registrou valorização de 166,7%, passando de R\$ 1.150 para R\$ 3.066 por hectare. Correntina avançou de R\$ 1.285 para R\$ 2.220 por hectare, enquanto São Desidério passou de R\$ 2.720 para R\$ 3.636 por hectare.

A valorização das áreas preservadas demonstra que competitividade agrícola e conservação ambiental vêm avançando de forma integrada no Cerrado baiano “O crescimento sustentável se tornou um componente estratégico da competitividade regional e da inserção internacional do agronegócio do Cerrado baiano”, conclui Busatte.

Mais do que uma região produtora de commodities, o Cerrado da Bahia consolida-se como um dos principais pólos de transformação econômica do agronegócio brasileiro, reunindo produtividade, inovação, agroindustrialização, sustentabilidade e relevância internacional em um ambiente cada vez mais estratégico para o futuro da agricultura nacional.



“O Oeste da Bahia deixou de ser apenas uma fronteira agrícola em expansão para se tornar uma região consolidada em produtividade, tecnologia e competitividade internacional.”

William Busatte,  
especialista em inteligência de mercado

# UM POR TODOS TODOS CONTRA O BICUDO



## O ADVERSÁRIO NÃO PODE VIRAR O JOGO!

A atuação de todos os produtores, profissionais e transportadores da fibra é fundamental para o nosso sucesso em campo. Cada um na sua posição, todos pelo mesmo objetivo.

ABAPA.COM.BR



PROGRAMA  
FITOSSANITÁRIO



## Licenças e autorizações ambientais: como diminuir a morosidade em seus processos

**Por André R. B. Rocha** - Engenheiro Agrônomo e Coordenador Técnico da Ecobrasil Consultoria Ambiental;  
**Maurício H. Carnevali** - Químico e Diretor Comercial da Ecobrasil Consultoria Ambiental;  
**Thiago B. Brasil** - Biólogo e Diretor da Ecobrasil Consultoria Ambiental.

O agronegócio do Oeste da Bahia se destaca por sua escala e eficiência. Segundo AIBA - Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia, há cerca de 1.300 produtores associados na região, que correspondem a aproximadamente 2,36 milhões de hectares plantados. Porém, esse ritmo acelerado do campo nem sempre encontra correspondência na esfera pública regulamentadora. A morosidade em processos ambientais corriqueiros — como Outorgas de Uso de Recursos Hídricos, Licenciamentos Ambientais ou Autorizações de Supressão Vegetal (ASV) junto aos órgãos ambientais — é uma realidade concreta. Essa lentidão onera o produtor, adia investimentos e cria insegurança jurídica.

Essa demora não é simplesmente fruto de inércia institucional: ela reflete fatores estruturais, como demanda crescente, carência de técnicos e complexidade normativa. Por exemplo, no âmbito federal, o IBA-MA apresentou um aumento expressivo na carga de trabalho: a média de processos de licenciamento por servidor da sua Diretoria de Licenciamento Ambiental (DILIC) saltou de cerca de 2,5 por servidor em 2010 para aproximadamente 14 por servidor em 2025 — um aumento de 460%.

Apesar desse panorama estrutural, a morosidade nos processos não pode ser tratada como uma condição inevitável ou permanente. É urgentemente necessário a adoção de uma postura pragmática diante desse cenário. A solução de curto prazo não está em atribuir exclusivamente a responsabilidade ao sistema, mas em aperfeiçoar os aspectos que se encontram sob controle do produtor rural e de sua consultoria ou gestão ambiental, especialmente na qualidade técnica, organização e estratégia de elaboração e protocolo dos processos.



### Respostas rápidas às solicitações (Regra das 48 Horas)

O processo não para quando às solicitações de complementação, ou as chamadas notificações, são emitidas; ele apenas muda de lado.

O produtor ou seu gestor ambiental deve ter um monitoramento constante do processo nos sistemas eletrônicos dos órgãos ambientais. Comprometa-se a responder e sanar as pendências solicitadas pelo órgão ambiental em um prazo máximo de 48 horas.

Reduzir o tempo de resposta garante que seu processo retorne à fila de análise o mais rápido possível, evitando que fique “parado” na fila enquanto os demais avançam.

**Conclusão:** maior cuidado pode facilitar e agilizar seu processo

A morosidade nos órgãos ambientais é um desafio estrutural, mas não precisa ser um obstáculo intransponível. Produtores que tratam o licenciamento com o mesmo rigor aplicado à gestão agrícola conseguem avançar com menos devoluções, menos custos e menos incertezas.

#### A chave está em três pilares:

- Qualidade técnica desde o início do processo,
- Planejamento antecipado,
- Respostas rápidas e consistentes durante as tratativas.

Quando esses elementos são bem executados, o licenciamento deixa de ser um entrave e passa a ser parte estratégica da gestão da propriedade. Em um cenário onde regularidade ambiental é sinônimo de segurança jurídica, acesso a crédito e longevidade do negócio, investir em uma consultoria qualificada deixa de ser gasto — e se torna um investimento direto na competitividade do agronegócio baiano.

## Documentação incompleta ou inadequada: o principal gargalo

**Pode parecer óbvio, mas vale ressaltar que grande parte das suspensões, devoluções ou atrasos em processos ambientais ocorre por falhas reiteradas nas documentação técnicas.**

**São exemplos típicos:**

- Dados georreferenciados incorretos ou ambíguos.
- Planilhas com inconsistências.
- Formulários digitais preenchidos incorretamente.
- Ausência de documentos complementares exigidos pela normativa local ou estadual.

Quando isso ocorre, o analista responsável fica impossibilitado de dar prosseguimento à análise, sendo obrigado a emitir notificações técnicas solicitando complementações, correções ou adequações documentais. Cada nova notificação pode acrescentar semanas ou até meses ao prazo final do processo.

Assim, um procedimento que poderia ser relativamente simples acaba se transformando em uma extensa e desgastante batalha burocrática. Embora estes dados não sejam totalmente confirmados pelo Inema, estima-se que a quantidade de requerimentos devolvidos pelo órgão pode variar de 50 a 80%, muitos destes são devolvidos mesmo antes de serem considerados aptos para análise.

Esse cenário produz três consequências particularmente graves: aumento significativo do tempo de tramitação, elevação dos custos para o produtor rural e ampliação da insegurança jurídica sobre investimentos e atividades já planejadas.

Diante disso, para reduzir atrasos, evitar retrabalhos e minimizar o risco de inviabilização dos processos ambientais, recomenda-se que o produtor rural e sua consultoria ou gestão ambiental adotem, desde o início, uma série de cuidados técnicos e estratégicos durante a elaboração e protocolo dos processos.

Georreferenciamento rigoroso e validado — verificar coordenadas, projeções cartográficas, etapas de demarcação de Reserva Legal, Áreas de Proteção Permanente (APPs), limites de fazenda, corpos d'água, etc.

Cálculos e dados de planilhas revisados por profissional qualificado, especialmente no caso de outorgas de uso hídrico: vazões, balanço hídrico, consumo previsto e compatibilidade com disponibilidade local.

Preenchimento correto de formulários digitais, com atenção especial a campos obrigatórios, notas explicativas, anexação de documentos complementares (memorial, mapas, certidões, certificados, Cadastro Ambiental Rural — CAR, ou o CEFIR.

Checklist interno antes do protocolo — montar um controle próprio da propriedade/consultoria, com todos os documentos exigidos, para garantir conformidade antes de submeter o pedido.

Apoio técnico e consultoria especializada — investir em suporte técnico capaz de antecipar exigências e evitar retrabalhos.

Essas medidas simples, mas eficazes, podem transformar um processo lento e incerto em algo com maior previsibilidade e agilidade.

**O checklist da agilidade:** 6 ações para otimizar seu processo ambiental

Para transformar a morosidade em eficiência, o produtor precisa tratar a documentação ambiental com o mesmo rigor que utiliza em seus processos produtivos.

**1ª AÇÃO: O CADASTRO AMBIENTAL BEM FEITO E ATUALIZADO**  
O Cadastro Ambiental Rural (CAR/CEFIR) não é apenas um re-

gistro, é a “certidão de nascimento”, básica e precursora de todas as demais licenças.

Garanta que seu CAR/CEFIR esteja atualizado, validado e sem pendências. Bloqueios ou inconsistências (sobreposição de áreas, inconsistência nas quantidades de áreas de Reserva Legal, APP, Remanescentes Florestais) serão empecilhos para o prosseguimento de processos ambientais.

**2ª AÇÃO: MAPAS E DADOS GEOGRÁFICOS EM CONFORMIDADE**

A precisão dos dados geográficos facilita as verificações remotas, dão maior confiabilidade ao processo e pode simplificar as vistorias de campo por parte do órgão.

Utilize levantamentos topográficos de alta precisão. As informações devem ser apresentadas com margem de erro mínima para os limites da área a ser licenciada (ex: área de inundação de barramento, perímetro de pivô de irrigação ou área de ASV).

Quanto maior a qualidade do mapeamento (incluindo imagens de satélite recentes e de boa resolução), a citação correta do datum e tipo de coordenada utilizada, menor a chance de o analista solicitar uma vistoria in loco para conferência, caso não haja essa obrigatoriedade no processo.

**3ª AÇÃO: ACIONAMENTO DE VIAS FORMAIS DE CELERIDADE E PRIORIDADE**

O produtor não precisa ser um espectador passivo da demora administrativa. Existem mecanismos legais para pleitear agilidade: Prioridade Legal: Idosos (acima de 60 anos) e portadores de doenças graves possuem prioridade de tramitação em processos administrativos, conforme a Lei Federal nº 9.784/1999.

**Requerimento de Celeridade:** Em casos de atraso injustificado além dos prazos regulamentares, o requerente pode protocolar um requerimento formal fundamentado na “Duração Razoável do Processo”, provocando a chefia da unidade ou a corregedoria do órgão a se manifestar sobre o represamento do pleito.

Situações de processos com demoras excessivas ou sem retorno podem ser reportadas junto às Ouvidorias dos órgãos para serem apuradas.

**4ª AÇÃO: COMUNICAÇÃO ANTECIPADA DE COMPENSAÇÃO**

Quando o projeto envolve impacto, antecipar a proposta da mitigação desarma a burocracia.

Se o projeto requer supressão de vegetação, apresente o Plano de Compensação Ambiental com a mesma clareza da solicitação de supressão. Já indique a área de compensação e a metodologia de recuperação, demonstrando o compromisso com a sustentabilidade e o atendimento às normas e termos de referência dos órgãos, sempre que existir.

Isso pode favorecer o aceite do órgão e demonstra que o empreendimento integra as premissas ambientais ao seu planejamento.

**5ª AÇÃO: AUTORIZAÇÕES RELACIONADAS A RECURSOS HÍDRICOS: IMPORTÂNCIA DE DADOS CONSISTENTES**

Atualmente, a água é o recurso mais sensível e auditado. Em processos para autorização de perfuração de poços, é importante respeitar as distâncias mínimas e demais requisitos previstos na Instrução Normativa nº 003/2022 do INEMA, por exemplo. Quando for o caso, apresente dados de eficiência de irrigação e monitoramento de vazão, e de forma transparente e consistente. Investir em sensores, telemetria e em um Plano de Uso Racional da Água, além de econômico para o produtor, serve como prova técnica irrefutável para o INEMA em processos de renovação.

# Endividamento rural, juros altos e o desafio do produtor para manter-se na atividade

Por **Dr. George Oliveira** e **Dra. Regina Sales**, sócios fundadores do escritório Oliveira Sales Advocacia, com atuação voltada ao agronegócio e à reestruturação financeira do produtor rural.

Entre crédito insuficiente, aumento dos custos e risco patrimonial, o produtor rural brasileiro enfrenta um dos cenários mais desafiadores dos últimos anos.

Produzir no Brasil nunca foi tarefa fácil. Nos últimos anos, porém, o produtor rural passou a enfrentar uma realidade ainda mais dura: juros elevados, crédito insuficiente, aumento constante dos custos de produção e o risco crescente de perder patrimônio para conseguir continuar produzindo.

O endividamento rural já faz parte da realidade do campo. Grande parte das lavouras depende de financiamentos bancários e, muitas vezes, o crédito disponível não acompanha a necessidade real da produção.

A cada safra, o produtor precisa fazer verdadeiros malabarismos para manter a atividade funcionando. O custo dos insumos aumenta, o clima se torna mais imprevisível e a margem de lucro diminui.

“Hoje, produzir no Brasil não exige apenas vocação. Exige resistência financeira, emocional e jurídica.”

Muitos produtores terminam uma safra ainda pagando a anterior e, mesmo assim, precisam buscar novos financiamentos para adquirir sementes, fertilizantes, defensivos e manter o próximo plantio.

Enquanto isso, o acesso ao crédito rural se torna cada vez mais difícil. Situações que poderiam ser resolvidas com simples renegociações acabam se transformando em processos burocráticos, com exigências financeiras que aumentam ainda mais o peso das dívidas.

O cenário se torna ainda mais delicado quando financiamentos passam a colocar a própria fazenda como garantia da operação. Nesses casos, uma quebra de safra, seca, excesso de chuvas ou perda de produtividade pode colocar em risco anos de trabalho e o patrimônio construído por gerações.

“O produtor rural brasileiro não luta apenas contra o clima. Luta também contra juros altos, crédito insuficiente e um sistema financeiro cada vez mais agressivo.”

No campo, uma única safra frustrada pode transformar anos de trabalho em risco real de perda da propriedade.

Diante desse cenário, cresce o número de produtores que recorrem ao Poder Judiciário em busca de alternativas para preservar suas atividades, seja por meio de renegociações, ações revisionais ou recuperações judiciais.

“Quando o crédito deixa de fomentar a produção e passa a ameaçar a permanência do produtor na terra, algo precisa ser revisto.”

Fortalecer o produtor rural não significa apenas proteger uma atividade econômica. Significa preservar empregos, desenvolvimento regional, segurança alimentar e a continuidade de famílias que vivem do campo.

Por isso, a política agrícola brasileira precisa deixar de existir apenas no discurso e passar a alcançar, de forma efetiva, quem diariamente sustenta o agro brasileiro.



# Kultive Futuro e AgroCidade: Liderando a nova economia no Cerrado Baiano

## Introdução

O Cerrado Baiano consolidou-se como uma das fronteiras agrícolas mais dinâmicas do mundo. Contudo, para sustentar esse crescimento, não basta apenas produzir; é necessário evoluir a forma como o conhecimento e a tecnologia são compartilhados. É nesse cenário que surge o movimento Kultive Futuro, um ecossistema de inovação impulsionado pelos mais de 30 anos de expertise da Kasuya Inteligência Agronômica. O objetivo é claro: acelerar a adoção de tecnologias sustentáveis e preparar o setor para os desafios da "Nova Economia".



## Kultive Futuro: um ecossistema de conexão e impacto

Mais do que uma iniciativa isolada, o Kultive Futuro é um movimento desenhado para conectar especialistas, empresas e produtores. Sua missão é criar um ambiente de aprendizado contínuo que capacite os líderes do agronegócio a operarem com excelência e responsabilidade. O movimento fundamenta-se em pilares estratégicos:

- 1. Educação & Capacitação:** Transformar a vasta base de dados e inteligência agronômica em conhecimento prático e acessível.
- 2. Inovação & Sustentabilidade:** Validar e aplicar tecnologias que aumentem a produtividade sem comprometer o futuro dos recursos naturais.
- 3. Escalabilidade & Replicabilidade:** Criar modelos eficientes que possam ser expandidos, gerando um impacto exponencial no campo.

## AgroCidade: a voz da transformação e inclusão

O programa AgroCidade, em seu novo formato multiplataforma (Rádio e YouTube), atua como a voz dessa transformação. Ele não apenas reporta recordes de exportação e cotações, mas traduz temas complexos como geopolítica, clima e logística para o dia a dia do produtor. A iniciativa busca desmistificar o agronegócio para a sociedade e fortalecer a imagem do produtor rural como um gestor de dados e performance.

### Educação e Impacto Social

O Kultive Futuro foca em preparar os profissionais do amanhã. Através do AgroCidade, o movimento promove a inclusão social e a educação escolar, trazendo jovens para conhecerem de perto a realidade tecnológica das fazendas e centros de pesquisa. Com a meta de capacitar mil pessoas até 2030, o projeto utiliza seus pilares de capacitação para tornar o conhecimento técnico — como gestão de solo e inteligência agronômica — acessível em larga escala.

### Compromisso com o Futuro

Ao integrar consultoria especializada e a disseminação de informações verificadas, o Kultive Futuro reafirma o compromisso com uma agricultura que é, ao mesmo tempo, produtiva, inovadora e profundamente humana. O objetivo central é garantir que a excelência científica se transforme em ganho real e sustentabilidade, fortalecendo o legado do Cerrado Baiano para as próximas gerações.

# Cerrado baiano: A nova régua do agronegócio global.

COM RECORDE HISTÓRICO DE SOJA, LIDERANÇA NACIONAL EM IRRIGAÇÃO E PRÁTICAS QUE CONCILIAM PRODUÇÃO E PRESERVAÇÃO, O OESTE DA BAHIA SE CONSOLIDA COMO UMA DAS REGIÕES AGRÍCOLAS MAIS DINÂMICAS DO PLANETA

Por **Luís Carlos Nunes** - Jornalista (MTb 86845/SP)

Quarenta anos atrás, poucos acreditavam que o solo ácido do Cerrado baiano viraria um dos grandes celeiros do mundo. Pois virou. Hoje, o Oeste da Bahia é, sem exagero, uma das fronteiras agrícolas mais dinâmicas do planeta. Os números da safra 2024/2025, consolidados pelo Conselho Técnico da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), falam por si só. A soja atingiu 8,7 milhões de toneladas em 2,1 milhões de hectares, com produtividade média de 68 sacas por hectare – o melhor resultado dos últimos 30 anos. O algodão, cultura que ajudou a escrever a história da região, registrou 348 arrobas por hectare nas áreas irrigadas. Já o milho safri- nha superou 1,17 milhão de toneladas.

Números que comprovam o que quem acompanha o agro baiano já percebe há

tempos: o Cerrado da Bahia não apenas acompanha a evolução do agronegócio mundial – em muitos aspectos, ela dita o ritmo. Irrigação: a virada de chave. Se há um fator que explica esse dinamismo, ele se chama irrigação. E não qualquer irrigação. A tecnificada. Segundo levantamento da Embrapa Milho e Sorgo, o Oeste da Bahia ultrapassou o Noroeste de Minas Gerais e se tornou o maior polo de agricultura irrigada do país. São 332,5 mil hectares equipados com pivôs centrais e sistemas de gotejamento subsuperficial.

Sozinho, o município de São Desidério responde por 91,6 mil hectares irrigados. Barreiras vem logo atrás, com 60,9 mil. “A irrigação mudou nossa realidade. Antes a gente dependia do tempo. Hoje a gente planeja a safra”, resume um produtor

da região de São Desidério, ecoando um sentimento comum entre os agricultores locais. Com o aquífero Urucuia e as bacias dos rios Grande, Corrente e Carinhonha como base hídrica, a região desenvolveu um modelo de governança da água que já inspira outras fronteiras agrícolas tropicais. O programa de monitoramento do aquífero, conduzido pela Aiba em parceria com a Universidade Federal de Viçosa e a Universidade de Nebraska (EUA), é um exemplo concreto de gestão compartilhada.

E não é só estabilidade produtiva que a irrigação garante. Com ela, o produtor consegue fazer até três safras em dois anos agrícolas. Em outras palavras: mais comida, mais renda, mais emprego, no mesmo pedaço de terra.

## SUSTENTABILIDADE COM RESULTADO DE VERDADE

Ser uma fronteira dinâmica, hoje, não significa apenas crescer em área ou volume. Significa produzir mais com menos impacto, rastrear a origem, certificar boas práticas e, com isso, acessar os mercados mais exigentes do mundo. O Cerrado baiano tem avançado firme nessa direção. O Sistema Plantio Direto (SPD) já virou rotina na maior parte das propriedades. O solo fica coberto, a matéria orgânica aumenta, o carbono fica sequestrado, a erosão diminui. Além disso, a integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) ganha novos adeptos a cada safra.

E tem mais: o uso de bioinsumos produzidos na própria fazenda já é realidade para muitos produtores da região. E o mercado internacional está de olho nisso. Na safra 2023/2024, o Brasil foi responsável por 48% de todo o algodão certificado como Better Cotton no mundo – com participação expressiva da Bahia. Na soja, a certificação RTRS cresceu 13% globalmente, e a Europa, principal mercado comprador, ficou com mais de 65% das aquisições. “O produtor que adere a essas certificações não está só cumprindo regras. Ele agrega valor ao produto e abre portas que antes estavam fechadas”, afirma um técnico que acompanha de perto o processo de certificação na região. Os gargalos que ainda precisam de solução Dinamis- mo também expõe fragilidades.

E o Cerrado baiano tem as suas. O primeiro deles é a energia elétrica. A demanda cresce cerca de 20% ao ano. A média nacional é de 3,5%. A diferença é brutal. E a infraestrutura de distribuição não tem acompanhado o mesmo ritmo. Para tentar resolver esse gargalo, a Aiba iniciou em 2025 um estudo inédito para mapear as necessidades energéticas da irrigação e do armazenamento de grãos para os próximos dez anos. A ideia é que os dados sirvam de base para políticas públicas e investimentos privados. O segundo gargalo é a logística. Estradas vicinais pavimentadas com recursos de produtores e parce- rias com o poder público já melhoraram muito a vida no campo.

Mas a conclusão da Ferrovia Oeste-Leste (Fiol) continua sendo aguardada como um divisor de águas. Com ela, o custo do frete deve cair e a competitividade da região deve dar um salto. O terceiro desafio é regulatório. O Regulamento Europeu de Desmata- mento (EUDR) já está em vigor e exige rastreabilidade rigorosa. A boa notícia é que a Bahia sai na frente: 85% das áreas produtivas já estão cadastradas no Cadastro Ambiental Rural (CAR). Ou seja, o que poderia ser um problema, a região já vem transformando em vantagem competitiva.

## NÃO FOI POR ACASO

O Cerrado baiano não se tornou uma das fronteiras agrícolas mais dinâmicas do mundo por acaso. É o resultado de décadas de pesquisa, de investimento privado, de uma associação que aprendeu a lutar pelo setor - a Aiba - e, principalmente, de produtores rurais que nunca tiveram medo de inovar. Hoje, com a maior área irrigada do país, recordes consecutivos de safra, certificações reconhecidas internacionalmente e uma agenda de sustentabilidade que já sai do discurso e vai para a prática, o Oeste da Bahia prova que é possível, sim, produzir muito e preservar. Alimentar o mundo. Gerar emprego e renda. E cuidar da água, do solo e da biodiversidade. Tudo ao mesmo tempo. Essa é a força do agro baiano. Essa é a força do Cerrado.

## Cerrado baiano em números Safra 2024/2025

Área plantada de soja

**2,1 milhões** de hectares

Produção de soja

**8,7 milhões** de toneladas

Produtividade da soja

**68 sacas** por hectare

Área irrigada total **332,5 mil** hectares

Maior município irrigado São Desidério

**(91,6 mil** hectares)

Crescimento anual da demanda

energética Cerca de **20%**

Recuperação de nascentes (Programa Nascentes

do Oeste) Mais de **150** nascentes

Áreas com CAR na Bahia

**85%** das áreas produtivas

Fonte: Conselho Técnico da Aiba e Embrapa Milho e Sorgo.



# Recuperação de nascente degradada com uso de barraginhas de infiltração no oeste da bahia

Por Leonardo Teles Dos Santos - Biomédico. Voluntário em recuperação ambiental e revitalização hídrica.



Este trabalho apresenta ações de recuperação ambiental realizadas em uma nascente degradada localizada na comunidade do Borrachudo, município de Cotegipe, Oeste da Bahia. A área apresentava assoreamento, compactação do solo, erosão superficial e redução da infiltração hídrica. As intervenções ocorreram de forma manual, incluindo limpeza da nascente e implantação de barraginhas de infiltração em pontos estratégicos. Após as intervenções observou-se melhoria da retenção hídrica, aumento da infiltração da água no solo e redução dos processos erosivos.

No Oeste da Bahia, períodos prolongados de estiagem associados ao uso inadequado do solo têm contribuído para degradação de nascentes e redução da infiltração hídrica. A área estudada apresentava sinais avançados de assoreamento e redução do fluxo de água. O projeto foi desenvolvido de forma voluntária com objetivo de favorecer a recuperação gradual da área de surgência e melhorar a retenção hídrica local.

As intervenções foram realizadas manualmente e de forma gradual, priorizando técnicas de baixo impacto ambiental. Foram executadas ações de limpeza do assoreamento, reorganização do fluxo hídrico e implantação de barraginhas de infiltração em áreas de maior escoamento superficial. As ações buscaram aumentar a infiltração da água no solo e reduzir processos erosivos.

Após as intervenções observou-se recuperação parcial da área de surgência, maior retenção hídrica e redução do escoamento superficial. As barraginhas favoreceram o acúmulo temporário da água da chuva, contribuindo para infiltração gradual no solo.

Os resultados observados demonstram que intervenções simples e de baixo custo podem favorecer a recuperação gradual de áreas degradadas, especialmente em regiões sujeitas à compactação do solo e redução da infiltração hídrica. Os achados corroboram princípios de manejo ecológico do solo descritos por Primavera (2016), evidenciando a importância da infiltração hídrica para conservação ambiental e estabilidade do solo.

As intervenções realizadas demonstraram potencial para recuperação gradual da nascente e melhoria da retenção hídrica local. Técnicas simples, manuais e de baixo custo podem contribuir para redução de processos erosivos e preservação de áreas de surgência em regiões rurais do Oeste da Bahia.

Figura 1 – Limpeza manual e desassoreamento da nascente na comunidade do Borrachudo, CotegipeBA.



Figura 2 – Área da nascente após intervenção ambiental e implantação de barraginhas de infiltração. Fonte: Leonardo Teles dos Santos (2026).



Fonte: Leonardo Teles dos Santos (2025).

## O campo que produz água

Por Arthur de Sousa Ribeiro, Mayk Pereira Wanderley, Eneas Denieste de Oliveira

Cuidar da água é cuidar da vida — e também da produção. Na Região Oeste da Bahia, essa consciência vem sendo fortalecida por meio do programa Nascentes do Oeste, executado pela AIBA (Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia) em conjunto com a ABAPA (Associação Baiana dos Produtores de Algodão) e prefeituras da região oeste, financiada pelo PRODEAGRO (Programa para o Desenvolvimento Agropecuário), chegando à sua Etapa VI consolidando um trabalho essencial para a sustentabilidade do campo. A iniciativa atua na identificação, recuperação e proteção de nascentes e Áreas de Preservação Permanente (APPs), promovendo não apenas a preservação ambiental, mas também a segurança hídrica e o equilíbrio dos serviços ecossistêmicos que sustentam a produção rural.

Dentro das propriedades, o projeto transforma o cuidado com o meio ambiente em ação concreta. Por meio de diagnósticos técnicos, isolamento de áreas sensíveis, recomposição da vegetação nativa e controle de processos erosivos, o programa enfrenta diretamente os fatores que comprometem a qualidade e a disponibilidade de água. Esse conjunto de ações não apenas

protege as nascentes, mas também fortalece a base produtiva da região, tornando as atividades agropecuárias mais resilientes e sustentáveis.

Hoje, o produtor rural assume um papel que vai além de produzir alimentos, fibras e energia: ele também é agente fundamental na produção e conservação da água. Práticas como o manejo conservacionista do solo, o plantio direto, o terraceamento e a manutenção da cobertura vegetal permitem aumentar a infiltração da água da chuva, reduzindo perdas por escoamento superficial. Nesse contexto, o solo deixa de ser apenas suporte produtivo e passa a funcionar como uma verdadeira “caixa d’água natural”, armazenando e liberando água de forma gradual para abastecer cursos d’água e nascentes.

Esse equilíbrio hidrológico traz ganhos expressivos para as propriedades e para toda a região. A melhoria da infiltração e a redução da erosão contribuem para diminuir o assoreamento dos cursos d’água, manter a vazão hídrica ao longo do ano e garantir maior estabilidade na disponibilidade de água. Assim, preservar o meio ambiente torna-se uma estratégia direta de proteção da produtividade, da renda e da segurança no campo.

Os resultados já demonstram a força dessa iniciativa. Desde 2017, 300 nascentes foram diagnosticadas, cerca de 200 recuperadas, permitindo avaliar a eficiência das ações e a regeneração das áreas. Além da atuação em campo, o programa investe na orientação técnica aos produtores e na educação ambiental de comunidades e instituições de ensino, ampliando a conscientização e fortalecendo uma cultura de preservação.

Outro aspecto importante é o apoio ao cumprimento da legislação ambiental, auxiliando produtores na adequação de suas propriedades sem comprometer a viabilidade produtiva. Essa integração entre produção e conservação reforça uma nova visão de desenvolvimento rural, em que preservar não é obstáculo, mas parte da estratégia de crescimento sustentável.

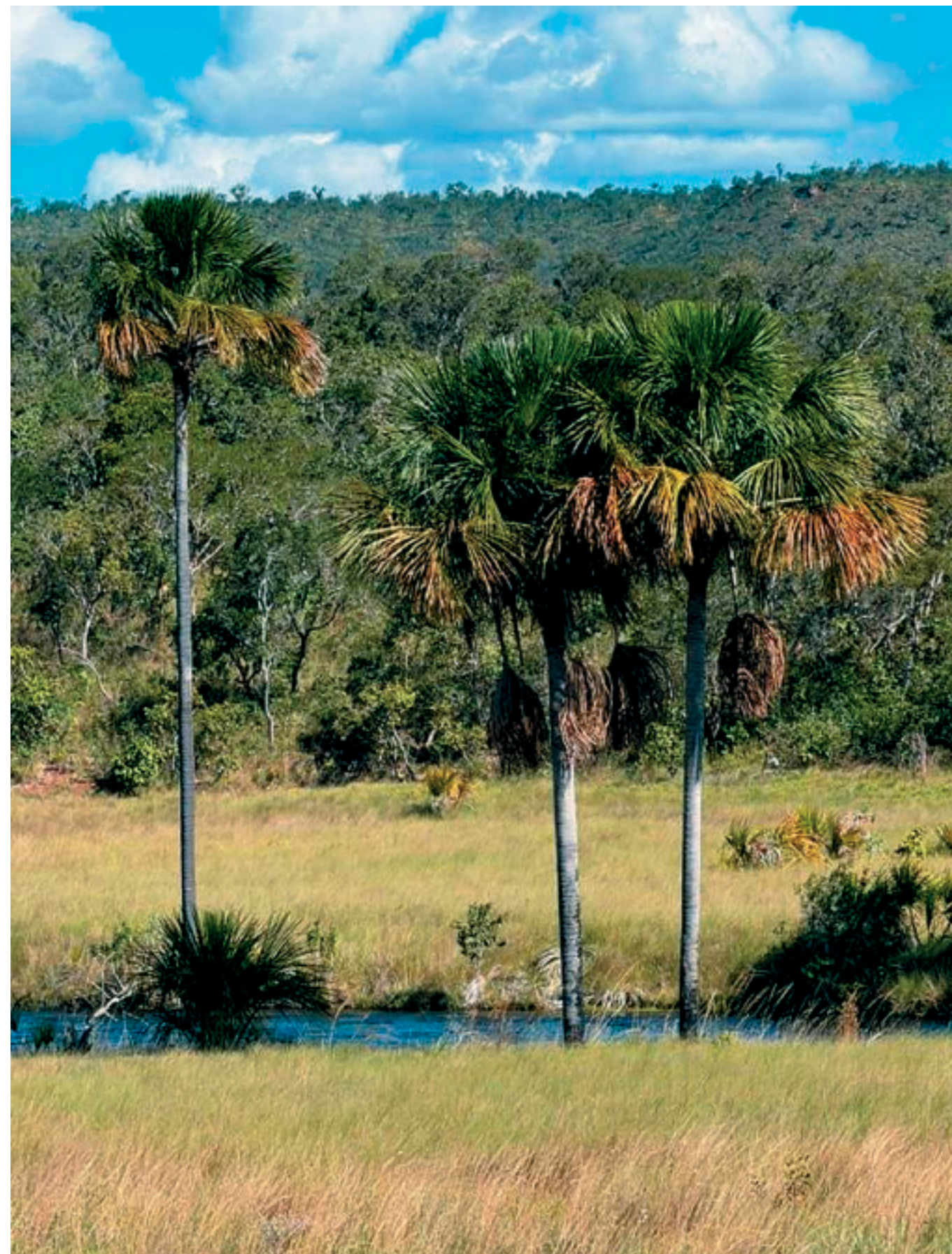
Mais do que recuperar áreas degradadas, o Nascentes do Oeste promove uma mudança de paradigma: mostra que produzir e preservar caminham juntos. Ao fortalecer o cuidado com as nascentes, o projeto revela uma verdade cada vez mais evidente no campo — água também se produz, e investir em sua conservação é garantir vida, desenvolvimento e futuro para toda a região.

Figura 1. Plantio Direto



**Sistema de cultivo em Plantio Direto**, influenciando diretamente na proteção do solo e consequente abastecimento subterrâneo da água, reforçando a responsabilidade ambiental

Figura 2- Buritizeiro próximo à vereda



**Mauritia flexuosa (Buriti)** às margens de vereda em recuperação, desempenhando importante papel ecológico, como proteção, estabilização do solo e manutenção da biodiversidade

# O desafio do Prodes no crédito rural: segurança jurídica e desenvolvimento sustentável

Por **Georgia Alencar** - Advogada especializada em Direito Ambiental, Agrário e Agronegócio  
**Alejandro Javier Moura Marques de Souza** - Assistente Jurídico no Georgia Alencar Advogados Associados

Planejar a safra é um exercício de precisão que vai além da escolha da semente ou da correção do solo. O crédito rural é o combustível que faz a engrenagem do agronegócio girar em todo o Brasil, contudo, uma variável tecnológica e regulatória avança para dentro das porteiras de propriedades rurais: o monitoramento por satélite via Prodes. O que antes era mais uma ferramenta estatística para o Governo Federal, hoje se consolida como o fiel da balança na liberação de recursos bancários, exigindo do produtor organização documental sem precedentes, sob o risco de ver a janela de plantio se fechar enquanto a burocracia ainda tenta decifrar um pixel no satélite.



## O SURGIMENTO DO PRODES E A NOVA REALIDADE DO MONITORAMENTO

O Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), coordenado pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), nasceu em 1988 com o nobre propósito de mapear o uso do solo e as taxas de desmatamento. Certo se tratar de uma fonte informativa de alta relevância científica, mas que possui limitações técnicas claras: ela notifica a supressão, mas não dialoga com nenhuma base de dados apta a verificar se aquela retirada de vegetação foi autorizada ou não.

Nesse sentido, apesar de ser uma ferramenta macro, o PRODES passou a ser utilizado como critério micro de bloqueio. O problema central é que o sistema muitas vezes aponta “falsos positivos”, podendo confundir manejos rotineiros, como a limpeza de pastagens degradadas ou a substituição de culturas, com desmatamento ilegal.

## A MUDANÇA DE PARADIGMA BANCÁRIO E O DESCOMPASSO NO CAMPO

A pressão sobre o campo reflete uma evolução normativa que transformou o balcão do banco em um tribunal ambiental. Se outrora o crédito vinculava-se estritamente a documentos oficiais (Resoluções do Conselho Monetário Nacional (CMN) 3.545/2008 e 140/2021), a Resolução CMN

5.193/2024 rompeu esse padrão ao instituir o bloqueio automático via satélite. Estando sujeitas às sanções do Banco Central (Res. 4.327/2014), as instituições assumem um papel fiscalizatório, agindo como o primeiro juiz da conformidade ambiental.

Nessa dinâmica, vigora a lógica de ser “culpado até que se prove o contrário”, onde o produtor carrega o ônus de contestar um pixel interpretado remotamente como supressão.

A restrição automática – capaz de atingir inclusive contratos de crédito já em vigor –, baseada em um alerta que pode ser apenas um manejo de rotina ou um equívoco tecnológico, coloca em xeque meses de esforço. A espera pela validação de um documento ou pela correção de um dado sistêmico pode levar meses; já a janela ideal de plantio dura poucos dias. Perder esse momento por um travamento de sistema é ver a promessa de uma colheita farta transformar-se, silenciosamente, em um peso financeiro que pode inviabilizar a atividade rural enquanto pendente a análise.

## O CAMINHO DA PREVENÇÃO: CHECKUP DOCUMENTAL E ORGANIZAÇÃO

Diante deste cenário, a estratégia prudente e eficiente é a antecipação. Cuidar da saúde documental da terra é tão vital como cuidar da saúde do solo; ambas as práticas garantem a longevidade da atividade rural. Diante disso, o produtor deve se precaver à possíveis questionamentos, promovendo checkups contínuos de sua situação ambiental. O caminho é a organização do-

documental rigorosa. Ter em mãos a Autorização de Supressão de Vegetação (ASV), o Termo de Ajuste de Conduta (TAC) ou um Projeto de Recuperação de Área Degradada (PRAD) aprovado é essencial.

Em casos de erros do sistema (falsos positivos), o uso de laudos técnicos de sensoriamento remoto elaborados por especialistas torna-se a principal arma de defesa perante o banco. A regularização do CAR, embora com baixa taxa de análise concluída no país, permanece como o pilar da segurança jurídica.

## ATUALIZAÇÕES RECENTES E O CENÁRIO PARA 2027/2028

É importante destacar que a mobilização das entidades do setor tem gerado frutos. Em 12 de maio de 2026, o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou ajustes cruciais para dar fôlego aos produtores rurais. As novas datas para a exigência de verificação do PRODES foram escalonadas conforme o tamanho da propriedade:

**4 de janeiro de 2027:** Para imóveis superiores a 15 módulos fiscais.

**1º de julho de 2027:** Para imóveis entre 4 e 15 módulos fiscais.

**3 de janeiro de 2028:** Para imóveis com até 4 módulos fiscais.

Esses novos prazos oferecem uma janela vital para que o produtor organize sua casa. Caso o trabalho preventivo não baste, a judicialização surge como a última medida para evitar prejuízos irreparáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentabilidade do agronegócio depende da harmonia entre a precisão do algoritmo e a realidade da porteira. O desafio não reside na tecnologia em si, mas na construção de um fluxo onde o monitoramento remoto seja o início de uma análise justa, e não um veredito automático. Nesse sentido, o ordenamento jurídico brasileiro, ao consolidar sua opção pelo desenvolvimento sustentável, estabelece um limite claro: se o crédito

rural não deve servir de mecanismo para a degradação ambiental, ele também não pode ser utilizado para penalizar o produtor em conformidade. Utilizar restrições automáticas sem o devido contraditório desvia o instrumento constitucional de sua finalidade primordial de fomento à produção e proteção ao agricultor, prevista no art. 187 da Constituição Federal e na Lei da Política Agrícola (LPA).

Nesta transição, o rigor técnico e a

gestão documental proativa tornam-se o verdadeiro escudo do produtor. Ao buscar amparo nas garantias do devido processo legal e nos preceitos da Lei nº 8.171/1991 (LPA), o produtor assegura que a conformidade ambiental seja o alicerce da sua segurança jurídica. Somente assim, o legado do campo continuará a prosperar sob a luz de um Direito que protege quem produz e respeita quem preserva.

# Onde brota o amanhã: A urgência de reconectar nossas crianças com as nascentes.

Por **Artur de Sousa Ribeiro** - Geólogo. Subcoordenador do Projeto Nascentes do Oeste.  
**Mayk Pereira Wanderley** - Engenheiro Agrônomo. Analista Ambiental da Aiba.

### O elo perdido entre gerações

Se fecharmos os olhos e buscarmos as memórias de infância, as cenas de riachos cristalinos e o som da água correndo entre as pedras surgem com nitidez. Para muitos de nós, a juventude foi marcada por trilhas

em busca das nascentes dos rios, banhos gelados nas tardes quentes e pescarias improvisadas entre amigos. Essas experiências iam muito além do lazer, representando o primeiro e mais profundo contato com a ecologia do Cerrado.

Entretanto, esse cenário de abundância e proximidade com a natureza tem se

tornado cada vez mais distante para as novas gerações. A juventude atual, embora cercada pela tecnologia, enfrenta um preocupante isolamento ambiental. Onde antes existiam exploração, curiosidade e descoberta, hoje predominam o desconhecimento e a desconexão com os recursos naturais.



**Realização do diagnóstico dos fatores de degradação da Vereda do Riacho do Alegre, em Cristópolis, com a participação dos alunos do Colégio Estadual de Cristópolis.**

Durante as ações de Educação Ambiental desenvolvidas pelo Projeto Nascentes do Oeste em escolas rurais e urbanas da região, um dado alarmante chamou a atenção: cerca de 90% dos alunos nunca haviam visto uma nascente ou um córrego, mesmo morando próximos a esses recursos hídricos. As crianças e adolescentes conhecem os nomes dos rios, mas não suas origens; compreendem teoricamente a importância da água, porém não possuem o vínculo afetivo necessário para defendê-la de forma consciente e comprometida.

Partindo do princípio de que “é preciso conhecer para proteger”, o Projeto Nascentes do Oeste entendeu que apenas a teoria em sala de aula não seria suficiente para transformar essa realidade. Foi então que as Trilhas Ecológicas passaram a desempenhar um papel fundamental nas ações do projeto. As atividades envolvem estudantes do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e também alunos das APAEs dos municípios participantes, com um objetivo simples, porém transformador: devolver às crianças e aos jovens o direito de ver a água brotar do solo.

Durante as trilhas, os participantes têm a oportunidade de compreender como uma nascente se forma e qual a importância da vegetação nativa para a manutenção do fluxo hídrico. Também aprendem a identificar os principais fatores de degradação dos rios e conhecem técnicas de recuperação ambiental, como cercamentos, barraginhas e paliçadas. Além disso, participam ativamente do plantio de mudas e de oficinas educativas, fortalecendo o compromisso com a preservação ambiental. Outro aspecto importante dessas experiências é o fortalecimento dos vínculos afetivos com a natureza. O simples momento de compartilhar um lanche em meio ao ambiente natural cria memórias semelhantes às vividas por pais e avós, resgatando uma conexão que parecia perdida entre gerações.

Um dos capítulos mais gratificantes do projeto tem sido o trabalho desenvolvido com os alunos das APAEs. Por meio de atividades sensoriais e passeios de barco, o Projeto Nascentes do Oeste rompe barreiras físicas e intelectuais, demonstrando que a educação ambiental também é uma poderosa ferramenta de inclusão. Ao sentirem a textura da terra e o frescor da água das nascentes, esses alunos tornam-se multiplicadores da conscientização ambiental dentro de suas próprias famílias.

A interação direta com o público jovem também tem gerado impactos positivos



**Reflorestamento da Lagoa da Mariquita realizado com os alunos da Escola Municipal Eurico Gaspar Dutra, promovendo educação ambiental e a recuperação de áreas degradadas.**



**Visita às nascentes da Vereda do Barroço de Cima com os alunos da APAE de Barreiras, promovendo a educação ambiental e a conscientização sobre a importância da preservação dos recursos hídricos.**

nas comunidades rurais. A aceitação das famílias às ações de recuperação de nascentes cresce significativamente quando os filhos retornam das trilhas entusiasmados e conscientes da importância da preservação ambiental. Dessa forma, a educação ambiental das crianças tem se tornado um elo de união e engajamento comunitário. O Projeto Nascentes do Oeste reafirma,

assim, seu compromisso de garantir que as novas gerações tenham a oportunidade de conhecer e valorizar as riquezas naturais da região. Mais do que recuperar cursos d'água, o projeto busca plantar no coração das crianças e jovens a semente do pertencimento, assegurando que o Oeste Baiano continue sendo a terra das águas por muitas e muitas gerações.

# Heterogeneidade socioambiental no Cerrado: por que investir em responsabilidade social?

Por Wallas Gabriel Calazans - Mr. Etnobiologia e Conservação;  
Matheus Ricardo Bárbaro Ribeiro - Geógrafo;  
Yanna Karoline Santos da Costa - Dra. Agrônoma

O domínio fitogeográfico do Cerrado, presente em 11 estados brasileiros e reconhecido como o “berço das águas”, caracteriza-se por sua expressiva heterogeneidade ambiental e sociocultural. Essa diversidade se reflete na presença de comunidades locais e tradicionais que têm diferentes modos de vida e atividades, como a pesca artesanal, a pecuária na solta, o extrativismo de espécies nativas e a agricultura familiar (Jolly et al. 2019). Nas últimas quatro décadas, em adição a esse cenário especificamente no oeste da Bahia, a expansão da agricultura mecanizada e em larga escala tem promovido profundas transformações ambientais, econômicas e sociais nesse território.

Diante dessa realidade, é importante destacar a relevância da convivência harmoniosa e do fortalecimento das relações entre os diferentes setores e atores presentes na região. Considerando que todos desempenham papéis importantes, para o desenvolvimento regional, a sustentabilidade deve orientar as dinâmicas do território. Nesse contexto, especialmente no que se refere à dimensão social e à construção

de relações de confiança entre os diferentes grupos, destaca-se o conceito de “Licença Social para Operar” (LSO).

Embora seja denominada “licença”, a LSO não se caracteriza como um documento oficial emitido por órgãos governamentais, instâncias políticas ou pelo ordenamento jurídico. Na prática, consiste em um processo permanente de interação, negociação e construção de legitimidade social junto às comunidades e à sociedade em geral, atuando de forma complementar às licenças regulatórias formais. (Mais informações em Licença social para operar e avaliação de impacto social: confiança e engajamento das comunidades anfitriãs / Santiago, 2019).

Partimos então da mesma visão da autora Santiago, 2019, de que há uma lacuna importante relacionada à percepção e à gestão dos riscos sob a perspectiva das comunidades locais. Embora as empresas realizem ações de investimento social privado, mantêm estratégias de comunicação e atendam a padrões internacionais de sustentabilidade, os conflitos e a fragilidade das relações com as comunidades

do entorno continuam presentes. Esses conflitos geram custos diretos e indiretos, incluindo horas de trabalho dedicadas pelos gerentes operacionais à sua mediação e resolução, além de impactos sobre a reputação do setor e outros custos de difícil mensuração. A gestão do relacionamento com as comunidades vizinhas e demais stakeholders ainda constitui um campo em consolidação no setor empresarial e agrícola. Em muitos casos, tais práticas são tratadas como secundárias ou pouco estratégicas, recebendo atenção limitada, apesar de sua relevância para a construção da legitimidade social.

Um exemplo do avanço das exigências relacionadas às questões socioambientais pode ser observado nas certificações socioambientais e de sustentabilidade. Entre elas, destaca-se a certificação “Algodão Brasileiro Responsável” (ABR), que atua em conjunto ao licenciamento da Better Cotton Initiative (BCI). A partir da safra 2024/2025, passou a vigorar um novo critério que questiona se a unidade produtiva adota medidas para identificar e mitigar os riscos sociais e/ou ambientais que suas operações

podem representar para as comunidades e áreas adjacentes, assim como os possíveis meios de comunicação. Iniciativas como essas evidenciam o fortalecimento progressivo das demandas por responsabilidade social e pela adoção de práticas voltadas ao relacionamento e à gestão de impactos junto às populações locais.

A agricultura em larga escala é marcada por uma série de benefícios, como a geração de emprego e renda, além da melhoria e transformação da infraestrutura regional. Entretanto, também está associada a diferentes desafios e custos sociais e ambientais, entre eles os conflitos territoriais, a percepção negativa relacionada ao uso de defensivos agrícolas e as disputas em torno do uso da água. Nesse contexto, estratégias pautadas na escuta ativa, no diálogo e na transparência das ações desenvolvidas tornam-se fundamentais para promover uma convivência mais harmoniosa entre os diferentes atores presentes no território.

Medidas como a comunicação prévia às comunidades sobre datas e locais de aplicação de defensivos agrícolas, a disponibilização de informações e dados relacionados

ao uso da água, bem como a ampliação da transparência acerca das licenças ambientais e das práticas adotadas pelas propriedades rurais, contribuem para fortalecer a confiança e reduzir conflitos. Além do cumprimento das exigências legais, torna-se cada vez mais relevante considerar também a percepção social sobre as atividades desempenhadas pelas unidades produtivas, reconhecendo que a legitimidade das operações depende não apenas das autorizações formais, mas também do diálogo contínuo com as comunidades adjacentes.

Esse tipo de interação com a comunidade pode enriquecer a compreensão sobre a história de uso e ocupação do território, as formas de utilização e acesso aos recursos locais, bem como as percepções das comunidades acerca dos impactos decorrentes das atividades agrícolas. Tal abordagem deve buscar compreender as motivações, preocupações, expectativas e critérios utilizados pelas populações locais na avaliação das operações produtivas e de seus efeitos sobre o território, elementos fundamentais para a construção e manutenção da LSO. A sistematização dessas informações

permite compreender como os moradores elaboram seus julgamentos, percepções e expectativas em relação à atividade agrícola, possibilitando a identificação de limites, desafios e oportunidades para o fortalecimento de estratégias de diálogo, transparência e engajamento social, respeitando os valores, as formas de organização e os modos de vida das populações envolvidas.

Dessa forma, o fortalecimento das relações entre o agronegócio e as populações locais mostra-se essencial para promover um desenvolvimento regional mais sustentável e socialmente legítimo no Cerrado baiano. Para além do atendimento às exigências legais e ambientais, ações baseadas no diálogo, na transparência, na escuta ativa e no respeito aos modos de vida locais tornam-se fundamentais para reduzir conflitos e ampliar a confiança entre os diferentes atores envolvidos. Nesse cenário, a Licença Social para Operar evidencia a importância das percepções locais acerca das atividades produtivas como elemento estratégico para garantir a responsabilidade social e reputação do setor produtivo no território.



# Dia de campo assentamento rio de ondas: soluções acessíveis e sustentáveis para a realidade do campo

**Por Michelle do Nascimento Vieira** - Assistente Social, MSc. Estado, Gobierno y Políticas Públicas, integrante do Projeto de Desenvolvimento de Comunidade – Parque Vida Cerrado (PVC);

**Adriano de Arruda** - Mestre em Sistemas de Produção pela Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus Ilha Solteira;

**Anderson Gonzaga de Oliveira** - Engenheiro agrônomo, função: extensionista-Parque Vida Cerrado (PVC)

**Lucas Souza Arrudas** - Doutor em Entomologia Agrícola- Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

**Débora da Silva Alves** - Mestre em Ciências Ambientais- Parque Vida Cerrado (PVC)

**Hugo Ricardo Campos Mendes** - Zootecnista Universidade estadual de montes claros (Unimontes)



## HISTÓRICO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADE

O Projeto de Desenvolvimento de Comunidade tem como objetivo fortalecer o tecido social local, fomentar o protagonismo comunitário e contribuir para a autonomia das associações rurais, com ações voltadas a agricultura familiar por meio da assistência técnica e da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs). Nesse contexto, em dezembro de 2022, o Parque Vida Cerrado, em parceria com a Cargill, iniciou as atividades no Assentamento Rio de Ondas, localizado entre Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, na Bahia.

O Assentamento Rio de Ondas foi criado em 1996 pela política de reforma agrária para cerca de 300 famílias. Entretanto, ao longo dos anos, o significativo crescimento populacional decorrente do desmembramento dos lotes e da ocupação de áreas comuns, o que resultou em novas demandas sociais, produtivas, ambientais e organizativas para o território.



## O DIA DE CAMPO

Realizado em 21 de março de 2025, o Dia de Campo foi uma estratégia de extensão rural participativa voltada ao fortalecimento da agricultura familiar e à promoção de práticas produtivas sustentáveis. A atividade, promovida pelo Parque Vida Cerrado no Assentamento Rio de Ondas, reuniu mais de 90 participantes, entre agricultores familiares, técnicos, lideranças comunitárias e instituições parceiras em um espaço de formação coletiva, intercâmbio de experiências e valorização dos saberes locais.

A programação contou com estações temáticas que abordaram práticas sustentáveis relacionadas à restauração ecológica do Cerrado, manejo e conservação do solo, nutrição e sanidade animal, Sistemas Agroflorestais (SAFs) e Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF).

Na estação de restauração, destacaram-se a coleta de sementes nativas e a técnica de muvuca para recuperação ambiental, evidenciando a participação comunitária e o protagonismo feminino por meio da atuação da Associação de Coletores de Sementes (ARSOBA). As discussões enfatizaram a importância da conservação do Cerrado e do uso sustentável dos recursos naturais como estratégia de desenvolvimento socioambiental do território.

As atividades sobre manejo e conservação do solo abordaram formação, cobertura e preservação do solo, utilizando metodologias participativas e linguagem acessível, favorecendo a aproximação entre o conhecimento técnico e a realidade das famílias agricultoras. Já na nutrição e sanidade animal, foram apresentadas estratégias voltadas à alimentação do rebanho e à prevenção de enfermidades, com destaque para o uso da

palma forrageira, produção de silagem e vacinação animal, práticas fundamentais para a sustentabilidade da pecuária familiar.

A programação também abordou os Sistemas Agroflorestais (SAFs) como estratégia produtiva baseada na integração entre recomposição florestal e produção sustentável de alimentos, promovendo melhoria da qualidade do solo, redução da dependência de insumos externos e consolidação da sustentabilidade produtiva. No Assentamento, cerca de 15 famílias iniciaram a implantação de SAFs voltados à produção para subsistência, desenvolvidos em sistema de mutirão, fortalecendo o trabalho coletivo e a troca de conhecimentos.

A estação dedicada ao Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF), conduzida por técnico da BAHIATER, ressaltou a importância do documento como instrumento de reconhecimento das famílias agricultoras e de acesso às políticas públicas e assistência técnica.

A experiência evidenciou a relevância das ações extensionistas participativas para o fortalecimento das organizações comu-

nitárias, promoção da sustentabilidade produtiva e ampliação da autonomia das famílias agricultoras, contribuindo para a construção coletiva de soluções adaptadas às especificidades do território rural.

Sendo assim, o Dia de Campo consolidou-se como uma experiência inovadora no Assentamento Rio de Ondas, especialmente por proporcionar, para cerca de 90% dos participantes, o primeiro contato com uma atividade formativa dessa natureza. A iniciativa representou não apenas um espaço de acesso a conhecimentos técnicos voltados à agricultura familiar e à sustentabilidade produtiva, mas também um importante instrumento de valorização dos saberes locais e estímulo à participação social. A integração entre agricultores, equipe técnica e instituições parceiras favoreceu a construção coletiva de soluções adaptadas à realidade do campo, ampliando as possibilidades de autonomia produtiva, inclusão social e fortalecimento das organizações comunitárias, evidenciando a relevância de ações extensionistas participativas no desenvolvimento rural sustentável.





# NASCENTES DO OESTE

**Cuidar da água hoje,  
para sustentar o amanhã.**

**+ de 200** em recuperação no  
**Nascentes** Cerrado baiano





# BAHIA FARM SHOW

**SOMOS  
UM SÓ**



**08 A 13  
DE JUNHO**

**LUÍS EDUARDO MAGALHÃES | BAHIA | BRASIL**

**FAÇA PARTE DESTA  
EDIÇÃO HISTÓRICA!**



REALIZAÇÃO



APOIO



ASSOMIBA

